Artigo

CADERNOS de TRADUÇÃO

A tradução do cap. I da obra *Noticias auténticas del famoso río Marañón* (c. 1738), do Padre Pablo Maroni, e sua relevância para a memória colonial e estudos amazônicos

The translation of chapter I of the work *Noticias auténticas del famoso río Marañón* (c. 1738), by Father Pablo Maroni, and its relevance for colonial memory and Amazon studies

Samuel Luzeiro Lucena de Medeiros
Universidade Federal do Amazonas
Manaus, Amazonas, Brasil
samuelmedeiroscomp@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-0455-5877

Tatiana de Lima Pedrosa Santos
Universidade do Estado do Amazonas
Manaus, Amazonas, Brasil
tatixpedrosa@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0002-4642-0444

Walter Carlos Costa
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil
walter.costa@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-5853-0950

Resumo: Este trabalho apresenta de forma sintetizada algumas considerações referentes ao processo de tradução e análise do capítulo I da primeira parte do diário histórico *Noticias auténticas del famoso río Marañón y Misión Apostólica de la Compañía de Jesús de la Provincia de Quito en los dilatados bosques de dicho río*, escrito pelo missionário Pe. Pablo Maroni no final da década de 1730, enquanto missionava na Província espanhola de Quitos. Também são introduzidos e contextualizados os cenários histórico e político para a presença jesuítica na Amazônia daquele período. Ao final da tradução do capítulo rico em detalhes sobre a região do Rio *Marañón*, tanto a espanhola quanto a sua porção ocupada pelos portugueses (Rio Amazonas), somos apresentados a aspectos da vida econômica, social e política das populações daquela região. Consultamos o texto original em diferentes edições, para apresentar um texto em espanhol e em português o mais preciso possível, dando especial atenção ao vocabulário da época. Esperamos que a edição bilíngue deste capítulo

contribua para um maior conhecimento da ainda pouco conhecida primeira parte desta obra excepcional e de grande valor para a história da Amazônia Colonial.
Palavras-chave: Amazônia colonial; Pe. Pablo Maroni; tradução; crônica jesuíta; *Marañón*.

Abstract: This paper presents in short form some considerations regarding the process of translation and analysis of chapter I of the first part of the historical diary *Noticias auténticas del famoso río Marañón y Misión Apostólica de la Compañía de Jesús de la Provincia de Quito en los dilatados bosques de dicho río*, written by the missionary Father Pablo Maroni in the late 1730s while he was a missionary in the Spanish Province of Quitos. The historical and political scenarios for the Jesuit presence in the Amazon during that period are also introduced and contextualized. At the end of the translation of the chapter, which is rich in details about the Marañón River region, both the Spanish region and the portion occupied by the Portuguese (Amazon river), we are introduced to aspects of the economic, social and political life of the populations of that region. We consulted the original text in different editions, in order to present a text in Spanish and Portuguese that is as accurate as possible, paying special attention to the vocabulary of the time. We hope that the bilingual edition of this chapter will contribute to a greater understanding of the still little-known first part of this exceptional work of great value for the history of Colonial Amazon.
Keywords: colonial Amazon; Fr. Pablo Maroni; translation; jesuit chronicle; *Marañón*.

1. Introdução

A obra *Noticias auténticas del famoso río Marañón y Misión Apostólica de la Compañía de Jesús de la Provincia de Quito en los dilatados bosques de dicho río* consiste na compilação realizada pelo acadêmico espanhol Marcos Jiménez de La Espada de um diário escrito pelo missionário Padre Pablo Maroni (1889), jesuíta espanhol que desenvolveu suas atividades na Província Jesuítica de Quito durante a primeira metade dos setecentos. Este foi o texto que escolhemos a fim de realizarmos uma tradução para a língua portuguesa, selecionando o capítulo primeiro. Vale destacarmos que esse jesuíta documentou suas observações sobre o rio *Marañón* (como o Amazonas era chamado nas partes espanholas) por volta de 1738, e, apesar de inconcluso, oferece um registro histórico de valor inestimável[1].

É fundamental observar que o relato de Maroni se insere no contexto das crônicas missionárias jesuíticas nas novas terras do mundo colonial. Não se pode ignorar que sua obra dialoga com outros cronistas anteriores e coevos, como o Padre Vieira, que comparava a magnitude do Amazonas ao Mar Mediterrâneo, ressaltando sua importância estratégica. Outros, que vieram depois, aproveitaram largamente os resultados do trabalho de Maroni, como é de conhecimento geral no caso da expedição de La Condamine, cronista que já analisamos há alguns anos (Medeiros et al., 2020).

[1] Apesar da informação encontrada na compilação e publicação de 1889, a *Enciclopédia Católica* (Huonder, 1913) e a Real Academia de História da Espanha (Castelo, 2022) nos dão a entender, do mesmo modo que as anotações do seu próprio diário, que Maroni começou a reunir informações para o seu diário compilado a partir de 1723 ou 1724, ano em que chegou à Província de Quito; Santos (2017, 2021) sugere o início da escrita por volta de 1730 ou 1732; ele a teria paralisado depois de 1742, após longo adoecimento.

Nesse sentido, é relevante mencionar que nossa tradução cumpre um papel essencial ao possibilitar o acesso a uma fonte histórica fundamental para o estudo da porção ocidental da América Colonial do século XVIII, ampliando as possibilidades de análise sobre a Amazônia Colonial. Faz-se necessário destacar, assim, sua relevância como documento missionário jesuítico e sua contribuição, ainda que de conhecimento tardio, para os estudos amazônicos. Buscamos contextualizar a produção original dentro da práxis das crônicas coloniais, examinar o processo tradutório e seus critérios metodológicos, e avaliar o impacto da obra no conhecimento histórico sobre a região. Portanto, ao refletir sobre a importância de uma tradução comentada de fontes primárias, demonstramos como este trabalho enriquece a pesquisa de caráter interdisciplinar, oferecendo novos *insights* sobre as complexas relações entre missionários, indígenas e território no período colonial, além de subsidiar discussões contemporâneas sobre representações culturais e o legado histórico da Amazônia.

A realização deste trabalho baseou-se em uma abordagem metodológica que articulou pesquisa documental, análise textual e tradução crítica. Convém sublinhar que sua metodologia considerou não apenas a transcrição filológica primeira do manuscrito original em espanhol setecentista, mas também a elaboração de um aparato crítico com as considerações aqui apresentadas, que contextualizam termos geográficos, etnográficos e históricos, enriquecendo substancialmente a compreensão do texto. Nesse sentido, buscamos respeitar sua linguagem setecentista durante o processo tradutório, mas usando o português brasileiro atual.

Uma dificuldade foi observada ao tratarmos dos termos geográficos, nomes próprios, etnoculturais e religiosos. Para eles, decidimos respeitar a nomenclatura da época, traduzindo, para além das porções gerais do texto, apenas quando de expressões idiomáticas e quando a tradução não comprometeria o entendimento daquele determinado trecho. Outro problema encontrado foi a conversão das unidades de medida, comprimento e temperatura, considerando que é problemático indicar a sua equivalência por meio dos padrões atuais. Assim, decidimos manter aquelas utilizadas pelo autor, o que permite acesso a parâmetros unitários relativos, suficientes para o público leitor ter noção do que o autor pretendia indicar.

Também nos valemos de uma análise comparativa com outras fontes históricas para verificar a precisão e o contexto colonial das descrições de Maroni. Além de sua primeira publicação realizada em Madrid, em 1889, consultamos a mais recente a trazer uma transcrição dos manuscritos originais, publicada por uma equipe de acadêmicos peruanos no ano de 1988. Ao fim, propomos uma reflexão sobre o valor da tradução para democratizar o acesso à obra e fomentar pesquisas interdisciplinares sobre a Amazônia.

2. Pablo Maroni: de missionário a "geômetra e geógrafo distinto"

O elogio acima às qualidades de Maroni, tardio e que reconhecia em sua figura o que de mais apreciável havia no campo científico dos oitocentos, foi feito pelo político e também sacerdote Federico González Suárez (1903), que o colocou no centro da história equatoriana como um dos jesuítas mais importantes, e não apenas por sua larga ação missionária, senão pelos trabalhos cartográficos e etnográficos que deixou. Cabe ressaltar que seus trabalhos começaram a ser profusamente produzidos pouco depois de seu ingresso na vida religiosa, fato que se deve

provavelmente ao amplo aparato financeiro e documental que passou a ter disponível a partir da instituição religiosa.

Pablo Maroni teria nascido na região italiana de Friuli, em 1° de novembro de 1695[2]. Depois de um período vocacional durante a sua juventude, ingressou na Ordem de Loyola (Companhia de Jesus) em 27 de outubro de 1712[3], sendo recebido pela Província Jesuítica da Áustria. Seguindo os passos de muitos de seus companheiros alemães e austríacos daquele tempo (Huonder, 1913), foi incorporado à Província Jesuítica de Quito na região do Alto *Marañón*, o que teria se dado em 1723[4]. Já em Quito, após estudar teologia e as regras da Ordem, professou seus quatro votos em 1730, começando logo em seguida sua atividade missionária de campo pela região amazônica, especialmente pelo Rio Negro. Ali viria a adoecer gravemente, fato que o levaria em 1731 a passar breve período em *Santiago de la Laguna*, capital da Missões de *Maynas* (Santos, 2017), seguindo no ano seguinte para o Colégio de Quito. Foi provavelmente nesse período que atuou ali como professor de Teologia (Huonder, 1913).

Em 1735, o Pe. Visitador, Andrés de Zárate mandou-lhe continuar o recolhimento de notícias das missões, que levou a cabo por suas observações em campo e pela consulta aos arquivos do Colégio Jesuíta de Quito. Foi indicado por Zárate, juntamente ao Pe. Bastidas, para supervisionar as missões do Napo, e aproveitou também sua passagem pelas missões orientais de *San Pedro de Aguarico* e *San Xavier de los Yaahuates* entre 1737 e 1738 para seguir reunindo informações para o seu trabalho acerca das missões da região. Constantemente doente, outra vez agravado em 1740, retornou a Quito, sendo enviado dois anos depois ao Colégio Jesuíta do Panamá, sendo ali empossado como Reitor. Ele teria aproveitado esse tempo longe das missões para continuar a escrita. Depois de ter missionado os *Guaimíes* até 1747, tomado por "amargo pessimismo" (Castelo, 2022), retornou à Província de Quito, onde faleceu em 23 de novembro de 1757[5].

Anthony Huonder (1913) reconheceu em Maroni não apenas um grande teólogo, mas também como alguém que teve

> [...] grande sucesso como missionário aos índios nos rios Napo e Aguarico, convertendo grande número das tribos à fé cristã e fundando uma série de novas reduções (assentamentos de índios convertidos). Ao mesmo tempo, ele fez grande serviço em explorar cuidadosamente aquelas regiões, serviços que foram devidamente reconhecidos pelo geógrafo francês La Condamine [...]. Maroni deixou para trás um grande número de trabalhos valiosos que apenas recentemente foram publicados[6] (Huonder, 1913, p. 683).

Maroni, conforme aludido por Huonder acima, deixou larga produção intelectual. Para além das inúmeras cartas e do diário de suas *Noticias*, são de sua autoria a *Topographia Magni Regni*

[2] Concordam com a data Huonder (1913) e a *Real Academia de la Historia* (Castelo, 2022), enquanto Suárez (1903) coloca Pádua como seu local de nascimento.
[3] Santos (2021), por sua vez, indica o dia 28 daquele mesmo mês e ano como a data de seu ingresso na Companhia.
[4] Santos (2021) e a *Real Academia de la Historia* (Castelo, 2022) dão como data de sua chegada ao centro da Província de Quito o ano de 1924.
[5] Santos (2021) indica como seu local de falecimento a cidade de Guayaquil.
[6] Tradução nossa do trecho: "great success as Indian missionary on the rivers Napo and Aguarico, converting a number of tribes to the Christian faith and founding a series of new reduciónes (i.e. settlements of converted Indians). At the same time he did great service in carefully exploring those regions, services which were duly acknowledged by the French geographer La Condamine [...]. Maroni left behind him a number of valuable works which have only recently been published".

Hungariae (1718), obra vultosa para a época, com 371 páginas; *Mapa del país entre la parte inferior del Napo desde el Coca hasta el río de las Amazonas* (173-?), reaproveitado e assimilado por La Condamine e pelo geógrafo Jean Baptiste Bourguignon D'Anville na década seguinte; *Diario de la entrada que hizo el P. Pablo Maroni de la C. d. J. por el rio coriño ó Pastaza […] el año 1737*, publicado pela primeira vez em 1895; entre muitos outros.

Ao resumir o legado de Maroni, Suárez (1903) escreveu:

> [...] autor jesuíta, de nação italiana, missionário ele mesmo no *Marañón*, o Padre Pablo Maroni, redigiu e compilou em castelhano uma história prolixa das missões dos jesuítas no Amazonas.—O Padre Maroni teve em sua mão para compor sua obra numerosos apontamentos, diários, narrativas e outros documentos manuscritos dos arquivos do colégio de Quito e das casas das missões, e soube servir-se deles com acerto e fidelidade: abunda em notícias, narra com ingenuidade e se manifesta sincero em suas apreciações. Sua piedade lhe induz a dar crédito a feitos quase inverossímeis, que refere com candor; e o amor ao seu instinto lhe inspira entusiasmo ao contar as proezas evangélicas de seus irmãos e colegas. —O estilo é simples: a linguagem poderia se qualificar de pura, se, no caso, não tivesse tantos italianismos, os quais faz conhecer que o autor redigia sua história em um idioma, que não era o seu materno[7] (Suárez, 1903, p. 67).

Sobre as suas *Noticias* do *Marañón*, texto sobre o qual nos debruçamos no presente trabalho, a opinião geral acadêmica a coloca como a obra magna de sua carreira. Na opinião de Castelo, representando a *Real Academia de la Historia*:

> O livro, riquíssimo de materiais para o conhecimento da grande empresa missionária dos jesuítas quitenhos no Amazonas, resume textos anteriores de outros jesuítas, faz a topografia. dessas regiões tão pouco conhecidas, atende a fauna e apresenta costumes e língua dos povoadores destas selvas (Castelo, 2022, § 9)[8].

Nas palavras de Santos (2021), ao analisar o papel de Maroni na política missões jesuíticas da região de *Maynas* no *Marañón*, as *Notícias Autênticas do Famoso Rio Marañón* contêm um retrato do estado dos trabalhos missionários durante o seu apogeu e recessão.

> A obra está dividida em três partes. Na primeira parte, *Noticias generales que recogió el autor siendo misionero en este río*, Maroni fez uma descrição detalhada da localização e geografia dos rios, dos animais, da vegetação – inclusive apontando a possibilidade de comercializar alguns produtos da natureza local – e das populações indígenas, suas línguas e seus costumes. Na segunda parte, *Noticias de las misiones más antiguas del Marañón*, Maroni descreveu as primeiras experiências dos missionários jesuítas no Marañón ainda em fins do século XVI e a fundação das primeiras missões em Maynas e seu desenvolvimento durante o século XVII. Na terceira parte, *Noticias de las misiones más modernas del Marañón*, Maroni descreveu o desenvolvimento das Missões de Maynas durante o final do século XVII e início do XVIII.

[7] Tradução nossa do trecho: "*[...] autor jesuíta, de nación italiano, misionero él mismo en el Marañón, el Padre Pablo Maroni, redactó y compiló en castellano una historia prolija de las misiones de los jesuitas en el Amazonas.—El Padre Maroni tuvo en su mano para componer su obra numerosos apuntes, diarios, narraciones y otros documentos manuscritos de los archivos del colegio de Quito y de las casas de las misiones, y supo servirse de ellos con acierto y fidelidad: abunda en noticias, narra con ingenuidad y se manifiesta sincero en sus apreciaciones. Su piedad le induce á dar crédito á hechos casi inverosímiles, que refiere con candor; y el amor á su instinto le inspira entusiasmo al contar las proezas evangélicas de sus hermanos y colegas. —El estilo es sencillo: el lenguaje pudiera calificarse de puro, si, acaso, no tuviera tantos italianismos, los cuales hacen conocer que el autor redactaba su historia en un idioma, que no era el suyo materno*".

[8] Tradução nossa do trecho: "*El libro, riquísimo de materiales para el conocimiento de la gran empresa misional de los jesuitas quiteños en el Amazonas, resume textos anteriores de otros jesuitas, hace la topografía de esas regiones tan poco conocidas, atiende a la fauna y presenta costumbres y lengua de los pobladores de esas selvas*".

> Destacamos que, no terceiro capítulo desta última parte, Pablo Maroni fez a transcrição do diário do Padre Samuel Fritz e, no capítulo quarto, fez transcrições de algumas cartas do Padre Carlos Bretano, escritas já na década de 1730 (a última carta é de 1738). Sua obra, apesar de inconclusa, oferece-nos um panorama do apogeu e, logo depois, da recessão da atividade jesuítica nas Missões de Maynas (Santos, 2021, p. 14).

Assim, de acordo com Bombardi (2024, p. 23), as notícias da referida obra de Maroni, "constituem-se enquanto documento bem mais amplo, que conta com importantes descrições sobre as populações indígenas missionadas por padres da Província de Quito, bem como sobre os grupos indígenas habitantes do rio Negro". Desse modo, seus escritos vão além de mero registro dos aspectos religiosos e administrativos das missões jesuíticas da região, deixando-se vislumbrar elementos geográficos, naturais, culturais, sociais, entre outros que saltam aos olhos durante a leitura de suas *Noticias*.

O Padre Pablo Maroni ficou, portanto, registrado entre as figuras mais importantes para a história da colonização espanhola da Amazônia e da região equatoriana. Sua leitura é fundamental a quem se propõe estudar a ação jesuítica na Amazônia e a etnografia da região. De igual importância, sua obra surge como fonte também aos estudos geográficos, como se dirá a seguir.

3. O Rio *Marañón* e sua importância geográfica

A descrição do rio *Marañón* como um dos mais extensos da América do Sul, com suas águas doces permanecendo por mais de 80 léguas após desembocar no oceano, sintetiza de maneira exemplar o detalhamento dos registros de Maroni, que temos o prazer de disponibilizar como resultado desta nossa tradução. Esta passagem, revela meticulosamente e simultaneamente: o rigor descritivo de Maroni como cronista jesuíta, as impressionantes características hidrográficas que maravilharam os observadores coloniais, e o potencial interdisciplinar da obra ao integrar dados empíricos/observativos (o método científico em voga à época) com percepções culturais setecentistas, como outros trechos o fazem notar por meio de um fenômeno que hoje chamamos de Tradução Cultural. Assim, para além de recuperar um importante documento histórico, também o tornamos acessível para análises contemporâneas sobre a geografia, cultura e o imaginário colonial amazônico, como já o enxergava Suárez (1903).

Desde as primeiras representações da cartografia do rio Amazonas ou *Marañón*, como se vê de forma incipiente no mapa da América Meridional (*Queen Mary Atlas*) de Diogo Homem (1558), a atenção à representação de seu curso "além de poder ser entendida como um exemplar 'artístico' do período, também pode ser contextualizada historicamente e reinserida dentro de uma interpretação baseada no processo de invenção da América, em que o rio Amazonas estava diretamente relacionado" (Rabelo, 2020, p. 1). Consoante, a partir desse processo, outros europeus buscaram dar sentido à geografia do descobrimento das novas terras americanas, entre eles Pablo Maroni na primeira metade do século XVIII (Figura 1).

Figura 1. *Carta do curso do Marañón ou do Grande Rio das Amazonas* (174-?), mapa de La Condamine que reaproveitou a antiga Carta do Pe. Pablo Maroni (173-?)



Fonte: Biblioteca Digital Luso-Brasileira (174-?).

É crucial apontar que Maroni, em seus estudos geográficos pioneiros, valendo-se também do trabalho cartográfico do Pe. Samuel Fritz, atribui a origem do rio *Marañón* à lagoa *Auricocha*, na serra de Bombo – descrição notável pela precisão hidrográfica em pleno século XVIII. Curiosamente, seu relato não se limita aos dados físicos: ao documentar as lendas indígenas sobre tesouros escondidos na lagoa, Maroni demonstra como a geografia missionária integrava saberes locais ao conhecimento científico, antecipando uma abordagem interdisciplinar que só seria valorizada séculos depois.

É digno de nota que seus estudos geográficos também se dedicaram à toponímia do rio, analisando criticamente as denominações *Marañón* (referente ao capitão explorador espanhol), *Orellana* e Amazonas. Vale ressaltar que, ao expressar ceticismo quanto às narrativas fantásticas sobre mulheres guerreiras, Maroni privilegiava observações empíricas e dados verificáveis, estabelecendo um padrão metodológico rigoroso para a cartografia jesuítica. Sua obra, assim, transcende o mero registro topográfico, revelando-se fundamental para compreender tanto a geofísica quanto a construção cultural da Amazônia colonial.

3.1 Afluentes, navegação e desafios geográficos

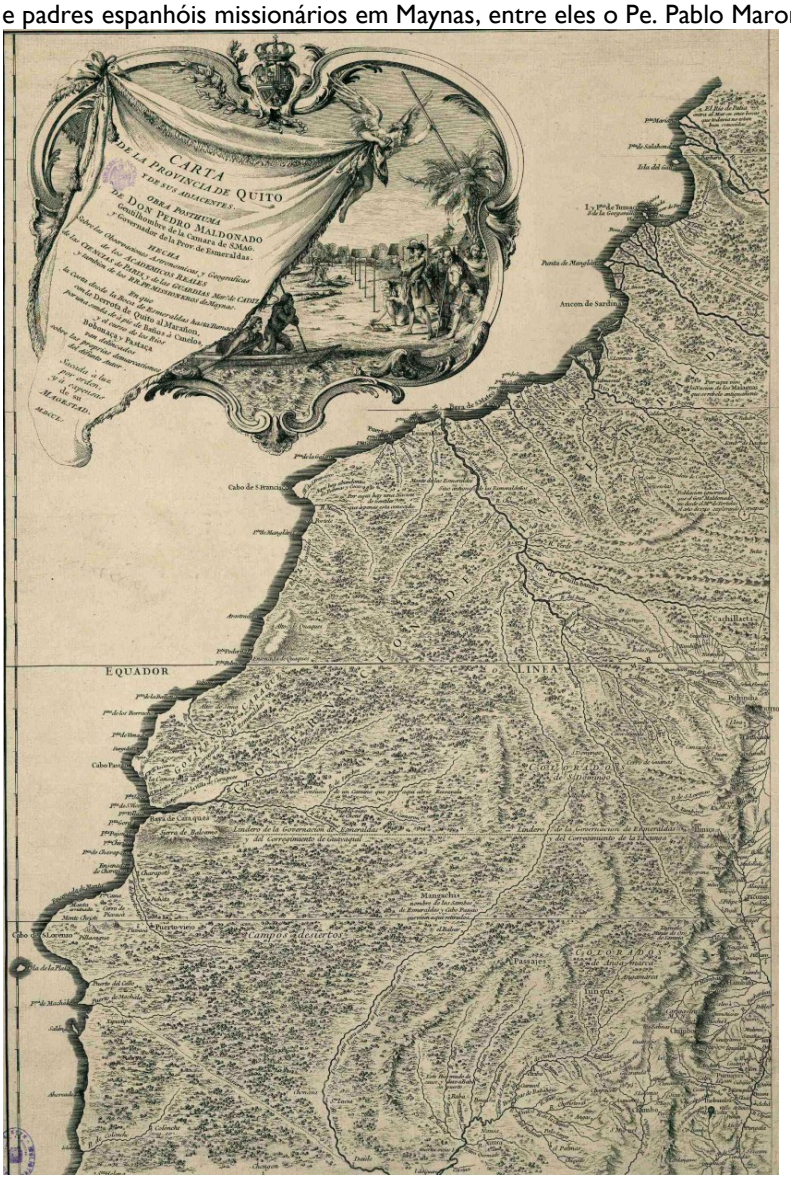
Primeiramente, é importante enfatizar que a análise dos afluentes constitui aspecto fundamental da obra de Maroni. Entre os cursos d'água citados, destaca-se sua refutação à ideia de que o rio Napo seria o curso principal da bacia, argumentando com precisão hidrográfica que o *Marañón* apresentava maior volume e navegabilidade, consolidando-se como eixo central da rede fluvial regional. Esta observação revela não apenas o rigor científico do missionário, mas também sua compreensão da dinâmica hidrológica amazônica.

No que concerne aos desafios da navegação, é notável observar como Maroni documentou os perigos do estreito de Pongo, cujas correntes violentas e formações rochosas representavam obstáculos "intransponíveis" para as expedições. Não se pode esquecer que a proximidade da cidade

de *San Francisco de Borja*, estrategicamente posicionada, servia como importante base logística para as atividades missionárias, evidenciando a interação entre geografia física e ocupação humana no período colonial.

Por fim, é relevante mencionar que Maroni registrou com especial atenção as características singulares de afluentes como o Pastaza e o *Guallaga*. Particularmente interessante é sua descrição da lenda associada ao rio Tigre – onde supostamente habitava um felino monstruoso – que além de ilustrar os temores locais, demonstra como o imaginário indígena se entrelaçava com a percepção geográfica do território (Figura 2). Estes registros transcendem o mero inventário hidrográfico, oferecendo uma visão integrada da paisagem natural e cultural da Amazônia setecentista, hoje estudadas pelas lentes da Tradução Cultural.

Figura 2: Recorte inicial da *Carta da Província de Quito* e *Marañón*, de acordo com as contribuições de acadêmicos franceses e padres espanhóis missionários em Maynas, entre eles o Pe. Pablo Maroni (1750)



Fonte: Maldonado Flores (1750, adaptado).

Cadernos de Tradução, *46*(n. esp. 1), 2026, e114851
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. ISSN 2175-7968
DOI: https://doi.org/10.5007/2175-7968.2026.e114851

4. Populações indígenas e a ação missionária

Devemos destacar que Maroni registrou com notável acuidade a presença de diversas nações indígenas ao longo dos rios da região, oferecendo um panorama abrangente da sociodiversidade amazônica no século XVIII, ainda que quase sempre ressalte as matanças e o quase desaparecimento de alguns povos. Chama particular atenção sua descrição da resistência dos *Xíbaros*, cuja capacidade de enfrentamento ao colonialismo contrastava com as estratégias narrativas dos *Omágua*, que elaborariam relatos fantásticos – como as supostas amazonas – como forma de mediação cultural com os europeus. Esses registros revelam não apenas o olhar missionário, mas também as complexas estratégias de interação e sobrevivência dos povos nativos.

É significativo apontar que grupos como os *Yurimaguas* - fugitivos da expansão portuguesa no Grão-Pará – e os *Cocama*, estabelecidos às margens do *Ucayale*, exemplificam em seus relatos a rica diversidade étnica da região, apontando para movimentos migratórios que transitavam entre terras invadidas por portugueses e espanhóis. Não se pode negar que as reduções jesuíticas entre os *Yameos*, por exemplo, representavam tentativas sistemáticas de reorganização do espaço colonial, onde fatores como o clima mais ameno e a menor incidência de doenças facilitavam a fixação das missões e a permanência dos missionários, demonstrando a relação entre ambiente e projetos políticos de conversão religiosa.

Notamos que o diário do Pe. Maroni sobre sua expedição à província de *La Canela*, em 1737, detalha com precisão os múltiplos desafios da evangelização, desde as barreiras linguísticas até as dificuldades de adaptação ao meio físico. Sobretudo, seus registros revelam como os jesuítas combinavam de forma singular o projeto religioso com minuciosos levantamentos geográficos e etnográficos, produzindo documentos que ultrapassaram o propósito missionário original para se tornarem fontes científicas de primeira ordem.

Quanto o movimento missionário jesuítico na região da Província de Quito, especialmente das Missões de *Maynas*, Santos (2021) propõe a seguinte reflexão:

> Padre Maroni, assim como os demais missionários de Maynas daquele momento, vivenciou todo o processo de expansão das missões jesuíticas no Marañón e, em suas *Noticias*, denunciou o descaso das autoridades coloniais para com a região e a situação arriscada em que se encontravam os jesuítas em trabalho missionário por aquelas partes limítrofes do império espanhol.
>
> Padre Maroni não fugia da ideia de que a aplicação do projeto missionário seria ideal para promover a ocupação dos territórios de Maynas, pois os índios eram a maioria da população nos *pueblos*, por isso a importância do projeto evangelizador dos jesuítas, não apenas para formar índios cristãos, mas para transformá-los em vassalos da coroa espanhola.
>
> Na sua concepção, para o bom funcionamento das missões, seria essencial a presença de colonos espanhóis em duas frentes: a militar, compondo escoltas armadas diretamente subordinadas ao missionário, e a civil, composta por homens dispostos a viver nos *pueblos*.
>
> Como dito anteriormente, é importante ressaltar que, aos missionários de Maynas, era permitido que tivessem uma escolta, de pelo menos dois soldados, para a garantia de sua segurança. Embora essa permissão estivesse regulamentada, pouco se cumpria. A necessidade da escolta para o êxito do projeto missionário era inquestionável, inclusive esse era um ponto de concordância entre todos aqueles que conheceram a realidade do Marañón e constantemente era reafirmado pelo Padre Maroni [...].
>
> Para Maroni, essa escolta também poderia ser composta por índios cristãos, e não apenas por soldados colonos, desde que a esses índios fossem dadas armas para a garantia da proteção e segurança dos missionários e de seus intérpretes. Segundo Maroni, essa situação

> de decadência em que se encontravam as escoltas armadas de Maynas foi se agravando com o passar do tempo [...].
> A partir dos relatos de Maroni, podemos inferir que a formação de uma escolta armada que acompanhasse os missionários em seu trabalho era de extrema importância para o bom funcionamento das missões. Sem a presença dos soldados, os jesuítas ficavam vulneráveis em suas incursões, principalmente pela constante ameaça de ataques dos índios ainda não reduzidos, mas também ficavam expostos, nas missões já fundadas, aos assaltos dos colonos portugueses que promoviam entradas cada vez mais frequentes e agressivas na região. [...]
> Para que o processo de catequização dos índios obtivesse o sucesso esperado pelos jesuítas nas Missões de Maynas, seria necessário realizar a integração entre os índios reduzidos e os *pueblos* cristãos [...] (Santos, 2021, pp. 14–15).

Assim, Maroni apresentava um caminho para a manutenção dos trabalhos missionários em *Maynas*, propondo "a integração política e religiosa entre os índios e os colonos residentes nas cidades mais próximas [...]. Isso efetivamente nunca se concretizou, principalmente porque o acesso a estas cidades [...] era muito difícil e sua população diminuta" (Santos, 2017, p. 9). Era, na verdade, uma melhoria do modelo já aplicado desde os tempos de Acuña e Fritz, destacando "dois pontos que, em sua visão, eram fundamentais para o desenvolvimento daquelas missões: a necessidade de escolta armada para segurança e proteção dos missionários e a fundação de vila ou povoados de colonos as áreas próximas às reduções" (Santos, 2021, p. 17).

A obra de Maroni assume especial relevância ao demonstrar como a ação missionária jesuítica na Amazônia produziu, paradoxalmente, alguns dos primeiros registros sistemáticos sobre a organização social e territorial dos povos indígenas. Seu relato, embora marcado pela visão de mundo colonial europeia, preserva informações preciosas sobre modos de vida que sofreram profundas transformações, constituindo-se hoje em documento indispensável tanto para a história indígena quanto para os estudos sobre a expansão das fronteiras do império português e, especialmente, espanhol na América do Sul.

5. Lendas e a construção do imaginário colonial

Quanto à presença de subjetividade e mentalidade em seus registros, é relevante analisar como Maroni abordou as narrativas míticas e lendárias que circulavam pela Amazônia colonial de seu tempo. Embora tratasse com visível ceticismo as lendas sobre amazonas e anões – tão caras ao imaginário europeu desde as primeiras crônicas do século XVI –, sua decisão de incluí-las em seu relato demonstra como esses elementos fabulosos permaneciam como parte integrante do processo de construção do conhecimento geográfico. Essa aparente contradição entre rigor descritivo e reprodução de mitos reflete a complexa dinâmica de Tradução Cultural, onde relatos indígenas eram reinterpretados através das lentes ocidentais, alimentando tanto a curiosidade científica quanto as fantasias coloniais.

Esse conceito já foi apresentado por nós em trabalho de tradução anterior, conforme trecho abaixo:

> A tradução cultural apenas existe por um fenômeno inerente à espécie humana, que é social por natureza: o encontro com o outro. Este encontro é muito mais que uma simples proximidade física, já que dele decorrem encontros étnicos, culturais, fenomenológicos, linguísticos, e outros, todos interligados e dependentes da diferença [...].

> A tradução cultural poderia ser, então, explicada como o estudo dos fenômenos de tradução que se encontram no campo representacional, simbólico e cultural (Medeiros et al., 2020, pp. 27–28).

Se, para Suárez (1903, p. 67), o Padre missionário havia demonstrado "ingenuidade e sinceridade em suas apreciações", dando "crédito a feitos quase inverossímeis, que refere com candor", hoje podemos ver com olhar interpretativo por outros prismas, aquele das representações do imaginário e das mentalidades. Particularmente significativa é a análise que Maroni faz da lenda do tigre do rio Tigre, que ultrapassa o mero registro folclórico. Ao documentar essa narrativa associada ao medo indígena, o missionário reforçava inconscientemente a representação da Amazônia como espaço selvagem e ameaçador, categoria mental que servia tanto para justificar a empreitada civilizatória da Igreja quanto para orientar a cartografia da época. Essas construções simbólicas, como demonstra o texto, não eram meras curiosidades etnográficas, mas elementos ativos na configuração das políticas de ocupação territorial e na própria percepção europeia do Novo Mundo (Figura 3).

Figura 3: Representação alegórica do triunfo jesuítico ao redor do mundo, com destaque para a sobreposição institucional da Igreja sobre povos nativos (séc. XVIII)



Fonte: Rosa (2019).

Cadernos de Tradução, *46*(n. esp. 1), 2026, e114851
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. ISSN 2175-7968
DOI: https://doi.org/10.5007/2175-7968.2026.e114851

6. A tradução como contribuição acadêmica

A disponibilização em português da obra de Maroni, ao menos de seu primeiro capítulo, representa uma contribuição fundamental para os estudos amazônicos, ao democratizar o acesso a uma fonte primária essencial. É com orgulho e alegria que apresentamos esta tradução, fruto do meticuloso trabalho a seis mãos de pesquisadores brasileiros atuantes em diferentes partes do Brasil. Ainda que antes disponível em espanhol, a tradução de deixamos é vista como uma superação ainda maior as barreiras linguísticas que por séculos limitaram a circulação desse documento histórico aos falantes ou conhecedores da língua espanhola, permitindo que agora a comunidade acadêmica brasileira e as falantes da língua portuguesa possam dialogar diretamente com os registros setecentistas sobre a geografia e os povos da porção ocidental da bacia amazônica. Tal iniciativa não apenas preserva a memória documental, mas também atualiza seu potencial analítico para investigações contemporâneas.

O caráter interinstitucional e interdisciplinar deste projeto traduz um avanço metodológico significativo no tratamento de fontes históricas coloniais. É importante frisar que a colaboração entre especialistas em história, arqueologia e tradução produziu o resultado interdisciplinar e abrangente que ora entregamos.

Por fim, é pertinente destacar o significado político-acadêmico desta empreitada tradutória. Se a primeira edição, publicada apenas em 1889, respondia aos interesses europeus de catalogação colonial, a presente tradução promove uma autêntica reapropriação crítica latino-americana do documento. Evidentemente, esse movimento epistemológico é crucial para reequilibrar as narrativas sobre a Amazônia, deslocando o eixo interpretativo das antigas metrópoles para os países que hoje abrigam os territórios e povos descritos por Maroni. Dessa forma, o artigo e a tradução não apenas disponibilizam uma fonte histórica, mas também a reinsere no debate acadêmico como instrumento para repensar, a partir de novas perspectivas, a complexa formação socioespacial da região.

7. Considerações finais

Em síntese, a tradução comentada de *Notícias Autênticas do Famoso Rio Marañón* consolida-se como contribuição essencial aos estudos amazônicos, ao oferecer acesso direto a um dos registros mais detalhados sobre a geografia, hidrografia e sociodiversidade da Amazônia setecentista. É incontestável que a obra, agora com o primeiro capítulo disponível em português, não apenas preserva a visão pioneira de Maroni como missionário-cientista, mas também revela as complexas dinâmicas entre os projetos coloniais e as realidades indígenas, constituindo-se em fonte primária de valor inestimável para compreender a formação histórica da região Amazônica.

Por fim, a dupla dimensão da obra de Maroni – como documento histórico e produto de mediação cultural (a Tradução Cultural) – revela-se indispensável para iluminar a intrincada relação entre natureza, identidades culturais indígenas e colonização. É evidente que esta tradução, ao resgatar vozes e paisagens do século XVIII, oferece instrumentos teóricos e empíricos para repensar, com maior profundidade, tanto os legados coloniais quanto as resistências indígenas que conformaram a Amazônia contemporânea. Assim, o trabalho ultrapassa seu caráter acadêmico imediato, transformando-se em ferramenta crítica para a reconstrução das memórias e identidades da região.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro à pesquisa. À equipe do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (CAPES/PROCAD) no âmbito Amazônia e instituições envolvidas no projeto aprovado para o sexênio 2018-2023: UEA, UFPA e UFSC. Os laços criados a partir desse projeto ainda persistem e possibilitam produções colaborativas como esta. Ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (NIPAAM), pelos recursos humanos e documentais.

Referências

Bombardi, F. A. (2024). *Redes indígenas e missionárias: descimentos carmelitas e reduções jesuíticas entre Omáguas, Yurimáguas, Aysuares e Manas (1686-1757).* [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo. https://repositorio.usp.br/item/003213358

Castelo, H. R. (2022). Biografía de Pablo Maroni. *Real Academia de la Historia*. https://dbe.rah.es/biografias/20615/pablo-maroni

Chaumeil, J. P. (Ed.), Maroni, P. (1988 [c. 1738]). *Noticias auténticas del famoso río Marañón – seguidas de Las relaciones de los P.P.A. de Zárate y J. Magnin* (Edición crítica, vol. 4, serie B, Projecto Monumenta Amazonia). IIAP-CETA.

Huonder, A. (1913). Paul Maroni. In C. G. Herbermann, E. A. Pace, C. B. Pallen, T. J. Shahan & J. Wynne (Eds.), *The Catholic Encyclopedia* (Vol. IX, p. 683). The Encyclopedia Press.

La Condamine, C.-M. (174-?). *Carte du cours du Maragnon ou de la Grande Riviere de Amazones*. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/14165

Maldonado Flores, P. V. (1750). Carta de la Provincia de Quito y de sus adjacentes. *Biblioteca Digital Real Academia de la Historia*. https://bibliotecadigital.rah.es/es/consulta/registro.do?id=61265

Maroni, P. (c. 1738). Capítulo Primero. In M. J. De La Espada (Org.). (1889/1892). *Noticias Auténticas del Famoso Río Marañón y Misión Apostólica de la Compañía de Jesús de la Provincia de Quito en los dilatados bosques de dicho río – Escribíalas por los años de 1738 un Misionero de la misma Compañía y las publica ahora por primera vez Marcos Jiménez De La Espada*. Establecimiento Tipográfico de Fortanet; Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid.

Medeiros, S. L., Santos, T. L. P., & Costa, W. C. (2020). Un voyage à travers les idées en Amazonie au XVIIIe siècle: La Condamine, tradução e cultura. *Cadernos de Tradução*, *40*(2), 16–37. https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n2p16

Rabelo, L. M. (2020). A Invenção do Rio Amazonas na Cartografia (1540-1560). *Terra Brasilis*, (14), 1–25. https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.7443

Rosa, A. C. (2019). *Gathering Souls: Jesuit Missions and Missionaries in Oceania (1668–1945)*. Brill.

Santos, R. F. (2017). A experiência dos jesuítas das Missões de Maynas e a consolidação da presença territorial missionária nas fronteiras no Marañón (1638-1767). *Acta Académica*. https://cdsa.aacademica.org/000-019/144

Santos, R. F. (2021). Os jesuítas no Marañón: Pablo Maroni e sua proposta para o desenvolvimento das Missões de Maynas. *Anos 90*, *28*, 1–18. https://doi.org/10.22456/1983-201X.99513

Suárez, F. G. (1903). *Historia General de la Republica del Ecuador* (Tomo Séptimo). Imprenta del Clero.

PARTE PRIMERA – Noticias generales que recogió el autor siendo misionero en este río. **CAPITULO PRIMERO – Origen y nombres del famoso Río Marañón, ríos que con él se juntan y naciones que habitan sus riberas.** **§ I. Origen y nombres diferentes del río Marañón. Examínase se ha habido ó hay al presente Amazonas**	**PRIMEIRA PARTE – Notícias gerais que recolheu o autor sendo missionário neste rio.** **PRIMEIRO CAPÍTULO – Origem e nomes do famoso Rio *Marañón*, rios que com ele se juntam e nações que habitam suas ribeiras.** **§ I. Origem e nomes diferentes do rio *Marañón*. Examina-se se houve ou há no presente Amazonas.**
Todos los prácticos de las historias y geografía de la América meridional no ignoran como la Cordillera ó Serranía (*sic*) tan nombrada del Perú, en cuyo plan está situada a la provincia de Quito, la del Cuzco y otras muchas, corre sin interrupción de Norte á Sur desde S.ta Marta hasta el Estrecho de Magallanes, extendiendo de cuando en cuando unos como brazos ó ramales, de los cuales algunos llegan hasta el Brasil y mar del Norte. Esto supuesto, es á saber, que toda esta gran Cordillera está sembrada de varios cerros nevados que llamamos vulgarmente *páramos*, á cuyas faldas tienen su principio muchos y muy caudalosos ríos, de los cuales los unos se encaminan y tributan sus aguas al Occéano que llaman los geógrafos Pacífico ó del Sur, los otros al occéano atlántico ó del Norte.	Todos os práticos da história e da geografia da América Meridional não ignoram como a Cordilheira ou Serra, assim chamada do Peru, em cujo plano está situada a província de Quito, a de Cuzco e muitas outras, segue sem interrupção de Norte a Sul, desde Santa Marta até o Estreito de Magalhães, estendendo de vez em quando uns braços ou ramificações, dos quais alguns chegam até o Brasil e Mar do Norte. Por isto se supõe que toda esta grande cordilheira está tomada por várias colinas cobertas de neve, que vulgarmente chamamos de páramos, os quais têm em suas cercanias o início de muitos e caudalosos rios, dos quais se encaminham e tributam suas águas ao oceano que os geógrafos chamam de Oceano Pacífico ou do Sul, os outros para o Oceano Atlântico ou do Norte.
Entre todos el de más nombre es el tan celebrado río Marañón ó Amazonas, el cual, después de haber caminado cerca de mil ochocientas leguas desde su nacimiento en gran parte parallello (sic) con la línea equinoctial, entra por fin en el Occéano del Norte por varias bocas, ensanchándose, según opinión la más común, por más de ochenta leguas, y conservando la dulzura de sus aguas por más de treinta después de entrado en la mar.	Entre todos, o de mais nome é o célebre *Marañón* ou Rio Amazonas, que, depois de ter percorrido cerca de mil e oitocentas léguas desde seu nascimento, em grande parte paralelo à linha do Equador, entrando finalmente no Oceano do Norte por várias bocas, alargando-se, segundo a opinião mais comum, por mais de oitenta léguas, e preservando a doçura de suas águas por mais de trinta léguas depois que entra no mar.
Dudaron muchos historiadores antiguos, y aun lo dudan al presente algunos modernos, cuál sea el origen principal de un río tan portentoso, que no tiene probablemente igual en todo el Orbe. Unos quisieron apropiar esta	Muitos historiadores antigos duvidaram, e alguns modernos até hoje ainda duvidam, qual seja a origem principal de um rio tão portentoso, que provavelmente não tem igual em lugar nenhum em todo o Orbe. Alguns quiseram apropriar esta

gloria al río Napo, de cuya (sic) origen se dirá en su lugar, casi Sin más fundamento que haber servido de puerta á su primer descubridor Francisco de Orellana y acercarse sus cabeceras á la provincia de Quito, de quien toma á veces también el nombre, llamándose Río de Quito. Otros con alguna más razón dijeron lo mismo del río de la Coca, á cuyas orillas fabricó su bergantín dicho Orellana, pues este excede en el caudal de las aguas al de Napo, á quien recibe, como se dirá en adelante, como de costado. Desde las juntas de los dos las relaciones antiguas dan á entrambos el nombre de Orellana, Marañón y Amazonas. Dénlos en horabuena el nombre que quisieren, pero no por esto hemos de afirmar ser esto el río principal á quien buscan como madre de todos los demás, pues quien cotejare atentamente lo ancho que tiene Napo ó la Coca, que es de cerca 300 brazas, con el que tiene el río que llamamos vulgarmente Marañón, hallará que éste le excede cuando menos en un tercio, y por consiguiente á este se le debe la gloria de ser el río principal á quien tributan todos los demás. Añádase á esto, que según me ha enseñado repetidas veces la experiencia, el río Napo, después de algunas jornadas de subida, le (sic) estrecha lo bastante, y lo que es aun más digno de reparo, las embarcaciones topan á menudo en arenales que embarazan el paso y obligan los remeros á andar en busca de la madre del río, señal evidente de su poca profundidad, lo cual no sucede con el Marañón, el cual conserva constantemente casi la misma anchura y profundidad hasta S. Francisco de Borja y estrechura del Pongo, esto es, por más de doscientas leguas, y es navegable aun mucho más arriba, casi hasta las provincias cercanas al Cusco, según me aseguran sujetos dignos de fe que han andado por ellas. Nada desto pudo reparar Orellana ni el P.^{e} Acuña, porque bajaron derecho por Napo, viendo solo de paso las juntas y boca del Marañón, y así no hay que admirarse decidiesen en contra de éste; á más de que, decidiendo á favor de Napo, participaban la gloria de haber descubierto y	glória ao rio Napo, cuja origem se dirá em seu lugar, quase sem outro fundamento senão ter servido de porta de entrada ao seu primeiro descobridor Francisco de Orellana e aproximarem-se as suas cabeceiras da província de Quito, da qual toma às vezes também o nome, sendo chamado de Rio de Quito. Outros, com um pouco mais de razão, disseram o mesmo do rio da Coca, em cujas margens construiu o seu bergantim chamado Orellana, pois excede em grande fluxo o do Napo, o qual recebe, como se dirá adiante, como afluentes. Desde o encontro dos dois, as relações antigas dão a ambos o nome de Orellana, *Marañón* e Amazonas. Deem-lhes o nome que quiserem, mas não por isso devemos afirmar ser este o rio principal a que todos os outros procuram como central, pois quem comparar atentamente a largura do Napo ou do Coca, que é cerca de 300 braças, com a que tem o rio que vulgarmente chamamos de *Marañón*, descobrirá que este lhe excede, quando menos, em um terço, e, consequentemente, se lhe deve a glória de ser o rio principal ao qual todos os outros tributam. Acrescente-se a isto que, segundo a experiência repetidamente me ensinou, o rio Napo, depois de algumas jornadas de subida, estreita-se bastante, e o que é ainda mais digno de atenção, os barcos muitas vezes se deparam com areais que dificultam sua passagem e obrigam os remadores a andar em busca do curso principal, sinal evidente de sua pouca profundidade, o que não acontece com o *Marañón*, que mantém constantemente quase a mesma largura e profundidade até São Francisco de Borja e o Estreito de Pongo, ou seja, por mais de duzentas léguas, e é navegável ainda muito mais acima, quase até as províncias próximas a Cusco, segundo me asseguram pessoas de confiança que por elas passaram. Nada disto puderam notar Orellana nem o Padre Acuña, porque desceram direto pelo Napo, vendo apenas de passagem as junções e a foz do *Marañón*, e por isso não é de se admirar que tenham decidido não fazê-lo; além disso, ao decidirem a favor do Napo, participavam da glória de terem descoberto e navegado um rio tão famoso desde onde é navegável.

navegado río tan famoso desde donde es navegable.	
Todo lo alegado contra Napo y la Coca, con más razón se pudiera alegar contra Ucayale, Guallaga y Pastasa, á quienes no ha faltado quien pretenda darles la preferencia, pues ninguno de ellos llega á igualar aun al de Napo en el caudal de sus aguas, ni dista de su nacimiento tanto cuanto el verdadero Marañón, lo cual confirma también á este el título que le damos de príncipe y cabeza de los demás.	Tudo o que é alegado sobre os rios Napo e Coca, com mais razão poderia ser alegado sobre os rios Ucayale, Guallaga e Pastaza, aos quais não têm faltado quem pretende dar-lhes preferência, pois nenhum deles sequer se iguala ao do Napo no caudal de suas águas, nem está tão longe de seu nascimento como o verdadeiro *Marañón*, o que também lhe confirma o título que lhe damos de príncipe e cabeça dos demais.
Asentado pues como cosa indubitable, que el río que llamamos vulgarmente Marañón y pasa junto á las ciudades de Jaen y Borja es el río principal y como tronco á quien sirven de ramas todos los demás, es á saber que la principal fuente y madre deste gran río es una laguna llamada del Oro, que esto quiere decir La Auricocha, situada en lo alto de la serranía de Bombo, sesenta leguas distante de Lima, corte del Peru. Leth (*sic*) y Zárates dicen tendrá dicha laguna como diez leguas de circuito, y antiguamente sus orillas estuvieron pobladas de muchísimos indios. Hay también tradición que los secuaces de Manco-Inga, al retirarse del Perú, allá arrojaron sus tesoros: de aquí le vino el nombre de Lauricocha. Estas, en común sentir, son las cunas de este noble río, que ha dado á la Iglesia tantos tesoros cuantas son las almas que se han baptizado con sus aguas.	Estabelecido, pois, como algo indubitável, que o rio que chamamos vulgarmente de *Marañón* e que passa próximo às cidades de Jaén e Borja é o rio principal e como tronco ao qual todos os outros servem de afluentes, é, a saber, que a fonte principal e a nascente deste grande rio é uma lagoa chamada *del Oro*, que quer dizer *La Auricocha*, localizada no topo da serra do Bombo, a sessenta léguas de Lima, Corte do Peru. Dizem Leth (sic) e Zárate que a referida lagoa terá um circuito de dez léguas, e que antigamente as suas margens eram povoadas por muitíssimos índios. Há também a tradição de que os lacaios de *Manco-Inga*, ao se retirarem do Peru, deixaram ali seus tesouros: daí surgiu o nome *Lauricocha*. Estes, no senso comum, são os berços deste nobre rio, que deu à Igreja tantos tesouros quantas são as almas que foram batizadas com as suas águas.
Cuál haya sido en los primitivos tiempos el nombre propio deste río no es fácil el averiguarlo, porque el de Apurima y Xauxa que le da en su historia el P.^{e} Rodríguez, son propios de otros dos ríos, de quienes ni aun me consta con certidumbre si se juntan con el Marañón. El P.^{e} Acuña en su Itinerario le llama Tungurava (sic), pero pudo ser equivocación, porque el cerro de donde le pudo venir este nombre está junto á la población de Los Baños, por donde se entra á la provincia de la Canela, y el río que baña aquella población es el de Patate ó Pastasa.	Qual pode ter sido o nome próprio deste rio nos tempos primitivos não é fácil de se averiguar, porque o nome de *Apurima* e *Xauxa,* que o Padre Rodríguez dá em sua história, são próprios de outros dois rios, dos quais ainda não me consta com certeza se se juntam ao *Marañón*. O Padre Acuña, em seu Itinerário, chama-o de *Tungurava* (sic), mas pode ser um equívoco, porque o morro de onde poderia ter surgido este nome fica próximo ao povoado de *Los Baños*, por onde se entra na província de *La Canela*, e o rio que banha aquela cidade é o *Patate* ou Pastaza.

El nombre que hoy le dan comúnmente no solo los misioneros de La Compañia, sino también todos los que habitan las provincias cercanas del Perú, no es otro que el de Marañón, nombre que le dió su primer descubridor, el capitan Marañón, quien registró su boca algunos años antes de la conquista del Perú; ó como se refiere en una relación antigua del Hermano Pedro limón de nuestra Compañia, de que se dirá en otra parte, habiendo penetrado con algunos indios desde el Brasil hasta el Cuzco, fué bajando por el río Ulcayale hasta este río, y siguiendo su rumbo, llegó á la mar y por la costa volvió otra vez al Brasil.	O nome que hoje lhe é comumente dado, não só pelos missionários da Companhia, mas também por todos aqueles que vivem nas províncias vizinhas do Peru, não é outro senão o de *Marañón*, nome que lhe foi dado pelo seu primeiro descobridor, o Capitão *MarañónMarañón*, que registrou sua desembocadura alguns anos antes da conquista do Peru; ou, como se refere num antigo relato do Irmão Pedro Limon, da nossa Companhia, que será dito em outra parte, tendo penetrado com alguns índios do Brasil até Cuzco, desceu o rio Ulcayale até este rio, e seguindo seu curso, chegou ao mar e ao longo da costa retornou ao Brasil.
Los geógrafos así antiguos como modernos le llaman Orellana y más comúnmente río de las Amazonas, con qué fundamento, lo examinaremos después. Otras veces le dan el nombre de Gran Pará, que en la lengua general del Brasil suena lo mismo que Río, ó como dice el P.e Vieira, mar grande. Los portugueses que hoy habitan sus riberas, á más de Amazonas, ya le llaman Río Blanco, á distinción del Negro, que es el más caudaloso de los que con él se juntan á la banda del Norte, ya Solimones, ya Cambebas, según las provincias que baña. Lo que me parece excusado el advertir es que de ningún modo se le pueden apropiar los nombres de Orinoco y Plata, por ser estos ríos todos distintos, con quienes es muy probable que no tiene la menor comunicación, em particular con el Orinoco mediante el río Cajeta ó Mocoa, como sospecharon muchos geógrafos y se dirá en su lugar.	Tanto os geógrafos antigos quanto os modernos o chamam de *Orellana* e, mais comumente, de Rio das Amazonas, com que fundamento, examinaremos mais tarde. Outras vezes lhe dão o nome de Grão-Pará, que na língua geral do Brasil é o mesmo que Rio, ou como diz o Padre Vieira, mar grande. Os portugueses que hoje habitam as suas ribeiras, além do Amazonas, ou o chamam de Rio Branco, para distinguir do Rio Negro, que é o mais caudaloso dos que se juntam com ele pelo lado norte, já Solimões, ou Cambebas, segundo as províncias que banha. O que me parece importante notar é que de modo algum podem ser apropriados os nomes do Orinoco e do Prata, visto que estes rios são todos distintos, com os quais é muito provável que não tenha a menor comunicação, particularmente com o Orinoco através do rio Caquetá ou *Mocoa*, como muitos geógrafos suspeitaram e se dirá em seu lugar.
Queda ahora que descifrar de dónde le vendrá á este río el nombre tan decantado de Amazonas? Si haya (sic) al presente, ó haya habido en algun tiempo en estos bosques alguna provincia de mujeres belicosas á quienes competa este nombre? Garcilaso Inca, que es el historiador el más puntual y verídico que hayan tenido las Indias, dice, que bajando Orellana por el Marañón con su bergantín, tuvo algunas refriegas con los infieles	Resta agora descobrir de onde esse rio tirou o nome popular de Amazonas. Se existe atualmente, ou existiu em algum momento nestes bosques, alguma província de mulheres guerreiras a quem este nome se aplica. Garcilaso Inca, que é o historiador mais pontual e verdadeiro que as Índias já tiveram, conta que enquanto Orellana descia o *Marañón* com seu bergantim, teve algumas brigas com os habitantes infiéis daquelas ribeiras, onde, em

moradores de aquellas riberas, donde en algunas partes salieron las mujeres á pelear y echar dardos contra la nueva embarcación en compañía de sus maridos. De aquí tomó motivo el ambicioso descubridor, cuando pasó á España á pretender la conquista, de gloriarse había peleado con Amazonas, sin duda á fin de engrandecer su jornada, no ya porque hubiese encontrado en aquellas riberas verdaderas Amazonas, cuales pretenden algunos que haya habido y aun al presente, esto es mujeres belicosas que se gobiernen de por sí solas, sin más comercio con los hombres que el preciso para el aumento de su república.	algumas partes, saíram as mulheres para lutar e lançar dardos contra a nova embarcação na companhia de seus maridos. Daí o ambicioso descobridor tirou o seu motivo, quando foi a Espanha reivindicando a conquista, para se vangloriar de ter lutado com as Amazonas, sem dúvida com o fim de engrandecer a sua jornada, não apenas porque haveria encontrado verdadeiras Amazonas naquelas ribeiras, as quais alguns afirmam ter havido e ainda no presente, isto é, mulheres guerreiras que se governam, sem mais comércio com os homens do que o necessário para o crescimento da sua república.
Deste mismo parecer han sido siempre y son todos los misioneros que existen en este río, sin que se haya jamás sabido otra cosa. Este fue también el parecer de P.e Samuel Fritz, quien después de haber bajado hasta el Pará y comunicado con varios infieles, también de los que habitan el interior de la Guayana, en el «Diario de su bajada al Pará ,» que trasladaremos á la letra en otra parte, hablando de la nación do los Yurimaguas dice así: *Antiguanente los Yurimaguas han sido muy belicosos y señores casi de todo el río de Amazonas, y las mujeres dellos, según tuve noticia, pelearon con flechas tan valerosanente como los índios; que á mi me parece haber sido el encuentro que tuvo Orellana, por el cual á este gran rio le puso el nombre de Amazonas*. Palabras son estas formales del Padre. A más de esto, en todos sus papeles y cartas que paran en mi poder, no hallo palabra que favorezca la existencia de Amazonas verdaderas; de donde colijo no ser sino una adición erudita de los Padres de Paris, para ennoblecer el Diario ó Relación del P.e Samuel, lo que refieren en el tomo 12 de las «Cartas de Edificación» acerca de la existencia y costumbres de las Amazonas americanas, como testimonio del mismo Padre. Todas las demás noticias y relaciones que citan á su favor otros autores se fundan en tradiciones de indios, que tienen por costumbre, en hablando con gente española, responder á sus preguntas, no ya lo que conocen ser verdad, sino no que les parece ha de gustar de oír al que pregunta,	Todos os missionários que existem neste rio sempre foram e são desta mesma opinião, sem nunca se ter conhecido outra coisa. Essa também foi a opinião do Padre Samuel Fritz, que depois de ter descido ao Pará e se comunicado com vários infiéis, inclusive dos que vivem no interior da Guiana, no *Diário de sua descida ao Pará*, que trasladaremos textualmente em outra parte, falando da nação dos Yurimaguas, diz o seguinte: *Antigamente, os Yurimaguas foram muito guerreiros e senhores de quase todo o rio Amazonas, e suas mulheres, pelo que tive notícias, lutaram com flechas tão bravamente quanto os índios; que me parece ter sido pelo encontro que Orellana teve, pelo qual deu a este grande rio o nome de Amazonas*. Estas são palavras formais do Padre. Além disso, em todos os seus papéis e cartas que tenho em meu poder, não encontro uma palavra que favoreça a existência de verdadeiras Amazonas; do que deduzo ser nada mais do que um acréscimo erudito dos Padres de Paris, para enobrecer o Diário ou Relato do Padre Samuel, a que se referem no tomo 12 das *Cartas de Edificação* sobre a existência e os costumes das Amazonas americanas, como testemunho do mesmo Padre. Todas as demais notícias e relações que outros autores citam a seu favor baseiam-se nas tradições dos índios, que têm o hábito, ao falar com gente espanhola, de responder às suas perguntas, não apenas o que sabem ser verdade, mas sim o que parece gostar de ouvir a quem pergunta, como a experiência não poucas vezes me ensinou.

conforme me ha enseñado no pocas veces la experiencia.	
Desta misma fuente juzgo dimanaría también la fábula tan decantada del Paititi y Dorado, que ha traído muchos años como encantados por bosques y peñas entre mil penalidades á tantos, no solo españoles y portugueses, sino también franceses é ingleses, y ha sido causa de las más crueles tragedias. Entre todas las naciones del Marañón la más diestra en fabricar mentiras es la de los Omaguas, descendientes de los Tupinambás, que fueron los que al P.e Acuña dieron noticia, no solo de las Amazonas, sino también de otras dos naciones raras, la una de Enanos tan chicos como criaturas muy tiernas, y la otra de gente que tenía los pies al revés. Uno y otro haber sido fábula fabricada de aquellos bárbaros lo afirman unánimes los portugueses que andan de continuo por esos ríos, y apenas hay nación más abajo de Napo que no conozcan y de que no tengan esclavos. El mismo concepto, á mi parecer, se ha de hacer de las informaciones que cita el P.e Acuña en su "Itinerario" y dice haberse hecho en Pasto y Quito, pues estas no son otras que las que dieron los primeros misioneros que antes del descubrimiento del Marañón por Tejeira entraron á las provincias de los Cofanes, Omaguas é Icaguates del río Napo. Los que penetraron más adentro, como se dirá en su lugar, y alcanzaron más noticias, fueron los PP. Simón de Roxas, Humberto Coronado y el Hermano Pedro Limón, quien en una «Relación» que citamos poco antes, hecha por el año de 1621, gran parte por informe de un cacique omagua llamado Paraita, grande explorador destas tierras y juntamente grande mentiroso, hablando de los Ucayales ó Ucayares, que habitan las riberas del río del Cuzco, dice así: «Los Ucayares son indios de estatura más que ordinaria, y en la isla donde están se mantienen muy bien por ser muy fértil y abundante. Con estos indios se entiende (según la relación de algunos naturales) tienen su ayuntamiento las indias Amazonas, porque es común voz en todas estas provincias que las hay. Del modo con que esto se hace, dicen que	Desta mesma fonte julgo que também dimanaria a tão contada fábula do *Paititi* e *Dorado*, que trouxe por muitos anos, como que encantados por florestas e rochas, entre mil dificuldades, a tantos, não só espanhóis e portugueses, mas também franceses e ingleses, e tem sido a causa das mais cruéis tragédias. Entre todas as nações do *Marañón*, a mais hábil em fabricar mentiras é a dos *Omágua*, descendentes dos *Tupinambá*, que foram os que deram notícias a Padre Acuña, não só das Amazonas, mas também de duas outras nações estranhas, uma de Anões tão pequenos quanto criaturas muito tenras, e o outro de pessoas que tinham os pés para trás. Uma e outra, tendo sido uma fábula inventada por aqueles bárbaros, é unanimemente afirmada pelos portugueses que caminham continuamente ao longo daqueles rios, e há apenas uma nação abaixo do Napo que eles não conheçam e da qual não tenham escravos. O mesmo conceito, a meu ver, deve ser tirado das informações que Padre Acuña cita em seu "Itinerário" e diz ter sido feito em Pasto e Quito, pois estas não são outras senão as que, fornecidas pelos primeiros missionários antes do descobrimento do *Marañón* por Teixeira, entraram nas províncias de *Cofanes*, *Omáguas* e *Icaguates* do rio Napo. Os que penetraram mais fundo, como se dirá em seu lugar, e alcançaram mais notícias, foram os Padres Simão de Rojas, Humberto Coronado e o Irmão Pedro Limón, que em uma "Relação" que citamos pouco antes, feita por volta do ano de 1621, em grande parte baseada no relato de um cacique *Omágua* chamado *Paraita*, grande explorador destas terras e também grande mentiroso, falando dos *Ucayales* ou *Ucayares*, que habitam as ribeiras do rio de Cuzco; diz assim: "Os Ucayares são índios de estatura acima do normal, e na ilha onde estão vivem muito bem, porque é muito fértil e abundante. Com esses índios entende-se (segundo o relato de alguns naturais) que as índias Amazonas têm suas uniões, porque é uma voz comum em todas essas províncias que existem. Da forma como isso é feito, dizem que elas, uma vez por ano,

ellas, una vez al año por cierto tiempo, vienen en tropa y traen consigo los muchachos de cuatro años, que hasta esta edad los amamantan, y traenlos cargados. Entréganlos á sus padres ó parientes, á quienes encargan los industrien para la guerra, y después de haber estado veinte y treinta días, se vuelven á sus tierras muy contentas.» Esto es lo que dice la Relación del H.º Limón. Semejantes á esta serían (sic) las de otros misioneros é indios que salían de cuando en cuando para Pasto y Quito. Lo cual todo haber sido mentira, como las noticias que dieron al P.e Acuña los Tupinambás, lo dió después á entender claramente la experiencia, pues ni rastro de todo eso se halló en los Cocamas y otras naciones de Ucayale, el día de hoy muy conocidas, como lo dirá la relación de su pacificación y costumbres. Esto es lo que hasta ahora he averiguado acerca de las Amazonas. Veamos ahora que ríos son los que se juntan con el Marañón y naciones más principales que habitan sus riberas.	durante um determinado período de tempo, vêm em tropa e trazem consigo os meninos de quatro anos, os quais amamentam até essa idade, e os trazem carregados. Entregam-nos aos pais ou parentes, a quem os confiam a produção para a guerra, e depois de vinte ou trinta dias ali, regressam às suas terras, muito contentes". Isso é o que diz o Relato do Irmão Limón. Semelhantes a esta seriam as de outros missionários e índios que partiam de vez em quando para Pasto e Quito. Que tudo era mentira, como a notícia que os *Tupinambá* deram ao Padre Acuña, a experiência depois o deu a entender com clareza, já que nenhum vestígio de tudo isso foi encontrado nos *Cocama* e outras nações do Ucayale, hoje muito conhecidas, como dirá a relação de sua pacificação e costumes. Isto é o que averiguei até o momento sobre as Amazonas. Vejamos agora quais rios se juntam com o *Marañón*e as nações mais importantes que habitam suas ribeiras.
§ II – Río Sant'iago y estrechura del Pongo.	**§ II – Rio Santiago e Estreito de Pongo**
Dejando á los geógrafos del Perú el averiguar qué ríos son los que entran en el Marañón en las tierras y provincias cercanas á su nacimiento, y empezando desde el embarcadero que llaman de Jaén, hasta donde se extienden las noticias de nuestros misioneros, el primer río caudaloso que en él desemboca de la banda del Norte y sirve como de límite á las provincias del Marañón, es el río de Sant-iago, llamado de los indios xibaros que habitan sus riberas, Parosa. Nace este río de los cerros más cercanos á las ciudades de Cuenca y Loja; sus principales cabeceras son los dos ríos de Matadero y Machángara, que bañan á Cuenca; juntos los dos en poca distancia de la ciudad y aumentados con las aguas de otros cuatro, que son Duncay, Tarque, Azogues y S.ta Bárbara, entra en un valle que llaman de Paute, de quien toman	Deixando aos geógrafos do Peru descobrir quais rios desembocam no *Marañón* nas terras e províncias próximas à sua nascente, e a partir do cais chamado *Jaen*, até onde se estendem as notícias de nossos missionários, o primeiro rio caudaloso que nele deságua do lado norte e que serve de limite às províncias do *Marañón*, é o rio Santiago, chamado *Parosa* pelos índios J*ivaro* que habitam suas ribeiras. Este rio nasce nas colinas mais próximas das cidades de *Cuenca* e *Loja*; suas principais cabeceiras são os dois rios *Matadero* e *Machángara*, que banham a *Cuenca*; os dois juntos, a pouca distância da cidade e aumentados pelas águas de outros quatro, que são *Duncay*, *Tarque*, *Azogues* e Sta. Bárbara, entram num vale a que chamam *Paute*, de que também tomam o nome. A partir daí continuam o seu caminho, penetrando na cordilheira dos Andes até se juntarem a outro rio que não é inferior no caudal

también el nombre. De allí prosiguen su camino penetrando la serranía do los Andes hasta juntarse con otro río nada inferior en el caudal de las aguas, que se forma de las vertientes de Loja y Zamora. En poca distancia destas juntas estuvo ciento y más años ha la célebre ciudad de Santa Ana de Logroño de los Caballeros, por otro nombre la Ciudad del Oro, cabeza de la Prov.ª de los Xíbaros, hoy rebeldes e inconquistables. Desde allí el río empieza á llamarse con el nombre de Sant-iago, que le dio el Adelantado Juan de Salinas, fundador de la ciudad deste nombre, que también destruyeron dichos xíbaros. Las reliquias de sus moradores viven hoy en cinco ó seis casas en las juntas del mismo río Sant-lago con el Marañón.	de suas águas, que se forma nas encostas de *Loja* e *Zamora*. Pouco distante desses encontros, há mais de cem anos, estava a famosa cidade de *Santa Ana de Logroño de los Caballeros*, também chamada de Cidade do Ouro, cabeça da *Província de los Jívaros*, hoje rebeldes e inconquistáveis. A partir daí, o rio passa a ser chamado pelo nome de Santiago, que lhe foi dado pelo *Adelantado* Juan de Salinas, fundador da cidade com esse nome, que estes *Jívaro* também destruíram. Os remanescentes dos seus habitantes vivem hoje em cinco ou seis casas na confluência do mesmo rio Santiago com o *Marañón*.
Pasadas estas juntas, se entra por la angostura llamada vulgarmente Pongo, por donde el primer español que se arrojo en busca del País imaginario del Dorado, según refiere en su historia el P.e Acosta, fué el memorado Juan de Salinas. Es esta una canal que cortaron á cerceo las aguas del Diluvio, según tradición antigua que conservan los indios; tendrá según el juicio que se puede formar de la vista tres leguas de largo y 30 varas de ancho entre peñas tajadas que espantan con solo mirarlas. Tal es la rapidez de las aguas, que se pasa regularmente en menos de 1/2 hora, y es preciso detener desde las peñas con fuertes sogas la embarcación, para que no pase más adelante del puerto. Llaman los indios á esta estrechura Pongo, que quiere decir en la lengua general del Inga puerta, porque se abre y cierra al crecer y bajar de las aguas, ni hay que arrojarse á pasarla sin riesgo evidente en estando crecidas, lo cual sucede en todo el año fuera de solos tres meses, esto es, desde la mitad de setiembre hasta la mitad de diciembre.	Passadas estas confluências, entra-se pela área estreita comumente chamada de *Pongo*, onde o primeiro espanhol que se atirou em busca do país imaginário do *El Dorado*, como relata o Padre Acosta em sua história, foi o lembrado Juan de Salinas. Trata-se de um canal que foi cortado pelas águas do Dilúvio, segundo antiga tradição preservada pelos índios; terá, segundo o julgamento que se pode formar a partir da vista, três léguas de comprimento e 30 varas de largura entre rochas talhadas que assustam só de olhar. Tal é a rapidez das águas, que se passa regularmente em menos de meia hora, sendo necessário parar o barco nas rochas com fortes cordas, para que não ultrapasse o porto. Os índios chamam essa estreiteza de *Pongo*, que na língua geral dos Incas significa "porta", porque ela abre e fecha ao subir e descer das águas, e não é preciso pular sobre ela sem risco evidente quando está cheia, o que acontece em todo o ano, com exceção de apenas três meses, isto é, de meados de setembro a meados de dezembro.
A la salida desta angostura, y casi á vista deste monstruo de aguas, está fundada en tierra firme la ciudad de S. Francisco de Borja, cabeza del gobierno y provincia de los Mayas. Dista de Jaén de Bracamoros cerca de 80 leguas, de Quito poco menos de 300 por el camino de	À saída desta estreiteza, e quase à vista deste monstro de águas, está fundada em terra firme a cidade de São Francisco de Borja, sede do governo e província dos Maias. Dista cerca de 80 léguas de *Jaén de Bracamoros* e pouco menos de 300 de Quito pelo caminho de *Loja* e *Cuenca*,

Loja y Cuenca, por donde solían entrar antiguamente nuestros misioneros.	onde costumavam entrar antigamente os nossos missionários
§ III – Ríos Morona y Cauapanas.	**§ III – Rios Morona y Cauapanas.**
Veinte y más leguas más abajo de Borja, á la banda de Norte, está la boca del río Morona, memorable (aunque no tan caudaloso como otros) por ser una de las puertas y como camino real para la provincia de los Xibaros, que termina al Oriente, así como el de Santiago le sirve de límite parte al Sur y parte al Poniente. Nace Morona de las vertientes del pueblo de S. Miguel de Macas, que está á las espaldas de un volcán de este nombre, muy temido de los moradores de la villa de Riobamba, de donde dista pocas jornadas. Por este río, años ha, uno de los primeros misioneros intentó abrir camino para Riobamba y Quito, mas no tuvo efecto, porque después de un mes y más de navegación muy trabajosa, em que llegó hasta donde era navegable el río, encontróse con unos indios fugitivos de Macas, cuyo informe fue de muchos cerros y días de camino de montaña muy malo y peligroso por los xíbaros matadores, que salen á el desde un sitio ó pueblo que llaman Paringue. Con esto revolvió otra vez al Marañón, ni ha habido después quien intente otra vez abrir dicho camino.	Vinte ou mais léguas abaixo de Borja, no lado norte, fica a foz do rio Morona, memorável (embora não tão caudaloso quanto os outros) por ser uma das portas e caminho real para a província dos *Jivaro*, que termina a Leste, tal como a de Santiago lhe serve de limite, parte ao Sul e parte a Oeste. O Morona nasce nas encostas da vila de São Miguel de Macas, que está atrás de um vulcão com este nome, muito temido pelos moradores da vila de *Riobamba*, da qual fica a poucos dias de distância. Por este rio, anos atrás, um dos primeiros missionários tentou abrir caminho para *Riobamba* e Quito, mas não teve êxito, porque depois de um mês ou mais de navegação muito trabalhosa, até chegar aonde o rio era navegável, encontrou-se com alguns índios fugitivos de Macas, cujo relato era de muitos morros e dias de péssimas e perigosas estradas de montanha por causa dos matadores *Jívaro*, que vêm até ele de um lugar ou povoado que chamam de *Paringue*. Com isso, retornou ao *Marañón*, e não houve ninguém que tentasse abrir novamente o dito caminho.
Después de Morona, con distancia de cerca de 6 leguas entra en el Marañón, á la banda del Sur, el río Cavapanas, cuyas cabeceras vienen de un ramo de la Cordillera que se extiende bacía Moyobamba. Subiendo por este río, á los seis ó siete días de navegación, se encuentra la reducción de las Cavapanas y Chonzos, naciones un tiempo muy numerosas. De estos últimos andan aun algunos fugitivos por los bosques. Desde esta reducción, atravesando el monte en un día de camino algo penoso por algunos riachos que es preciso vadear, se llega á otra reducción de los Chayabitas, fundada sobre un collado que domina á toda la montaña. De allí, despues de dos ó tres leguas, está otra reducción corta de Paranapuras, junto á la orilla de un riacho que tiene el mismo	Depois de Morona, com uma distância de cerca de 6 léguas, o rio *Cavapanas* deságua no *Marañón*, pelo lado Sul, cujas cabeceiras provêm de um braço da Cordilheira que se estende até Moyobamba. Subindo este rio, após seis ou sete dias de navegação, encontra-se a redução dos *Cavapana* e *Chonzo*, nações outrora muito numerosas. Alguns destes últimos ainda andam fugitivos pelos bosques. A partir desta redução, atravessando a montanha em um dia de caminho um tanto árduo por alguns riachos que devem ser cruzados, chega-se a outra redução dos *Chayabita*, fundada sobre uma colina que domina toda a montanha. Dali, depois de duas ou três léguas, há outra pequena redução de *Paranapura*, junto à margem de um riacho que tem o mesmo nome e deságua no Guallaga. Os bosques

nombre y sale á Guallaga. Los bosques cercanos á estas tres reducciones abundan más que otros de vainilla, que es una especie de bejuco muy oloroso, harto conocido y apreciado de los europeos, que sazonan con él el chocolate. Los indios, por la fragancia, suelen llevar colgada una ú otra vainilla.	próximos a essas três reduções são mais abundantes que outros de baunilha, que é uma espécie de trepadeira muito perfumada, bem conhecida e apreciada pelos europeus, que com ela temperam o chocolate. Os índios, por causa da fragrância, costumam levar uma ou outra baunilha pendurada.
§ IV – Río Corinó ó Pastasa.	**§ IV – Rio *Corinó* ou Pastaza.**
Volviendo otra vez al Marañón, en distancia de 4 ó 5 [enmendado] leguas de la boca de Cauapanas, desemboca á la banda del Norte el río Corinó ó Pastasa, que llaman también Piedrapomes, por la mucha que lleva en sus avenidas. Nace este río de las vertientes de Tacunga, Hambato y Riobamba, desde donde, hasta juntarse con el Marañón, camina casi doscientas leguas. Poco antes de la población de los Baños, que está á las faldas de Tunguravah (sic), cerca de catorce leguas en distancia del asiento de ambato, se junta con el río de Chambo, que viene de la provincia de los Puruaes, de la jurisdicción de Riobamba. Desde aquí se va arrastrando con muchas caldas entre cerros y peñas hasta salir á lo bajo de la Cordillera de los Andes, á un lado de la provincia de la Canela, por la mucha que hubo en ella, porque al presente poca se halla, y esa muy inferior á la oriental. Los ríos que le entran al Norte antes de llegar á dicha provincia, son el río Verde, Topo, Topillo, Alpa-yacu y otros menores. De la otra banda me aseguran los prácticos que no le entra ninguno, y es más alta y continua la serranía. Pocas leguas antes de juntarse con el río Bobonaza, de quien despues se dirá, le entra de la banda de Poniente un riacho llamado Aarrabima, en donde vivían antiguamente los Coronados ó Ipapizas. Desde aquí empieza ser (sic) navegable el río, porque más arriba, por sus arrebatadas corrientes y angosturas, según dicen, es casi insuperable. Como tres horas despues de las juntas de Bobonaza está á mano derecha, dentro de una quebrada, la reducción de S^{to} Tomé de los Andoas y Semigaes, que es una de las mejores de la misión. A esta se sigue día y medio largo del camino más abajo otra	Voltando ao *Marañón*, a uma distância de 4 ou 5 léguas da foz de *Cauapanas*, corre para o lado norte o rio *Corinó* ou Pastaza, que também é chamado de Pedras-pomes, devido ao grande número que leva em seu curso. Este rio nasce nas vertentes de *Tacunga*, *Hambato* e *Riobamba*, de onde, até se juntar ao *Marañón*, percorre quase duzentas léguas. Pouco antes da povoação de *Los Baños*, que fica ao pé do *Tunguravah* (sic), a cerca de catorze léguas da sede de *Ambato*, deságua no rio *Chambo*, que vem da província dos *Puruaes*, da jurisdição de *Riobamba*. Daqui vai se arrastando com muitas águas entre morros e rochas, até emergir no sopé da Cordilheira dos Andes, de um lado da província de *La Canela*, pelas muitas que nela havia, porque atualmente pouco se acha, e muito inferior à oriental. Os rios que entram ao norte, antes de chegar à referida província, são o Verde, *Topo*, *Topillo*, *Alpa*-yacu e outros rios menores. Do outro lado, os práticos me garantem que não entram nenhum, e a cordilheira é mais alta e contínua. Poucas léguas antes de se juntar ao rio *Bobonaza*, do qual falaremos depois, um riacho chamado *Aarrabima* entra nele pelo lado do poente, onde antigamente viviam os *Coronados* ou *Ipapizas*. A partir daqui, o rio começa a ser (sic) navegável, porque mais acima, pelas suas correntes arrebatadas e estreitezas, segundo dizem, é quase insuperável. Cerca de três horas depois das junções de *Bobonaza*, do lado direito, dentro de um desfiladeiro, encontra-se a redução de *San Tomé de los Andoas y Semigaes*, que é uma das melhores da missão. A esta se segue por um dia e meio ao longo do caminho, mais abaixo, outra pequena redução de *Pinches*, *Pavas*, *Roamaynas* e *Arazas*, nações outrora numerosas e que viviam entre o Pastaza e o Tigre. Outro dia mais abaixo,

reducción corta de Pinches, Pavas, Roamaynas y Arazas, naciones un tiempo numerosas y que vivían entre el Pastasa y el Tigre. Otro día más abajo, á la otra banda, entra en Pastasa un riacho llamado Guasaga, cerca del cual vivían cuando gentiles los Andoas guasagas. Sus cabeceras, según dicen, mucho se acercan al río Morona. Otros dos dias más abajo, á la misma banda, por dos bocas ó caños se entra á una laguna que llaman los Maynas Rimachuma, y es lo mismo como si dijéramos laguna grande. Desde allí hasta el Marañón no hay más que una jornada de navegación. Llaman esa laguna grande por varios títulos, esto es, por su circuito, que pasa según dicen de 40 leguas; por su mucha profundidad, que es en algunas partes insondable, con tanta inquietud y olaje como si fuese un golfo en alta mar; por la multitud de pescado de todo género, Tortugas, Vacamarinas (sic) y tambien Lagartos que tiene sin número; en fin, por sus muchas islas, naturales unas, portátiles ó advenedizas otras, que se fabrican como ahora diré. En tiempo de grandes avenidas, robando las orillas de los ríos la fuerza de la corriente, arranca muchos árboles, de que se ven en el Marañón y otros ríos inmensas palizadas. De las que trae el de Pastaza entra gran parte en esta laguna, donde quedan corno estancadas. Cesan las crecientes, menguan las aguas, con que las palizadas quedan asentadas en la tierra ó arena. Con la gran humedad producen en breve mucha y espesa arboleda, y á poco tiempo se hace un bosque. Consérvanse firmes estas islas todo el tiempo que duran los árboles ó palizadas que les sirven de anclas ó amarras con que se aferran en la tierra. Con el tiempo éstas se pudren y faltan, con que quedan sueltas. En las grandes avenidas las aguas se levantan y se ven andar de una en otras partes donde el viento y corriente las levanta, sirviéndoles de velas los árboles que encima sustentan. Que si alguna de estas islas se llega y aborda, como sucede no pocas veces, adonde están alojados los que navegan por la laguna, los pone en mucho riesgo de quedar anegados y perdidos.	do outro lado, entra no Pastaza um riacho chamado *Guasaga*, perto do qual viviam os *Andoas Guasagas* quando eram gentios. Suas cabeceiras, segundo dizem, ficam muito próximas do rio Morona. Outros dois dias mais abaixo, do mesmo lado, por duas bocas ou canais, entra-se em uma lagoa chamada pelos *Maynas* de *Rimachuma*, que é como se disséssemos "grande lagoa". De lá até o *Marañón* não há mais que um dia de navegação. Chamam esta grande lagoa por vários títulos, isto é, pelo seu circuito, que se diz ter 40 léguas; pela sua grande profundidade, que em algumas partes é insondável, com tanta agitação e ondulação como se fosse um golfo em alto mar; pela multidão de peixes de todos os tipos, Tartarugas, *Vacamarinas* (sic) e também Lagartos, que possui sem número; finalmente, pelas suas muitas ilhas, algumas naturais, outras portáteis ou emergentes, que são produzidas como direi agora. Em tempos de grandes cheias, roubando as margens dos rios a força da corrente, arrancam muitas árvores, das quais se avistam imensas paliçadas no *Marañón* e em outros rios. Grande parte das que são trazidas pelo Pastaza entra nesta lagoa, onde permanecem estagnadas. As cheias cessam, as águas baixam, fazendo com que as paliçadas fiquem assentadas na terra ou na areia. Com a grande umidade, rapidamente produzem muitas e grossas árvores, e em pouco tempo vira floresta. Estas ilhas permanecem firmes enquanto durarem as árvores ou paliçadas que lhes servem de âncoras ou amarrações, com as quais se agarram à terra. Com o tempo, elas apodrecem e faltam, deixando-as soltas. Nas grandes elevações, as águas sobem e podem ser vistas movendo-se de um lugar para outro onde o vento e a corrente as levantam, servindo-lhes as árvores que as sustentam de velas. Se uma destas ilhas for alcançada e abordada, como acontece não poucas vezes, onde estão localizados aqueles que navegam pela lagoa, corre-se um grande risco de afogamento e perdas.

Esto es lo que de esta laguna me han referido testigos dignos de toda fe, y concorda (sic) con lo que en una de sus cartas refiere uno de los primeros misioneros que allá entró con unos soldados borjeños. Aquí es en donde tenían antiguamente su principal asiento los indios Maynas, y aun al presente no pocos dellos, por huir del trabajo y enseñanza cristiana, viven escondidos, pues consideran á esta laguna como á su paraíso terrenal.	Isto é o que me disseram testemunhas dignas de toda fé acerca desta lagoa, e concorda com o que um dos primeiros missionários que ali entrou com alguns soldados *borjeños* refere em uma das suas cartas. Foi aqui que outrora tiveram seu assentamento principal os índios *Maynas,* e ainda hoje não são poucos os que, para fugirem do trabalho e educação cristã, vivem escondidos, porque consideram esta lagoa como seu paraíso terrestre.
§ V – Diario de la entrada que hizo el autor por este río y provincia de la Canela hasta Sant-iago de la Laguna, cabeza de las misiones, el año de 1737.	**§ V – Diário da entrada que o autor fez por este rio e província de *La* Canela desde Quito até Santiago de *La* Laguna, principal das missões, no ano de 1737.**
Para el mejor conocimiento de este río y provincia de la Canela, que es una de las puertas principales por donde se entra al Marañón, trasladaré aquí el Diario de mi entrada y viaje hecho el año de 1737 con otro misionero, y es como sigue. Desde Quito hasta el asiento de Hambato, como saben todos, hay tres jornadas. Desde aquí el día 19 de mayo, dejando á la derecha el camino Real, que conduce hacia Riobamba y Cuenca, fumos (sic) á S. Xabier de Patate, hacienda del colegio de Riobamba. Esta está situada como siete leguas en distancia de Hambato hácia el Oriente, en un profundo y ameno valle que baña el río Patate. Fórmase este de las vertientes de Hambato y Tacunga, y es el que, rompiendo la Cordillera de los Andes, abre camino menos dilatado que otro ninguno para las montañas del Marañón. aquí encontré á 21 indios parte Andoas y parte Cahuapanos, que nos estaban aguardando para acompañarmos y llevarnos en hombros las cargas; pero como esto no bastasen y hubiese entre ellos muchos enfermos, me vi precisado á pasar á los Baños en busca de otros cargueros. Dista este pueblo de la hacienda de S. Xavier cuatro leguas de camino de ladera, en especial desde las juntas de Chambo, río que baja de la provincia de los Puruares, jurisdicción de Riobamba, y entra en el de Patate legua y media más allá de la hacienda.	Para o melhor conhecimento deste rio e província de *La Canela*, que é uma das principais portas de entrada no *Marañón*, transcreverei aqui o Diário de minha entrada e viagem realizada no ano de 1737 com outro missionário, e é como se segue. De Quito até a sede de *Hambato*, como todos sabem, são três dias. Daqui, ao dia 19 de maio, deixando à direita o Caminho Real, que conduz a *Riobamba* e *Cuenca*, fomos a *S. Xabier de Patate*, fazenda do colégio de *Riobamba*. Situa-se a cerca de sete léguas de *Hambato* em direção ao Leste, em um vale profundo e ameno que é banhado pelo rio *Patate*. Este é formado pelas encostas de *Hambato* e *Tacunga*, e é a que, ao longo da Cordilheira dos Andes, abre um caminho menos dilatado que qualquer outro para as montanhas do *Marañón*. Aqui encontrei 21 índios, parte *Andoas* e parte *Cahuapanos*, que nos aguardavam para nos acompanhar e levar as cargas nos ombros; mas, como não bastassem, e houvesse muitos doentes entre eles, vi-me obrigado a ir a *Los Baños* em busca de outros carregadores. Este povoado dista quatro léguas da fazenda *San Xavier* por uma estrada de encosta, especialmente desde o entroncamento de *Chambo*, rio que desce da província de *Puruares*, jurisdição de *Riobamba*, e deságua no rio *Patate,* uma légua e meia mais adiante da propriedade. É aqui que termina aquele agradável vale repleto de canaviais e engenhos de açúcar, e ergue-se

Aquí es en donde se termina aquel ameno valle poblado todo de cañaverales y trapiches, y se levanta soberbio el cerro nevado de Tungurava (sic), á cuyas faldas está dicha población de los Baños. Pero antes de llegar se pasa el río Patata en puente de madera entre riscos y peñas que horrorizan la vista.	magnificamente a serra nevada de *Tungurava* (sic), na qual se encontra a referida povoação de *Los Baños*. Mas, antes de chegar, passa-se o rio *Patata* em uma ponte de madeira, entre falésias e rochas que horrorizam a vista.
Esta población toma el nombre de los Baños de una poza de agua saludable que brota de la tierra en poca distancia y se ha experimentado muy provechosa, en especial á los que adolecen de gálico. De aquí toma también su nombre una estatua de María SS.^{ma}, que llaman N^{tra}. S^{ra}. de Agua Santa y está colocada en la iglesia del pueblo, eu un tiempo muy frecuentado de devotos. El cura es un religioso dominico, y según dan á entender unas paredes caídas, hubo antiguamente convento, en que vivían juntos algunos religiosos. Los vecinos todos españoles, ó por mejor decir, mestizos, no pasan hoy de treinta familias, que viven con mucha pobreza en chozas pajizas, y negocian el sustento de otros pueblos cercanos con el trato de ají, camotes y algunos otros frutos que siembran y recogen mismos (sic) con sus manos. Algunos mozos suelen á veces entrar á la provincia de la Canela á negociar pescado, copal y canela, y estos son los que sirven también de cargueros á los que entran por ahí á la montaña. Hoy día no hay más que ocho ó diez mozos viajeros que tengan alguna experiencia de aquellos caminos. Por eso con mucha dificultad alcancé que catorce dellos nos acompañasen, principalmente porque se iba ya llegando el tiempo de las aguas, que por junio y julio abundan en la Cordillera y ponen en riesgo de perecer á los caminantes.	Este povoado leva o nome de *Los Baños* por causa de uma piscina de água saudável que brota da terra a uma curta distância e tem sido considerada muito proveitosa, especialmente aos que adoecem de sífilis. Dela também leva o nome uma estátua de Maria Santíssima, a que chamam Nossa Senhora da Água Santa e está colocada na igreja do povoado, outrora muito frequentada por devotos. O padre é um religioso dominicano e, segundo dão a entender algumas paredes caídas, existia antigamente um convento, no qual viviam juntos alguns religiosos. Os moradores, todos espanhóis, ou melhor, mestiços, hoje não passam de trinta famílias, que vivem com muita pobreza em cabanas de palha, e negociam o sustento de outros povoados próximos com o tratamento de pimenta, batata doce e algumas outras frutas que plantam e colhem eles mesmos com as mãos. Alguns jovens às vezes costumam entrar na província de *La Canela* para negociar peixe, copal e canela, e são estes que também servem de carregadores para quem por ali entra na montanha. Hoje existem apenas oito ou dez jovens viajantes que têm alguma experiência daqueles caminhos. Por isso, consegui com muita dificuldade que quatorze deles nos acompanhassem, principalmente porque se aproximava o tempo das águas, que em junho e julho abundam na Cordilheira e colocam os caminhantes em risco de perecer.
Concertados los cargueros, revolví para la Hacienda de San Xabier, de donde el día 24, dedicado al prodigioso misionero S. Francisco Regis, empezamos nuestra jornada en compañía de los indios y unos muchachos españoles que llevamos á que se enseñen á vivir en la montaña y puedan servir con el tiempo ele alguna ayuda á los misioneros. En	Arrumados os carregadores, voltei à Fazenda de *San Xabier*, de onde, no dia 24, dedicado ao prodigioso missionário São Francisco Régis, iniciamos nossa jornada na companhia dos índios e de alguns meninos espanhóis que levamos para ensinar-lhes como viver nas montanhas e possam, com o tempo, servir de ajuda aos missionários. Naquele dia, não passamos da povoação de *Los Baños*.

ese día no pasamos de la población de los Baños.	
Al día siguiente, después de haber andado á mula como dos horas, á la otra banda del río Patate, llegamos al puente que llaman de Angoyán, pero como estuvo (sic) esta caída, fue preciso pasar adelante en busca de otra que llaman de Junquillas (sic, por Yunguillas). Como el camino era muy áspero y cerrado, desde aquí, dejadas las cabalgaduras, con alpargatas en los pies y cruz en la mano á modo de bordón, según el estilo de nuestros misioneros, fumos (sic) prosiguiendo por la ladera del río poblada de bosque no muy alto. No bien habíamos andado media hora, cuando encontramos con un paso cuya sola vista horroriza y fue bastante para sacar las lágrimas á los muchachos que nos acompañaban. Llámase vulgarmente la Escalera de Uamac, y consiste en la abertura de una peña angosta y bastantemente resbalosa, que al parecer va á rematar en lo más precipitado del río, conforme sin duda sucediera, á no ofrecer la misma peña en la salida un descanso como de una vara, y ese también pendiente, en donde fijar el pie, abrazándose para la seguridad con la misma peña, y de allí por una puentecilla de tres varas de largo, trasportarse á otra peña, por donde prosigue el camino.	No dia seguinte, depois de andarmos de mula por cerca de duas horas, até a outra margem do rio *Patate*, chegamos à ponte que chamam de *Angoyán*, mas como estava caída, foi necessário passar adiante em busca de outra, a que chamam de *Junquillas* (sic, para *Yunguillas*). Como o caminho era muito acidentado e fechado, daqui, abandonadas as montarias, com alpercatas nos pés e uma cruz nas mãos como bordões, ao estilo dos nossos missionários, continuamos pela encosta do rio, preenchida por floresta não muito alta. Mal tínhamos caminhado meia hora quando nos deparamos com um desfiladeiro, cuja simples visão era horrível e foi suficiente para levar às lágrimas os meninos que nos acompanhavam. É comumente chamada de Escadaria *Uamac*, e consiste na abertura de uma rocha estreita e bastante escorregadia, que aparentemente termina na parte mais íngreme do rio, como sem dúvida acontece, a menos que a mesma rocha na saída oferecesse um descanso como de uma vara, e essa também pendente, onde se pode fixar o pé, abraçando-se para segurança com a mesma pedra, e daí através de uma pequena ponte de três varas de largura, transportar-se para outra pedra, onde o caminho continua.
Pasado felizmente este paso, despues de hora y media de camino no muy áspero, llegamos al puente de Junquillas, que se compone de tres palos afianzados sobre dos peñas. Tendrá como diez varas de largo y una de ancha. Pasada también ésta no sin susto bastante, por estar los palos, según dicen, medio carcomidos, caminamos otra hora hasta un sitio que llaman Atun-bosco, esto es, Bosque alto, donde en una pequeña choza descansamos aquella noche, dando muchas gracias á Dios de haber salido con bien de esta primera jornada.	Passada com sucesso esta passagem, depois de uma hora e meia de caminho não muito acidentado, chegamos à ponte *Junquillas*, que é composta por três postes fixados em duas rochas. Terá cerca de dez varas de comprimento e uma de largura. Passada também esta, não sem muito susto, por estarem os postes, como dizem, meio carcomidos, caminhamos mais uma hora até um lugar chamado *Atun-bosco*, ou seja, Floresta Alta, onde, numa pequena cabana, descansamos aquela noite, dando muitas graças a Deus por termos saído bem desta primeira jornada.
Al día siguiente 26, tomado al amanecer algun sustento, caminamos un espacio como cinco horas hasta un sitio que llaman Mackay	No dia seguinte, 26, depois de tomar algum sustento ao amanhecer, caminhamos cerca de cinco horas até um local chamado *Mackay*

pequeño, y quiere decir pequeña cueva de piedra, que suele servir de choza á los pasajeros, por no haber por ahí otra posada. El camino es todo de ladera no muy empinada, con un lodazal de cerca tres cuadras que llaman Quilluturu. Aquí, por estar mi compañero muy fatigado, nos vimos precisados quedar (sic) aquella noche apilonados más de 30 personas en la abertura de una cueva que tendrá de largo cuando más cinco varas y otras tantas de ancho.	pequeno, que quer dizer "pequena caverna de pedra", que costuma servir de cabana para os passageiros, por não haver pousada por perto. O caminho é todo em declive não muito acentuado, com um lodaçal de cerca de três quadras, a que chamam de *Quilluturu*. Aqui, porque meu companheiro estava muito cansado, fomos obrigados a ficar naquela noite, amontoados mais de 30 pessoas na abertura de uma caverna que terá no máximo cinco varas de comprimento e outras tantas de largura.
El día 27 caminamos como siete horas hasta un llano cenagoso que llaman Runa-cocha (laguna de indios), donde, por estar la tierra colorada, dice el vulgo que en tiempo de la gentilidad se derramó mucha sangre y quedaron muchos indios sepultados en aquellos lodazales. De Machay se baja inmediatamente á un río mediano, que de sus aguas toma el nombre de Verde. Viene según dicen de los cerros de Llanganate y se pasa á vado, á no estar muy crecido, casi á vista del río Patate, con quien se junta. Del río Verde se sube á otra cueva que llaman Machay grande. De allí se prosigue caminando por laderas y ciénagas hasta dicha laguna.	No dia 27 caminhamos cerca de sete horas até uma planície lamacenta chamada *Runa-cocha* (lagoa de índios), onde, por ser a terra vermelha, o povo diz que no tempo dos gentios se derramou muito sangue e muitos índios foram enterrados naqueles lodaçais. De *Machay,* desce-se imediatamente até um rio de médio porte, que por suas águas leva o nome de Verde. Segundo dizem, vem das colinas de *Llanganate* e atravessa um vau, a menos que esteja muito alto, quase à vista do rio *Patate*, com o qual se junta. Do Rio Verde, sobe-se até outra caverna chamada *Machay* Grande. A partir daí segue-se caminhando por ladeiras e pântanos até a referida lagoa.
El día 28, apresurando algo más el paso, porque iban entrando las aguas, anduvimos como 9 leguas por camino gran parte llano hasta el río del Topo, donde llegamos á las 5 de la tarde, y armada luego al punto un puente de cañas, pasamos felizmente á la otra banda. Es este río el más temido en todo el camino por su arrebatada corriente, que no permite paso, y también porque, á poco crecer, llegan con facilidad las aguas á cubrir las peñas en que ha de estribar la puentecilla, que se compone de dos ó tres cañas del grosor de un muslo, que llamamos guaduas. Otra caña semejante mantiene en el aire dos indios parados en las peñas, para que sirva de manilla y consuelo á los que andan pasando con el viento que puede cada cual fácilmente imaginar. Tendrá de ancho todo el río cerca de 15 varas.	No dia 28, acelerando um pouco mais o passo, porque as águas estavam subindo, caminhamos cerca de 9 léguas por um caminho praticamente plano até o rio do Topo, onde chegamos às 5 da tarde, e imediatamente armando uma ponte de canas, felizmente atravessamos para o outro lado. Este rio é o mais temido de todo o caminho pela sua correnteza violenta, que não permite a passagem, e também porque, assim que sobe um pouco, as águas cobrem facilmente as rochas sobre as quais se encontra a pequena ponte, que é composta por duas ou três canas da espessura de uma coxa, que chamamos de *guaduas*. Outra cana semelhante é mantida no ar por dois índios de pé sobre as pedras, para que sirva de alça e consolo a quem por ali passa com o vento que cada um pode facilmente imaginar. O rio inteiro terá cerca de 15 varas de largura.

La jornada del día 29 fue aun más penosa y dilatada, por la aspereza del camino. Media hora despues del Topo se encuentra otro río mediano que llaman Topillo ó SSigua. Pasado este á vado, se encuentran tres crestas, una más empinada que otra que van formando un cerro el más alto que haya en este camino. Llámase irónicamente el Abitado, pues ni pájaros discurro habitan en él. La dormida fue al otro lado á la mitad de la bajada, en una ramada que llaman del Masato, á donde llegamos poco antes de la noche muy fatigados y maltratados del aguacero que nos acompañó todo el día.	A jornada do dia 29 foi ainda mais difícil e prolongada, devido à aspereza do caminho. Meia hora depois de *Topo* existe outro rio de médio porte chamado *Topillo* ou *Sigua*. Depois deste vau, existem três cumes, um mais íngreme que o outro, que formam uma colina, a mais alta deste caminho. É ironicamente chamado de Habitado, pois nem pássaros vivem nele. Dormimos do outro lado, à metade da descida, em um ramal chamado *Masato*, aonde chegamos pouco antes de anoitecer, muito cansados e castigados pelo aguaceiro que nos acompanhou durante todo o dia.
El dia 30 fue el camino menos penoso, por ser en gran parte bajada, á la cual sucede un llano bastantemente limpio y seco, cuando no llueve, y se llama Barrancas de Pastasa, nombre que dan de aquí en adelante al río Patate. Termínase este llano después de una corta bajada con un río mediano que llaman Alpayacu, como si dijéramos río de tierra, porque allí es donde acaban las asperezas de la cordillera y empiezan las llanuras de la montaña. De aquí en adelante también el bosque no es tan estéril de mantenimiento, pues se encuentran algunas palmas, cuyo cogollo es comestible, como también alguna cacería de monos y puercos monteses, conforme nos sucedió al acabar la jornada, tropezando en el mismo camino con una manada de puercos, que los indios luego acometieron y mataron con sus lanzas. Desde la población de los Baños hasta dicho río de tierra, el camino sigue con poca diferencia el mismo rumbo que el río Patate ó Pastasa, que es para el Noreste. Desde aquí, dejando á la derecha Pastasa y atravesando el bosque rumbo entre el Este y el Sur, se va en busca de otro río llamado Bohón ó Bobonaza, á cuyas orillas está la provincia y puerto de los Canelos.	O dia 30 foi o caminho menos árduo, por ser em grande parte em declive, seguido por uma planície bastante limpa e seca, quando não chove, e se chama *Barrancas de Pastaza*, nome dado a partir daqui ao rio *Patate*. Esta planície termina depois de uma curta descida com um rio de médio porte que chamam de *Alpayacu*, como se disséssemos "rio de terra", porque é onde terminam as asperezas da cordilheira e começam as planícies montanhosas. Daqui em diante a floresta também já não é tão desprovida de mantimento, já que existem algumas palmeiras, cujo interior é comestível, bem como alguma caça de macacos e porcos monteses, como aconteceu conosco ao final da jornada, tropeçando, no mesmo caminho, em uma manada de porcos, que os índios logo atacaram e mataram com suas lanças. Da povoação de *Los Baños* até o referido rio de terra, o caminho segue com pouca diferença o mesmo rumo do rio *Patate* ou *Pastaza*, que fica ao Nordeste. A partir daqui, deixando *Pastaza* à direita e atravessando o bosque rumo ao Leste e ao Sul, vai-se em busca de outro rio chamado *Bohón* ou *Bobonaza*, em cujas margens se encontra a província e porto de *Los Canelos*.
Bastantemente próspero y breve hubiera sido nuestro viaje, á no haber entrado con furia las aguas en estas últimas jornadas, que apenas nos dejaron dar paso, en especial los tres días	Nossa viagem teria sido bastante próspera e breve, se as águas não tivessem entrado com fúria nestes últimos dias, que mal nos deixaram passar, principalmente nos três dias seguintes,

siguientes, obligándonos aguantar (sic) en unas pequeñas ramadas la inclemencia del tiempo y escasez de mantenimientos, que llegaron á faltarnos casi del todo.	obrigando-nos a suportar com alguns pequenos galhos a inclemência do tempo e falta de mantimentos, que nos chegava a faltar quase totalmente.
El día 2 de junio, pasado con harto trabajo un llano todo inundado de agua y sembrado de espinas, llegamos á la tarde al río Pindo con esperanzas de pasar al otro lado, pero no obstante que iba ya de bajada, no hubo quien se atreviese á vadearlo. Pasamos la noche en la orilla entreteniendo la hambre con cogollo de palma poco ó mal guisado.	No dia 2 de junho, tendo passado com muita dificuldade uma planície inundada de água e repleta de espinhos, chegamos à tarde ao rio *Pindo* com a esperanças de atravessar para o outro lado, mas apesar de já estar descendo, não havia ninguém que o ousasse. Passamos a noite na margem entretendo a fome com palmito pouco ou mal cozido.
El día 3, pasado por la mañana dicho río, y dé allí á dos leguas otro semejante, que llaman de los Quineos, con aguacero continuo caminamos por siete horas y más, subiendo y bajando unas lomas ó collados hasta llegará un sitio donde hubo antiguamente pueblo de indios llamado Penday, en cuya cercania descansamos la noche siguiente. Mi principal trabajo en esta jornada fue el alentar á los cargueros á que prosiguiesen con las cargas y no las dejasen botadas en el camino, como querían hacer, por faltarles ya las fuerzas, según decían.	No dia 3, pela manhã, depois de atravessarmos o referido rio, e a duas léguas de outro semelhante, a que chamam *Quineos*, com aguaceiro contínuo, caminhámos por sete horas ou mais, subindo e descendo alguns montes ou colinas até chegarmos a um local onde havia antigamente um povoado indígena chamado *Penday*, em cuja proximidade descansamos na noite seguinte. Minha principal função nesta jornada foi incentivar os cargueiros a continuarem com as cargas e não as deixar jogadas no caminho, como queriam, porque já estavam com falta de forças, como disseram.
El mismo trabajo hubo en la jornada siguiente, en que, por fin, después de una larga bajada llegamos á otro sitio llamado Chontoa, donde hubo también pueblo del mismo nombre. Aquí fue Dios servido encontrásemos unos indios Canelos que venían á encontrarnos y traian consigo unas yucas y plátanos ahumados, regalo sobrado para quien los días antecedentes había experimentado los efectos del hambre. Una taza de yuca desleída en agua que me ofreció el uno de ellos, parecióme leche la más regalada. Habiendo aquí descansado aquella noche, al día siguiente concluimos con bastante aliento lo restante del camino, que es todo bajada hasta el puerto y pueblo de la Canela, á donde llegamos cerca de las 8 dela mañana. En este puerto paramos hasta el día 14, aguardando algunas cargas que se habian atrasado, y previniendo algún matalotaje para la navegación de Bobonaza.	O mesmo trabalho foi feito na jornada seguinte, quando, finalmente, após uma longa descida, chegamos a outro lugar chamado *Chontoa*, onde também existira um povoado com o mesmo nome. Aqui, foi Deus servido que encontrássemos alguns índios *Canelos*, que vieram ao nosso encontro e trouxeram consigo algumas mandiocas e bananas defumadas, um presente farto para aqueles que haviam experimentado os efeitos da fome nos dias anteriores. Um copo de mandioca dissolvida em água que um deles me ofereceu, parecia-me o leite mais precioso. Tendo descansado aqui naquela noite, no dia seguinte terminamos com muito ânimo o resto do caminho, que é todo em descida até o porto e povoado de *La Canela*, onde chegamos por volta das 8 da manhã. Paramos neste porto até o dia 14, aguardando algumas cargas que estavam atrasadas, e evitando qualquer interrupção na navegação de *Bobonaza*.

Consta el pueblo de Canelos de 30 familias, almas por todo cerca de 200, gran parte naturales del pueblo de Napo, de donde vinieron huyéndose por el monte, para no pagar tributo á los encomenderos; ocho ó nueve familias, cuando más, son reliquias de Penday, Chantoa y otro pueblo llamado Canincha, que hubo en las orillas de Pastasa, casi en derechura de Canelos. Cerca del año doce de este siglo, un religioso dominico, el P.e Fray Ignacio de Santa Maria, que hoy tambien asiste con oficio de cura, llevado de su celo y fomentado de nuestros misioneros, recogió á los índios que iban fugitivos y fundo dicho pueblo patrocinio del Patriarca San Joseph en las orillas de Bobonaza, á que sirviese de escala á los nuestros para entrar á las provincias del Marañón. Los primeros que descubrieron ese río y camino para salir á los Baños dueron los PP. Lucas de la Cueva e Raimundo de S.ta Cruz, quien tambien dió la vida en esta demanda ahogado en un raudal del río poco más arriba del puerto. Por haberse reconocido casi innavegable en aquella altura el río Pastasa, por muchos saltos y angosturas, se tuvo por mejor, dejando Pastasa, abrir puerto en este río de Bobooaza, y de allí, atravesando el monte, ir otra vez en busca de Pastasa, y junto á sus orillas abrir camino para los Baños y Patate.

Habiendo pues descansado en dicho puerto 9 días con harta escasez, por estar ausente el cura y gran parte de la gente, el dia 14 á las 8 de la mañana empezamos nuestra navegación en tres canoas, la una mediana y las otras dos menores. Es Bobonaza río de poco caudal y en las primeras jornadas dificil de navegar, no tanto por los raudales que tiene, cuanto por la poca agua que lleva no estando crecido; de aquí fue que en los dos primeros días anduvimos muy pocas leguas, ocupándose gran parte del día los remeros en quitar piedras y abrir caños por donde pudiesen pasar las canoas. también, por las vueltas continuas que tiene, no fue factible el notar distintamente todos sus rumbos. El principal y más reparable es para el Nordeste. El día 15 pasamos por la mañana un

O povoado de *Canelos* consta de 30 famílias, cerca de 200 almas ao todo, grande parte delas naturais do povoado de Napo, de onde vieram fugindo pelas montanhas, para não pagar tributo aos encomendadores; oito ou nove famílias, no máximo, são remanescentes de *Penday*, *Chantoa* e de outro povoado chamado *Canincha*, que ficava às margens do *Pastaza*, quase em direção de *Canelos*. Por volta do ano doze deste século, um religioso dominicano, Padre Frei Ignacio de Santa Maria, que hoje também exerce a função de Cura, guiado pelo seu zelo e encorajado pelos nossos missionários, reuniu os índios que fugiam e fundou o dito povoado sob o patrocínio do Patriarca São José nas margens do *Bobonaza*, para servir de escala para os nossos ao entrar nas províncias do *Marañón*. Os primeiros a descobrir aquele rio e caminho para sair a *Los Baños* foram os Padres Lucas de la Cueva e Raimundo de Santa Cruz, que também deu a vida neste processo, afogado numa corredeira do rio, logo acima do porto. Por ter sido reconhecido como quase inavegável o rio *Pastaza* naquela altura, devido a muitos saltos e estreitamentos, considerou-se melhor, saindo do *Pastaza*, abrir um porto neste rio de *Bobonaza*, e de lá, atravessando a montanha, ir novamente em busca do *Pastaza*, e, junto às suas margens, abrir caminho para *Baños* e *Patate*.

Tendo, portanto, descansado no referido porto durante 9 dias com grande escassez, devido à ausência do Cura e de grande parte do povo, no dia 14, às 8 da manhã, iniciamos a nossa navegação em três canoas, uma de médio porte e outras duas menores. *Bobonaza* é um rio de pouco caudal e, nos primeiros dias, difícil de navegar, não tanto pelas corredeiras que possui, mas pela pouca água que carrega quando não está cheio; daqui foi que nos dois primeiros dias percorremos poucas léguas, ocupando-se os remadores grande parte do dia a retirar pedras e a abrir canais por onde pudessem passar as canoas. Além disso, devido às curvas contínuas que possui, não era possível perceber claramente todas as suas direções. A principal e mais reparável é para o nordeste. No dia 15, pela

paso no muy peligroso que llaman el Pongillo (sic, por Ponguillo), que es lo mismo que puerta pequeña, por estrecharse las aguas entre dos peñas.	manhã, passamos por uma passagem não muito perigosa, chamada *Ponguillo*, que equivale a "pequena porta", porque as águas se estreitam entre duas rochas.
El día 16, habiendo el río crecido de repente con exceso, nos vimos precisados parar (sic) como dos horas á vista de las juntas con otro riacho que llaman Tiu-yacu, para que con el ímpetu de las aguas no peligrasen las dos menores canoíllas. Sosegada algo la furia de la creciente, fumos (sic) dejándonos llevar de la corriente, no sin susto bastante, por las muchas vueltas del río. Caminamos este día cerca de 18 leguas hasta otro riacho que viene de la banda del Poniente y se llama Chambira-yacu. El rumbo principal fue, como ayer, para el Nordeste.	No dia 16, tendo o rio crescido com excesso de repente, fomos obrigados a parar cerca de duas horas, em vista da junção com outro riacho chamado *Tiu-yacu*, para que com o ímpeto das águas as duas canoas menores não estivessem em perigo. Acalmada um pouco a fúria da enchente, fomos deixando-nos levar pela corrente, não sem um pouco de susto, pelas muitas curvas do rio. Neste dia caminhamos cerca de 18 léguas até outro riacho que vem do lado do poente e se chama *Chambira-yacu*. O rumo principal foi, como ontem, para o Nordeste.
El dia 17 pasamos por la mañana á Balsas-yacu; poco antes del medio dia á Sara-yacu; á las tres de la tarde á Pingulluyacu. Todos tres son riachos de poca monta que entran de la banda de Poniente. Rancheamos algo más arriba de las juntas de Rotuna [Rotuno?]. Este es el riacho mayor de cuantos entran en Bobonaza. Entra de la banda de Oriente y parte casi igualmente el camino entre Canelos y Andoas. Los indios Semigaes que nos acompañaban, me aseguraron haber visto á la subida de la playa de enfrente rastro ó pisadas de gente, también de niños. Discurro serán reliquias de indios Gaes ó de Xianos (cristianos) que andan remontados. El rumbo principal fue el mismo que ayer.	No dia 17, passamos para *Balsas-yacu* pela manhã; pouco antes do meio-dia, para *Sara-yacu*; às três da tarde para *Pingulluyacu*. Todos os três são pequenos riachos que entram pelo lado do poente. Acampamos um pouco mais alto que as juntas de *Rotuna* [Rotuno?]. Este é o maior riacho daqueles que entram em *Bobonaza*. Entra pelo lado oriental e sai quase igualmente o caminho entre *Canelos* e *Andoas*. Os índios *Semigaes* que nos acompanhavam, garantiram-me que tinham visto rastros ou pegadas de pessoas, também de crianças, na subida da praia oposta. Penso que devam ser relíquias de índios *Gaes* ou *Xianos* (cristãos) que andam remanescentes. O rumo principal foi o mesmo de ontem.
El día 18, pasado Rotuna (desde aquí se explaya el río sin tantas vueltas), rumbo parte á Nordeste y parte á Leste, caminamos como seis horas hasta un sitio que llaman Thomas Santos, por haber años ha un misionero de la Compañía de este nombre empezado á poblar en dicho paraje á los Andoas, que se pasaron después al sitio que hoy ocupan.	No dia 18, depois de *Rotuna* (daqui o rio se estende sem tantas voltas), rumando parte para nordeste e parte para leste, caminhamos cerca de seis horas até um lugar chamado Thomas Santos, porque há anos lá tinha estado um missionário da Companhia deste nome, que começara a estabelecer povoado no referido local com os *Andoas*, que depois se mudaram para o local que hoje ocupam.
El día 19, habiendo caminado desde las tres de la mañana hacia el Suroeste, hicimos alto á la	No dia 19, tendo caminhado para sudoeste desde às três da manhã, paramos à noite em

noche enfrente de un riacho que llaman de los Gaes, porque en cercanía del monte adentro estuvo años há la reducción de los Gaes, que se retiraron el año de 1707, después de haber muerto alevosamente á su misionero el P.e Nicolás Durango; porque el día siguiente se celebraba la fiesta del Corpus, con esperanza de llegar con tiempo á la reducción de los Andoas.	frente a uma ribeira chamada do *Gaes*, porque nas proximidades da montanha os *Gaes* estavam reduzidos há anos, e retiraram-se no ano de 1707, depois de terem matado traiçoeiramente o seu missionário, Padre Nicolás Durango; porque no dia seguinte foi celebrada a festa de Corpus Christi, com a esperança de chegar em tempo à redução dos *Andoas*.
El día 20 desde la media noche fumos (sic) prosiguiendo nuestra navegación, rumbo parte al Suroeste y parte al Oeste; no se pudo sin embargo llegar á las juntas de Pastasa hasta las dos de la tarde, y á las cuatro y más á la quebrada que conduce al dicho pueblo de los Andoas, que es el primero de la misión que se encuentra en este camino. En la quebrada, que tiene 26 vueltecitas, nos tardamos otra hora, con que nuestra llegada fue cerca de la noche. El misionero que allí reside recibiónos con muestras de mucho gozo, y entre danzas y música de los indios nos condujo á la iglesia, donde dimos gracias á Dios de nuestra feliz llegada, cantando con los niños de la doctrina la Salve y Alabado.	No dia 20, a partir da meia-noite, prosseguimos a nossa navegação, rumando parte para sudoeste e parte para oeste; No entanto, não pudemos chegar às junções do *Pastaza* às duas da tarde, e pouco mais das quatro horas ao desfiladeiro que conduz ao dito povoado dos *Andoas*, que é o primeiro da missão que se encontra neste caminho. No barranco, que tem 26 pequenas curvas, demoramos mais uma hora, então chegamos perto da noite. O missionário que ali reside nos recebeu com muita alegria, e entre danças e músicas dos índios nos conduziu até a igreja, onde agradecemos a Deus pela nossa feliz chegada, cantando a Salve (Rainha) e Louvado (seja Deus) com os filhos da doutrina.
Es el pueblo de S. Thomé de Andoas uno de los mejores de la misión, primero por la planta, que es un hermoso tablón que terminan y rodean dos quebradas, de cuyas aguas se aprovechan sin incomodidas (sic) todas las casas, que es tan hermosamente repartidas alrededor de una gran plaza, á cuya cabecera está situada la iglesia y casa del Padre; segundo, por el temple, que no es muy caluroso y sin aquellos enjambres de mosquitos que tanto fatigan en otras partes; tercero, por el natural de los indios, que viven muy rendidos y prontos á los mandatos del Padre. Fundó este pueblo por el ano de 1708 el P.e Wenceslao Breyer, bohemio, parte con las reliquias del pueblo de Gaes, y parte con otros indios que fue recogiendo de los bosques que se extienden hacia el Tigre y Curaray. Cuenta hoy 447 almas. A no haber muertos (sic) muchísimos recién salidos del monte y recibido el bautismo, contara algunos millares.	O povoado de São Thomé de Andoas é um dos melhores da missão, primeiro pela planta, que é um belo tabuleiro, terminado e circundado por dois riachos, cujas águas são aproveitadas sem desconforto por todas as casas, que estão tão lindamente distribuídas em torno de uma grande praça, na cabeceira da qual está localizada a igreja e a casa do Padre; segundo, pela índole, que não é muito quente e sem aqueles enxames de mosquitos que tanto cansam em outras partes; terceiro, pela natureza dos índios, que vivem muito rendidos e prontos aos mandamentos do Padre. Este povoado foi fundado em 1708 pelo padre Wenceslao Breyer, da Boêmia, em parte com as relíquias do povoado de *Gaes*, e em parte com outros índios que ele recolheu nos bosques que se estendem até Tigre e *Curaray*. Hoje conta com 447 almas. Se não houvesse mortos, muitíssimos recém-saídos da montanha e recebido o batismo, contaria alguns milhares.

Aquí paramos hasta el día 25, en que, cerca de las ocho de la mañana salimos otra vez al río Pastasa, para proseguir nuestro viaje al Marañón. El rumbo que hoy llevamos fue al Leste. A la noche rancheamos en Arenal, en frente de un barranco colorado que llaman Puca-Urcu.	Aqui paramos até o dia 25, quando, por volta das oito da manhã, saímos novamente para o rio *Pastaza*, para continuar nossa viagem ao *Marañón*. O rumo que tomamos hoje foi para o leste. À noite acampamos em *Arenal*, em frente a um barranco vermelho chamado *Puca-Urcu*.
El día 26, siguiendo el mismo rumbo, cerca de las nueve de la mañana llegamos al pueblo de los Pinches, que está también algunas cuadras monte adentro en la orilla de un ameno riacho. Es pueblo corto, pues hoy cuenta solas 136 almas; se espera, sin embargo, irá aumentándose con una parcialidad de Roamaynas que pocos meses ha se amistaron, y distan por e1 monte tres jornadas de camino. Aquí descansamos lo restante del día.	No dia 26, seguindo o mesmo rumo, por volta das nove da manhã, chegamos ao povoado de *Los Pinches*, que também está a algumas quadras monte adentro, às margens de um agradável riacho. É um povoado pequeno, pois hoje conta apenas 136 almas; espera-se, no entanto, que aumente com a parcialidade dos *Roamaynas* que há poucos meses se tornaram amigos e distam três dias de caminhada pelas montanhas. Aqui descansamos o restante do dia.
El día 27, después de una hora de navegación, llegamos al Barradero (sic, por Varadero), por donde se entra á dichos Roamaynas. Rumbo del río, primero Sudeste, de allí Sudoeste hasta llegar á la boca de un río que llaman Guasaga y sale de la banda del Poniente. Cerca de las 9 percibimos algún temblor con oleaje, que rempujó la canoa hacia la orilla. Rancheamos á la noche cerca de una quebrada que llaman Songari-yacu.	No dia 27, após uma hora de navegação, chegamos a *Barradero* (sic, por *Varadero*), onde se entra aos ditos *Roamaynas*. Curso do rio, primeiro sudeste, depois sudoeste até chegar à foz de um rio chamado Guasaga e sair pelo lado oeste. Por volta das 9 horas notamos algum tremor com ondas, que empurrou a canoa em direção à margem. Acampamos à noite perto de uma ravina chamada *Songari-yacu*.
El día 28, después de algunas vueltas del río, entramos en una encañada, en la cual tardamos cerca de cuatro horas. Aquí el río, que antes iba esparciendo (sic) entre muchas islas, se recoge con anchor de cerca media cuadra, por lo cual tiene corriente bastante, especialmente cuando está crecido. Corre línea recta hacia el Sur, con alguna inclinación ya al Sudeste, ya al Sudoeste. A la encañada que llaman grande, síguese otra menor, en cuya salida rancheamos á la noche á vista de una isla á modo de cerrecito.	No dia 28, depois de algumas curvas do rio, entramos em uma ravina, na qual demoramos cerca de quatro horas. Aqui o rio, que antes se espalhava entre muitas ilhas, recolhe-se com uma largura de cerca de meia quadra, por isso tem bastante corrente, principalmente quando está cheio. Corre em linha reta para o sul, com alguma inclinação ora para o sudeste, ora para o sudoeste. À chamada ravina grande segue-se outra menor, em cuja saída acampamos à noite, à vista de uma ilha parecida com um pequeno morro.
El día 29, cerca de las nueve, pasamos la boca principal de la laguna Rimachuma, que está al Poniente. El rumbo que llevamos por la mañana fue derecho al Sur entre continuas	No dia 29, por volta das nove horas, passamos pela foz principal da lagoa *Rimachuma*, que fica ao poente. O rumo que tomamos pela manhã foi direto para o sul, entre ilhas contínuas. À tarde,

islas. Por la tarde, parte al Sur y parte al Sudeste, basta llegar á una isla que hace se reparta el río en dos brazos para entrar al Marañón. El principal sale derecho al Sur; el otro menor, que seguimos al día siguiente por más de dos horas, va parte al Este y parte al Sudeste.	parte ao sul e parte ao sudeste, basta chegar a uma ilha que divide o rio em dois braços para entrar no *Marañón*. O principal vai direto para o sul; o outro, menor, que percorremos no dia seguinte durante mais de duas horas, vai parte para o leste e parte para o sudeste.
El dia 30 salimos al Marañón poco antes de las ocho. Encontramos á la salida muchas islas, que embarazan notar lo ancho del río. El rumbo principal que seguimos hasta anochecer fue á Leste. Rancheamos en arenal muy extendido de la banda del Norte.	No dia 30 partimos para o *Marañón* pouco antes das oito. Na saída encontramos muitas ilhas, que dificultam perceber a largura do rio. O rumo principal que seguimos até o anoitecer foi ao leste. Acampamos em um areal muito extenso na banda do norte.
Desde allí, el día 1.° julio, encaminándonos al Sueste hasta una punta de tierra que llaman Atun Cedro, entramos por una isla que mira derecho á Leste. De allí, declinando otra vez al Sur, cerca de las siete de la mañana entramos en el río Guallaga, no tan caudaloso como Pastasa. Sale este río derecho al Oeste, de allí forma como un medio circulo hasta la boca de un caño que viene de la Laguna, en cuyas orillas está fundado el pueblo de Sant-iago, hoy cabeza de toda la misión. Llegamos á la boca deste caño cerca de las tres de la tarde, pero como estuvo casi del todo seco, subimos como dos cuadras hasta un puesto de tierra que llaman el Baradero, por donde nos encaminamos al Pueblo, distante cerca de media legua. Este ha sido el término de esta mi primera jornada y viaje desde Quito. De la situación deste pueblo y otras circunstancias diré difusamente en otra parte.	Dali, no dia 1° de julho, encaminhando-nos para o Sudeste até um ponto de terra chamado *Atun Cedro*, entramos em uma ilha voltada diretamente para o leste. Dali, descendo novamente para o sul, por volta das sete da manhã, entrámos no rio Guallaga, não tão caudaloso como o *Pastaza*. Este rio corre direto para o oeste, dali forma um semicírculo até à foz de um canal que vem de *Laguna*, em cujas margens está fundado o povoado de Santiago, hoje cabeça de toda a missão. Chegamos à foz deste canal por volta das três da tarde, mas como estava quase totalmente seco, subimos cerca de duas quadras até um posto de terra chamado *Baradero*, de onde nos dirigimos ao povoado, a cerca de meia légua de distância. Este foi o fim desta minha primeira jornada e viagem desde Quito. Direi vagamente sobre a situação deste povoado e de outras circunstâncias em outra parte.
§ VI – Río Guallaga.	**§ VI – Rio Guallaga.**
De lo dicho en el diario que acabamos de referir, se colige que el río que entra en el Marañón después de Pastasa es Guallaga ó Guariaa, que en lengua de los Maynas suena lo mismo que Río de hacia abajo. Este es el río en cuya conquista emplearon gran parte de su celo los primeros misioneros de la Compañía que entraron á estas montañas, como se dirá en adelante. Nace Guallaga de la cerranía (sic) de Bombón en la misma altura y, como sienten	Do que foi dito no diário que acabamos de referir, deduz-se que o rio que deságua no *Marañón* depois do Pastaza é Guallaga ou *Guariaa*, que na língua dos *Maynas* soa o mesmo que "Rio abaixo". Este é o rio em cuja conquista os primeiros missionários da Companhia que entraram nestas montanhas empregaram grande parte do seu zelo, como se dirá adiante. Guallaga nasce da serra de *Bombón*, à mesma altura e, como pensam alguns, da mesma lagoa de que sai

algunos, de la misma laguna de que sale el Marañón, y corre, aunque por distinto rumbo, casi tanto como él, hasta juntarse los dos en el paraje memorado.	o *Marañón*, e corre, embora em direção diferente, quase tanto quanto ele, até juntar-se os dois na paragem referida.
Como media vuelta más arriba destas juntas, le entra á la derecha un riacho llamado Apena, cuyas arenas consagró con su sangre por el año de 1666 el V. P.e Francisco de Figueroa, Protomártir del Marañón. Tiene su origen en la serranía de Chayavitas, que es ramo de la Cordillera de los Andes. Subiendo por este riacho, á los tres ó cuatro días de navegación algo enfadosa por los palos caídos que embarazan no pocas veces el paso, se llega á la reduccion de los Xéberos y Cutinanas, la más numerosa que hoy tenga el Marañón.	Cerca de meia volta acima destas juntas, entra-lhe à direita um riacho chamado *Apena*, cujas areias consagrou com seu sangue, no ano de 1666, o Vigário Padre Francisco de Figueroa, Protomártir do *Marañón*. Tem sua origem na cordilheira *Chayavitas*, que é um braço da Cordilheira dos Andes. Subindo por este riacho, após três ou quatro dias de navegação algo difícil, devido aos paus caídos que muitas vezes dificultam a passagem, chega-se à redução dos *Xéberos* e *Cutinanas*, a mais numerosa que o *Marañón* tem hoje.
Tres ó cuatro horas de navegación más arriba de la boca de Apena sale á Guallaga el caño de la Laguna, de que hablamos en el Diario, en donde viven los Panos, Cocamas, y otras naciones traídas en gran parte de las riberas de Ucayale, menos los Cocamillas, que vivieron un tiempo tres ó cuatro días más arriba en la ribera del río. Caminando desde el pueblo de la Laguna cerca de ocho leguas al Sur por el monte, se halla la reducción de S. Xavier de los Chamicuros, y torciendo otras dos leguas al Poniente, la de S. Antonio Abad de los Aguanos, desde donde hay también camino de 3 ó 4 horas para salir á Guallaga.	Três ou quatro horas de navegação mais acima da foz do *Apena*, sai ao Guallaga o canal de *Laguna*, de que falamos no Diário, onde vivem os *Pano*, *Cocama* e outras nações trazidas em grande parte das ribeiras do Ucayale, exceto os *Cocamillas*, que viveram um tempo três ou quatro dias mais acima, na ribeira do rio. Caminhando do povoado de *La Laguna*, cerca de oito léguas para o sul ao longo da montanha, encontra-se a redução de São Xavier dos *Chamicuros*, e virando mais duas léguas para o poente, a de Santo Antonio Abad dos *Aguanos*, de onde também há caminho de 3 ou 4 horas para sair ao Guallaga.
Prosiguiendo por este río para arriba, á los cinco días de navegación desde el caño de la Laguna, se halla en la ribera á mano derecha otra reducción en que viven los Yurimaguas que se retiraron á este río desde los principios deste siglo, huyendo de las garras de los portugueses del Pará. Media legua más abajo desta reducción sale á Guallaga el riacho de los Paranapuras, á cuyas orillas, despues de media legua, viven unos indios retirados de Lamas, y dos jornadas más arriba los Muniches y Otanaves, que antes hacian dos reducciones aparte; desde aquí, por el monte, hay camino para la ciudad de Lamas. Caminando otras dos jornadas, sale la quebrada que llaman de la Sal,	Continuando por este rio acima, após cinco dias de navegação desde o canal de *Laguna*, encontra-se na ribeira do lado esquerdo outra redução onde vivem os *Yurimaguas*, que se retiraram para este rio desde o início deste século, fugindo das garras dos portugueses do Pará. Meia légua abaixo desta redução, o riacho *Paranapuras* sai até o Guallaga, em cujas margens, depois de meia légua, vivem alguns índios retirados dos *Lamas*, e dois dias mais acima os *Muniches* e *Otanaves*, que antes faziam duas reduções à parte; daqui, através das montanhas, há caminho para a cidade de *Lamas*. Caminhando mais dois dias, sai-se do desfiladeiro, a que chamam "do Sal", por onde se chega à cidade de *Moyobamba*. Depois deste

por donde se va á la ciudad de Moyobamba. Pasada esta quebrada, tres días más arriba está el pueblo de los Paranapuras, de que hicimos mención hablando del río de los Cahuapanas. Este río de Paranapuras, como también el de Guallaga, son un mineral riquísimo de sal, que cortan á sincel (cincel) los indios y proveen con él abundantemente á toda la misión y provincias cercanas. La sal de Guallaga se parece al cristal de roca; la de Paranapuras es colorada y se tiene por mejor.	desfiladeiro, três dias mais acima está o povoado de *Paranapuras*, que mencionamos ao falar do rio *Cahuapanas*. Este rio de *Paranapuras*, assim como o de Guallaga, são uma riquíssima mina de sal, que os índios cortam com cinzel e fornecem abundantemente a toda a Missão e províncias vizinhas. O sal do Guallaga lembra o cristal de rocha; o de *Paranapuras* é vermelho e é considerado melhor.
Cuatro ó cinco días más arriba de los Yurimaguas, sale á la otra banda el río Chipurana, y á este el de Yana-yacu, cuyas cabeceras, según dicen, se acercan mucho á Ucayale. Por este río habiendo entrado el año de 1703 unos vecinos de Lamas, sacaron á unos indios Manaves que habia baptizado años há en las riberas de Ucayale el P.e Enrique Richter. Tuvieron noticia también que en Cusabatay y Pisques, riachos que entran en Ucayale, hay muchos Chipeos y Pantos infieles, que viven mezclados con otros llamados Amasifuines.	Quatro ou cinco dias mais acima dos *Yurimaguas*, surge do outro lado o rio *Chipurana* e ao leste o rio *Yana-yacu*, cujas cabeceiras, segundo dizem, ficam muito próximas do Ucayale. Por este rio, tendo entrado no ano de 1703 alguns moradores de *Lamas*, retiraram alguns índios *Manaves* que haviam sido batizados anos atrás nas ribeiras do Ucayale pelo Padre Enrique Richter. Também tiveram notícia que em *Cusabatay* e *Pisques*, riachos que entram no Ucayale, existem muitos *Chipeos* e *Pantos* infiéis, que vivem misturados com outros, chamados *Amasifuines*.
Muchas jornadas más arriba entra en Guallaga de la banda del Poniente otro río llamado Monzón, por donde hay camino no muy dilatado para Lima, corte del Perú, como se colige de una carta del P.e Juan Lorenzo Lucero, escrita por el año de 1675 al P.e Gaspar Vivas, rector del colegio de Quito, en que dice así: "Descubierto el año pasado Guánuco de los Caballeros por el río de Guallaga, tuve cartas de los religiosos franciscos, misioneros de Paianzos en dos reducciones, en que me dicen les parece que, dejando el río de Guallaga á mano izquierda, será posible dar con brevedad en Lima, y que ellos no lo pueden hacer, porque no tienen el poder que tiene la Compañía, en que tiene librados Nuestro Señor semejantes descubrimientos; y que aunque ellos vinieron de Lima por la dicha mano derecha, tardaron un mes entero de camino de á pie, y luego en balsas dos semanas río abajo de Guallaga, para dar en dichos Payanzos. Con esta nueva traté luego con calor	Muitas jornadas mais acima, outro rio, chamado *Monzón*, entra no Guallaga pelo lado do poente, através do qual há um caminho não muito longo até Lima, Corte do Peru, como se depreende de uma carta do Padre Juan Lorenzo Lucero, escrita no ano de 1675 ao Padre Gaspar Vivas, reitor do colégio de Quito, na qual diz assim: "No ano passado, quando *Guánuco de los Caballeros* foi descoberto junto ao rio Guallaga, recebi cartas dos religiosos franciscanos, missionários de *Paianzos* em duas reduções, nas quais contaram-me o que lhes parece, que, saindo do rio Guallaga pela lado esquerdo, seria possível chegar com brevidade a Lima, e que eles não o podem fazer, porque não têm o poder que tem a Companhia, a qual Nosso Senhor tem permitido descobrimentos semelhantes; e que, embora viessem de Lima pela dita mão direita, demoraram um mês inteiro de caminho a pé, e depois duas semanas em balsas descendo o rio Guallaga, para chegar aos ditos *Payanzos*. Com esta nova tratei logo com calor do dito

del dicho descubrimiento, y en treinta y cinco días desde esta reducción de la Laguna se dió en Lima, dejando Guallaga á mano izquierda y con él á Guánuco de los Caballeros, que goza de sus riberas, y cogiendo á mano derecha el río que llaman de Monzon. Los treinta son de canoa y los cinco de á mula, camino abierto de arrias [hárrias], por la provincia de los Guamalíes y sierra de Bombón, donde la Auricocha (sic), laguna muy poderosa por la máquina de aguas que en ella descansan ó se rebalsan, es venerada por madre del gran río Marañón. Dos días del puerto de Monzón, camino de Lima, está el curato de Chavín de Pariaca, de donde se puede pedir algún socorro, como lo hicieron mis descobridores". Hasta aquí la carta del P.^{e} Lucero. Si es así, tengo por muy probable por ahí entraria el año de 1560 Pedro de Orsúa, enviado del S.^{r} Virrey al descubrimiento del Marañón.	descobrimento, e trinta e cinco dias desde esta redução de *Laguna* se chegou a Lima, deixando Guallaga pelo lado esquerdo e com ele *Guánuco de los Caballeros*, que goza de suas ribeiras, e tomando o rio pela direita, que chamam de *Monzón*. Os trinta são de canoa e os cinco de mula, caminho aberto de *hárrias*, pela província dos *Guamalíes* e pela serra de *Bombón*, onde a *Auricocha* (sic), uma lagoa muito poderosa pela máquina de águas que nela repousa ou transborda, é venerada como a mãe do grande rio *Marañón*. A dois dias do porto de *Monzón*, a caminho de Lima, fica a freguesia de *Chavín de Pariaca*, de onde se pode pedir algum socorro, como fizeram os meus descobridores". Até aqui a carta do Padre Lucero. Se assim é, considero muito provável que no ano de 1560 por aí tenha entrado Pedro de Orsúa, enviado pelo Senhor Vice-Rei para a descoberta do *Marañón*.
§ VII – Ríos Chambira, Samiria y Tigre.	**§ VII – Rio *Chambira, Samiria* e Tigre.**
Dos días y medio más abajo de Guallaga desemboca en el Marañón á la banda del Norle un río mediano que llaman Chambira, porque abunda de una especie de palma de este nombre con que los indios tejen sus vestidos. Las naciones conocidas deste río son, los Itucales ó Arucuyes, los Urarinas, que comen carne humana, una parcialidad numerosa de Cutinanas, que allá, años há, pasó desde Samiria, y las reliquias de los Roamaynas que se retiraron de Pastasa y hoy viven cerca de Capirona, riacho que entra en Chambira, pero sus cabeceras mucho se acercan al mismo Pastasa. De aquí es, que en tiempos pasados, los que entraban á aquellas tierras, como una hora más abajo de donde viven al presente los Pinches, solian por el monte arrastrar las canoas y pasarse de Pastasa á Capirona, de allí bajar embarcados á Chambira, como también de Chambira pasar al río del Tigre por la comunicación que tienen entre sí estos ríos, conforme se coligue de relaciones antiguas. La mayor parte destas naciones carecen aun de la luz de la fe, pero se espera reducirlas y poblarlas en breve.	Dois dias e meio mais abaixo de Guallaga desemboca no Marañón pelo lado do norte um rio mediano que chamam de *Chambira*, porque abunda em uma espécie de palmeira com esse nome com a qual os índios tecem seus vestidos. As nações conhecidas deste rio são os *Itucales* ou *Arucuyes*, os *Urarinas*, que comem carne humana, um numeroso grupo de *Cutinanas*, que para lá, há anos, passou de *Samiria*, e as relíquias dos *Roamaynas* que se retiraram do Pastaza e hoje vivem perto de *Capirona*, riacho que deságua em *Chambira*, mas suas cabeceiras ficam muito próximas do mesmo Pastaza. É por isso que, em tempos passados, quem entrava naquelas terras, cerca de uma hora abaixo de onde hoje vivem os *Pinches*, costumava arrastar as canoas pelo monte e passar do Pastaza até *Capirona*, de lá descer de barco até *Chambira*, como também de *Chambira* passar até o rio Tigre, pela ligação que esses rios têm entre si, segundo se depreende de relações antigas. A maior parte destas nações ainda carece da luz da fé, mas espera-se reduzi-las e povoá-las em breve.

El río Samiria ó Chamiria, que entra al Marañón á la otra banda pocas horas más abajo de Chambira, según dicen, se forma de varios arroyos que pasan junto á la reducción de los Chamicuros. En este río, en poca distancia del Marañón, tuvieron antiguamente su asiento los Cutinanas, que hoy viven en gran parte con los Xéberos. Discúrrese andan aun por ahí algunas familias de infieles parientes de los Chamicuros, y también algunos Maynas retirados.

Síguese en distancia de casi una jornada más abajo, á la banda del Norte, el río del Tigre, de quien poco antes dijimos tenía comunicación con el de Chambira. Sus cabeceras se acercan á la provincia de la Canela y vienen de un cerro que llaman de los Dantas, de donde tiene también su origen Rotuna, riacho que sale á Bobonaza.

según relación de unos indios Andoas y Semigaes, que por el año de 1731, atravesando el bosque desde Bobonaza, penetraron hasta el Tigre, y por este río bajaron muchas jornadas en busca de unos infieles llamados Arazas, que trajeron consigo para la reducción de los Pinches, casi en la misma altura de las juntas de Bobonaza con Pastasa, entra en el Tigre un riacho navegable que llaman Llautu-yacu, en donde fabricaron ellos algunas embarcaciones. Cuatro jornadas cortas más abajo le entra á la otra banda otro riacho semejante, que llaman Tiu-yacu [Río de arena ó arenoso], en donde vivian los Nevas y Comacores, y hoy viven en los bosques quo median entre este riacho y el Curaray muchos Záparas. Bajando despacio otras seis jornadas, sale de la banda de Poniente otro riacho llamado Cubadosa [ó Cubadusa], y otra jornada más abajo otro llamado Camasinduchiri, en donde vivían cuando infieles los Andoas. Despues de otras cinco jornadas cortas, so encuentran los puertos y tierras de dichos Arazas. Desde allí bajando, según dicen, dos ó tres jornadas, sale á mano izquierda un río que llaman Yracanamu, [no será Yuracnamu?], por el cual, subiendo

O rio *Samiria* ou *Chamiria*, que deságua no Marañón pelo outro lado, poucas horas mais abaixo de *Chambira*, segundo dizem, forma-se por vários riachos que passam próximo à redução dos *Chamicuros*. Neste rio, a pouca distância do *Marañón*, outrora tiveram seu assentamento os *Cutinanas*, que hoje vivem em grande parte com os *Xéberos*. Há rumores de que algumas famílias de parentes infiéis dos *Chamicuros* ainda andam por aí, e também alguns *Maynas* retirados.

Segue-se em distância de quase uma jornada mais abaixo, pelo lado norte, o rio Tigre, do qual pouco antes dissemos ter ligação com o rio *Chambira*. Suas cabeceiras se aproximam da província de *La Canela* e vêm de uma serra chamada "dos Dantas", da qual também tem origem *Rotuna*, riacho que deságua no *Bobonaza*.

Segundo relação de alguns índios *Andoas* e *Semigaes*, que no ano de 1731, atravessando o bosque desde *Bobonaza*, penetraram até o Tigre, e desceram este rio muitos dias em busca de alguns infiéis chamados *Arazas*, que trouxeram consigo para a redução dos *Pinches*, quase na mesma altura do encontro entre *Bobonaza* e Pastaza, entra no rio Tigre um riacho navegável que chamam de *Llautu-yacu*, onde fabricaram algumas embarcações. Quatro curtas jornadas mais abaixo, outro riacho semelhante entra pelo outro lado, a que chamam de *Tiu-yacu* [Rio de areia ou arenoso], onde viviam os *Nevas* e *Comacores*, e hoje vivem nos bosques que medeiam entre este riacho e o *Curaray* muitos *Záparas*. Descendo lentamente outras seis jornadas, surge do lado do poente outro riacho chamado *Cubadosa* [ou *Cubadusa*], e outra jornada mais abaixo outro chamado *Camasinduchiri*, onde viviam os *Andoas* quando eram infiéis. Depois de mais cinco jornadas curtas, são encontrados os portos e terras dos ditos *Arazas*. Dali, descendo, segundo dizem, dois ou três jornadas, surge à mão esquerda um rio que chamam de *Yracanamu*, [não será *Yuracnamu*?], através do qual, subindo cerca de

como tres jornadas, se topa con las tierras de los Hamacores ó Iquitos, gente fiera y numerosa, con quienes confinen (sic) los Iquiñores, nación del mismo modo muy temida, que se extiende hacia el Curaray. A Yracanamu síguense las tierras de los Aunalas, que viven de la banda del Poniente, casi enfrente de los Iquitos, y por fin, ya cerca del Marañón, unos Yameos que se estan recién poblando en un riacho que llaman Nauapó.	três jornadas, se depara com as terras dos *Hamacores* ou *Iquitos*, gente feroz e numerosa, com quem fazem fronteira os *Iquiñores*, nação que também é muito temida, que se estende até o *Curaray*. *Yracanamu* é seguido pelas terras dos *Aunalas*, que vivem no lado do poente, quase em frente aos *Iquitos*, e finalmente, já perto do *Marañón*, alguns *Yameos* que estão recentemente se instalando em um riacho que chamam de *Nauapó*.
En cuanto al temple y demás cualidades deste río, dicen ser muy abundante de pesca y cacería con muchas y muy extendidas lagunas de ambos lados, pero al mismo paso casi inhabitable por el calor y muchedumbre de mosquitos y otras sabandijas, y sobre todo por no encontrarse en las orillas tierras altas en donde fijar el pie y formar alguna reducción.	Quanto à índole e outras qualidades deste rio, dizem que é muito abundante da pesca e caça, com muitas e muito extensas lagoas de ambos os lados, mas ao mesmo modo quase inabitável, devido ao calor e à multidão de mosquitos e outros vermes, e sobretudo pela falta de se encontrar nas margens terrenos elevados onde se pode firmar pé e formar alguma redução.
En cuanto al nombre que tiene de río del Tigre (en algunas relaciones antiguas llámase también Piguiena), dicen que antiguamente hubo en los bosques contiguos un tigre horrible á la vista y de tan disforme estatura, que excedía con exceso á cuantos se han visto hasta ahora en estas montañas. Andaba este monstruo por las tierras y rancherías de los infieles haciendo horrible estrago, sin que en él hiciesen operación alguna las lanzas y dardos, pues aunque le penetraban sus puntas, nunca tuvo en él dominio la muerte. Añaden también que en poco tiempo consumió una nación entera sin que quedase rastro de ella. De aquí dieron al río el nombre de Tigre; mejor hubiera sido llamarle el Río del Demonio, pues según las señas, no pudo ser sino el Demonio, quien debajo de tan horrible figura perseguía aquellos miserables, apurándose en consumirlos antes que amaneciese entre ellos la luz del Evangelio.	Quanto ao nome que tem de rio do Tigre (em alguns relatos antigos também é chamado de *Piguiena*), dizem que antigamente havia um tigre nos bosques contíguos que era horrível à vista e de uma estatura tão disforme que ultrapassava em muito qualquer um que tenha sido visto até agora aqui nestas montanhas. Este monstro andava pelas terras e fazendas dos infiéis causando horrível estrago, sem que as lanças e os dardos tivessem qualquer efeito sobre ele, pois embora suas pontas o penetrassem, a morte nunca teve domínio sobre ele. Acrescentam ainda que em pouco tempo consumiu uma nação inteira sem deixar vestígios. A partir daqui deram ao rio o nome de Tigre; teria sido melhor chamá-lo de Rio do Demônio, pois segundo os sinais, não poderia ter sido outra coisa senão o Diabo, que sob uma figura tão horrível perseguiu aqueles miseráveis, correndo para consumi-los antes que amanhecesse a luz do Evangelho entre eles.
Desde la boca deste río hasta las juntas de Napo, por espacio de más de cincuenta leguas, se extiende la nación poco antes memorada de los Yameos, de la cual se dirá en otra parte. Su principal reducción es hoy la de S. Francisco Regis, fundada como 40 leguas más abajo del	Da foz deste rio até às junções do Napo, por um espaço de mais de cinquenta léguas, estende-se a pouco antes mencionada nação dos *Yameos*, da qual se dirá em outra parte. A sua principal redução hoje é a de São Francisco Régis, fundada cerca de 40 léguas abaixo do Tigre, na ribeira do

Tigre en la ribera del Marañón. A esta se sigue día y medio más abajo la reducción de S. Joaquín de los Omaguas, quienes también, como se dijo de los Yurimaguas, pocos años ha huyeron de las garras de los Portugueses del Pará.	*Marañón*. A ela se segue um dia e meio mais abaixo a redução de São Joaquim dos *Omáguas*, os quais também, como foi dito dos *Yurimaguas*, há poucos anos fugiram das garras dos portugueses do Pará.
§ VIII – Ríos del Cuzco ó Ucayale.	**§ VIII – Rios de Cusco ou Ucayale.**
A la otra banda del Marañón, como siete leguas más arriba de la reducción de los Omaguas, cerca de setenta [enmendado, 50] más abajo de Guallaga, desemboca el río Ucayale ó Ucayare, llamado por otro nombre Río del Cuzco, porque tie1le su nacimiento desde la ciara (sic, por cierra ó sierra) de Bilcanota, 30 leguas más arriba de la ciudad del Cuzco, corte un tiempo de los Reyes Ingas. Llámase también en algunas relaciones con el nombre de Marañón, por haber bajado por ahí el capitán Marañón, como se dijo arriba. Es más caudaloso que el de Guallaga y más abundante de pesquería, en especial una laguna llamada Yarapa que se le llega al lado derecho, en la cual, por la comunicación que tiene no sólo con este río, sino también con el Marañón, quedan como estancadas las aguas y variedad de pejes de entrambos. Discurren algunos ser el Yavari, de quien después se dirá, brazo deste mismo río, pero más probable me parece ser aquel río del todo distinto, y sólo una de sus cabeceras, que es el río Capanao, en donde viven probablemente los Casibares, mucho se acerca á Ucayale.	Do outro lado do *Marañón*, cerca de sete léguas acima da redução dos *Omagua*, cerca de setenta [alterado, 50] mais abaixo de Guallaga, desemboca o rio Ucayale ou *Ucayare*, chamado por outro nome, "Rio de Cuzco", porque nasce na serra de *Bilcanota*, 30 léguas mais acima da cidade de Cuzco, antiga corte dos Reis *Ingas*. Também é chamado em algumas relações pelo nome de *Marañón*, porque de lá desceu o Capitão Marañón, como mencionado acima. É mais caudaloso que o Guallaga e mais abundante de pescaria, especialmente uma lagoa chamada *Yarapa*, à qual se chega pelo lado direito, e na qual, pela comunicação que tem não só com este rio, mas também com o *Marañón*, permanecem as águas como estagnadas e uma variedade de peixes de ambos os lados. Alguns discorrem ser o Javari, do qual se dirá depois, um braço deste mesmo rio, mas parece-me mais provável que seja aquele rio completamente disteinto, e apenas uma das suas cabeceiras, que é o rio *Capanao*, onde os *Casibares* provavelmente vivem, muito se aproxima do Ucayale.
Subiendo por éste, á mano derecha no se sabe haya cerca del Marañón nación alguna. A la izquierda, á la primera ó segunda jornada sale un riacho donde recién se han descubierto unos Mayorunas. Doce días más arriba de la boca del río, vivía antiguamente repartida entre pueblos la nación de los Cocamas, que se pasaron y poblaron en Guallaga. A las tierras de los Cocamas síguense á la derecha las de los Chipeos, Xitipos, Jaobos, Manavas y otras parcialidades que llamamos hoy con el nombre de Panos, y estos también en gran parte están hoy poblados cerca de Guallaga. Los riachos en	Subindo por ele, do lado direito, não se sabe se existe alguma nação próxima ao *Marañón*. À esquerda, na primeira ou segunda jornada, surge um riacho onde foram recentemente descobertas uns *Mayorunas*. Doze dias acima da foz do rio, vivia antigamente a nação dos *Cocama*, dividida entre povoados, que se mudaram e se estabeleceram em Guallaga. As terras dos *Cocama* são seguidas à direita pelas dos *Chipeos*, *Xitipos*, *Jaobos*, *Manavas* e outros grupos que hoje chamamos pelo nome de *Panos*, e estes também em grande parte hoje são povoados perto do Guallaga. Os riachos onde viviam, e

donde vivían, y se discurre viven aun al presente no pocos dellos, son Hagueti, Cusabatay., Manua y Pisque, que salen para Ucayale, y sus cabezeras se sospecha no distan mucho de las tierras de los Chamicuros. A la otra banda de Ucayale sale el río Ymiria, cerca del cual viven los Amenguacas; á estos siguen los Remos, que confinan con los Cunivos. Estos vivían, y aun se discurre vivirán al presente, en la ribera del río, por ser indios muy diestros en la navegación. Distan sus tierras de las que fueron de los Cocamas cerca de un mes de navegación río arriba, y por consiguiente del Marañón casi mes y medio. Más arriba de los Cunivos hay otras muchas naciones numerosas, que se extienden hacia la serranía inmediata al Cuzco. Las más conocidas fueron los Mochovas ó Univitzas, que viven al río Univi. A estos se siguen los Comavos, que ocupan los bosques contiguos á los ríos Inua, Sepa y Mapoa. Estas naciones viven en gran parte hacia el Oriente. Al Poniente, las naciones conocidas son los Casibos, Piros y Cambas, que viven cerca de los ríos Pachitea, Capinihua y Tarma.	onde dizem que muitos deles ainda hoje vivem, são *Hagueti*, *Cusabatay*, *Manua* e *Pisque*, que correm em direção ao Ucayale, e suspeita-se que suas nascentes não estejam longe das terras dos *Chamicuros*. Do outro lado do Ucayale vem o rio *Ymiria*, perto do qual vivem os *Amenguacas*; a estes se seguem os *Remos*, que fazem fronteira com os *Cunivos*. Estes viviam, e acredita-se que ainda hoje vivam, na ribeira do rio, pois eram índios muito hábeis na navegação. Suas terras ficam a cerca de um mês de viagem rio acima daquelas que pertenciam aos *Cocama* e, consequentemente, do Marañón a quase um mês e meio. Mais acima dos *Cunivos* existem muitas outras nações numerosas, que se estendem até à serra nas imediações de Cusco. As mais conhecidas foram os *Mochovas* ou *Univitzas*, que vivem no rio *Univi*. Seguem-se a estes os *Comavos*, que ocupam os bosques adjacentes aos rios *Inua*, *Sepa* e *Mapoa*. Estas nações vivem em grande parte até o Oriente. A oeste, as nações conhecidas são os *Casibos*, *Piros* e *Cambas*, que vivem próximos aos rios *Pachitea*, *Capinihua* e *Tarma.*
Casi todas estas naciones estuvieron parte pobladas y parte amistadas por el V. P.e Enrique Richter, á quien, como se dirá en su lugar, mataron los Piros el año de 1695. después desto, todas ellas se alzaron, rechazando y matando cruelmente en una emboscada muchos españoles é indios xtianos, que tres años después de su alzamiento habían ido en armada á sus tierras para sugetarlos (sic). Desde entonces, por falta de escolta y otros embarazos, no se ha podido hasta ahora efectuar lo que muchísimo desean nuestros misioneros, y es que se abra nuevamente en aquel río la puerta al S.to Evangelio.	Quase todas essas nações foram parcialmente povoadas e parcialmente pacificadas pelo Vigário Padre Henry Richter, a quem, como será dito em seu lugar, os *Piros* mataram no ano de 1695. Depois disso, todas elas se levantaram, rejeitando e matando cruelmente em uma emboscada muitos espanhóis e aos índios *Xtianos*, que três anos depois da sua revolta partiram em armada às suas terras para subjugá-los. Desde então, por falta de escolta e outras dificuldades, não foi possível até agora realizar o que os nossos missionários tanto desejam, que é que a porta do Santo Evangelho se abra novamente naquele rio.
§ IX – Ríos Nanay é Itayay.	**§ IX – Rios *Nanay* e *Itayay*.**
Nanay é Itayay son los dos ríos principales que bañan las tierras de los Yameos. En comparación de otros ríos que se incorporan con el Marañón, ni aun merecen el nombre; son sin embargo navegables muchas jornadas,	*Nanay* e *Itayay* são os dois principais rios que correm pelas terras dos *Yameos*. Em comparação com outros rios que se incorporam ao *Marañón*, nem sequer merecem esse nome; porém, são navegáveis por muitos dias, principalmente o

en especial Nanay, en quien entran otros muchos riachos y tiene á ambos lados muchas y muy hermosas lagunas que abundan de pesca. Itayay viene de hacia el Tigre y pasa á las espaldas de la reducción de los Omaguas con distancia de dos horas de travesía por el monte. Tiene al presente en poca distancia de sus orillas tres reducciones de Yameos, Miguianos, Parranos y Amaonos, que se van recién entablando. Una hora antes de salir al Marañón se junta con Nanay, y salen ambos juntos algo más de una jornada más abajo de dicha reducción de los Omaguas.	*Nanay*, por onde entram muitos outros riachos e em ambos os lados possui muitas e belíssimas lagoas que abundam na pesca. *Itayay* vem desde o Tigre e passa por trás da redução dos *Omágua* com uma distância de duas horas de travessia pelo monte. Possui ao presente, a pouca distância de suas margens, três reduções de *Yameos*, *Miguianos*, *Parranos* e *Amaonos*, que vão se formando recentemente. Uma hora antes de sair ao *Marañón* ele se junta com o *Nanay*, e os dois saem juntos pouco mais de uma jornada mais abaixo da referida redução dos *Omágua*.
Nanay, según referióme (sic) el Superior de las misiones, quien le registró personalmente el año pasado de 1737, viene casi derecho de hacia el Poniente con alguna inclinación al Norte, y es muy probable que sus cabeceras no distan mucho del río Curaray. El riacho principal que le entra de la banda de Napo, y se llama hoy Río Blanco, es el que se encuentra á la quinta jornada de subida y por donde se entra á los Masamees, que es una parcialidad muy extendida de la nación Yamea. Desde allí empieza Nanay á estrecharse algo.	*Nanay*, segundo me foi dito pelo Superior das missões, que o registou pessoalmente no ano passado de 1737, vem quase em linha reta do poente com alguma inclinação para o norte, e é muito provável que as suas cabeceiras sejam não distem muito do rio *Curaray*. O riacho principal que entra pelo lado do Napo, hoje denominado Rio Branco, é aquele que se encontra no quinto dia de subida e onde se entra nos *Masamees*, que é uma parcialidade muito extensa da nação *Yamea*. A partir daí, *Nanay* começa a se estreitar um pouco.
Subiendo otras tres jornadas y entrando á mano izquierda a una laguna, se halla una población de Yanieos, de su curaca llamados Napeanos, que se principió el año pasado. Otra jornada más arriba, empiezan las tierras muy exténsas de los Iquitos, en cuya reducción estan actualmente entendiendo nuestros misioneros.	Subindo outras três jornadas e entrando em uma lagoa à esquerda, está um povoado de *Yanieos*, do seu curaca chamado *Napeanos*, que começou no ano passado. Outra jornada mais acima, começam as extensas terras dos Iquitos, em cuja redução nossos missionários estão atualmente atendendo.
Esto es lo que hasta aquí consta do este río; á lo cual se puede añadir, que goza de un temple menos caluroso que el Marañón, ni abundan en él los mosquitos y otras sabandijas como en otros ríos. Más abajo de los Napeanos se encuentran á cada paso puertos y sendas de otros Yameos en gran parte ya amistados, con quienes también se espera formar otra reducción que sirva de escala para reducir á los Iquitos y otras naciones que viven más arriba.	Isto é o que até agora consta deste rio; ao que se pode acrescentar que goza de um clima menos caloroso que o *Marañón*, nem abundam nele mosquitos e outros vermes como em outros rios. Mais abaixo dos *Napeanos* há a cada passo portos e caminhos de outros *Yameos*, em grande parte já pacificados, com os quais se espera também formar outra redução que sirva de escala para reduzir os Iquitos e outras nações que vivem mais acima.

§ X – Río Napo y camino desde Quito hasta el puerto deste río.	**§ IX – Rio Napo e caminho de Quito até o porto deste rio.**
Cerca de una jornada más abajo de Nanay entra de la misma banda al Marañón el tan celebrado río Napo, por otro nombre río de Quito, por no estar muy lejos de esa ciudad sus cabeceras. Otros quisieron apropiarle el nombre de Orellana, Amazonas y Marañón; con qué fundamento, ya se dijo arriba. A mi parecer ni aun el nombre de Napo se le debiera consentir más acá de las juntas con el Coca, por lo que diré en adelante.	Cerca de uma jornada mais abaixo de *Nanay*, entra do mesmo lado do *Marañón* o célebre rio Napo, que tem por outro nome "rio de Quito", por não estar tão distante dessa cidade as suas cabeceiras. Outros quiseram conferir-lhe o nome Orellana, Amazonas e *Marañón*; com qual fundamento, já se disse acima. Ao meu parecer, nem mesmo o nome de Napo deveria ser concedido mais perto das junções com o Coca, pelo que direi adiante.
Lo que hace muy apreciable este río es que sus riberas y bosques contiguos están poblados de infieles aun para reducir, y es la puerta más segura para entrar al Marañón. Por esto, habiendo yo también seguido esta derrota el año de 1729 la primera vez que entré á estas montañas, diré primero lo que me ha enseñado la experiencia acerca el camino de tierra que lleva desde la ciudad de Quito hasta el puerto deste río; después le iremos registrando y apuntando brevemente otros ríos que le entran y provincias que baña á uno y otro lado. Otra relación aun más exacta se reserva para cuando hablemos de las misiones de los Icaguates que se van recién entablando, y se extienden gran parte deste río.	O que torna este rio muito apreciável é que suas ribeiras e bosques adjacentes são povoados por infiéis ainda por reduzir, e é a porta mais segura para entrar no *Marañón*. Por isso, tendo eu percorrido esta rota também no ano de 1729, a primeira vez que entrei nestas montanhas, direi primeiro o que a experiência me ensinou sobre o caminho de terra que vai da cidade de Quito ao porto deste rio; depois registraremos e apontaremos brevemente outros rios que entram nele e províncias que banha em ambos os lados. Outra relação ainda mais exata é reservada para quando falarmos das missões dos *Icaguates*, que estão se formando recentemente e se estendem por grande parte deste rio.
Ha parecido y parece á los más ser el camino que llamamos de Archidona y Napo el mejor y más cómodo para entrar á las misiones del Marañón; mucha, sin embargo, es la aspereza y penalidades que ofrece al pasar la Cordillera y penetrar hasta el puerto de dicho río, como también la dilación y peligros de la navegación al bajar por Napo y subir por el Marañón, en donde están situadas las reducciones antiguas. De aquí es, que el que sale de Quito para la misión, se tarda cuando menos dos meses hasta llegar al pueblo de Sant-iago de la Laguna, en donde regularmente reside el superior.	O caminho que chamamos de *Archidona* pareceu e parece ser aos demais o melhor e mais cômodo para se entrar nas missões do *Marañón*; muita, porém, é a aspereza e as dificuldades que oferece ao passar a Cordilheira e penetrar no porto do referido rio, bem como a demora e os perigos da navegação ao descer pelo Napo e subir pelo *Marañón*, onde estão situadas as antigas reduções. Por isso, quem sai de Quito para a missão leva pelo menos dois meses para chegar ao povoado de *Santiago de la Laguna*, onde reside regularmente o superior.
Desde Quito hasta Baeza, un tiempo ciudad, hoy pueblo cortísimo de cuatro ó cinco chozas	De Quito a *Baeza*, outrora uma cidade, hoje pequeníssimo povoado, de quatro ou cinco

con otros tantos indios, habrá cerca de 24 leguas, las cuales por las malezas del camino se dividen regularmente en seis ó siete jornadas. La primera se extiende de Quito hasta unos hatos ó estancias que están al pie del cerro nevado de Guamaní, si no es que uno quiera por más comodidad partir esta misma jornada en dos pequeñas y dimidiadas, como sucede las más veces. En esta jornada, muy apacible respecto de las demás, pásase por tres pueblos de indios y tres puentes de piedra. El 1.° de los pueblos es Guápulo, famoso por una imagen prodigiosa de María Santísima. Dista de Quito sólo media legua. El 2.° Cumbayá, una legua más abajo; el 3.° Tumbaco, media legua más adelante en un valle amenísimo. De allí á tres leguas se llega á dichas estancias, que llaman vulgarmente el Tablón, ó al pie del páramo. La 2.ª jornada se hace hasta Papallacta, pueblo de indios retirados antiguamente de Quito, á veces hasta el Tambillo ó Venta de la Cruz, que está, una legua antes de Papallacta. Es muy penosa y dilatada, porque se atraviesa lo más áspero de la cordillera junto al páramo Guamaní, y trae regularmente mucho lodo á causa del nevar en él mucha parte del año menos dos ó tres meses, que son octubre, noviembre y deciembre (*sic*). Desde Papallacta empieza el bosque, que se extiende casi hasta la mar del Norte. De allí se hace la 3.ª jornada, no muy dilatada, á un pueblo corto llamado Maspa, de dos ó tres casas. En esta se pasan sobre puentes de palo no muy buenas dos riachos, Chalpi y Maspa, que juntamente con el de los Quijos dan principio al río de la Coca. La 4.ª jornada, mediana pero de muchos atolladeros, es al río rápido, pero no muy caudaloso, de los Quijos, que llaman también Antisana, porque viene de un cerro de este nombre. Antes de la bajada, en sitio bastantemente llano, estuvo antiguamente una ciudad llamada de los Quijos, de donde tomó el nombre el Gobierno de aquella provincia. De allí se baja al río por una cuesta muy derecha á la vista, pero tiene sus desechos para las cabalgaduras, que llegan á veces hasta el río, aunque regularmente no pasan de Papallacta ó Maspa. El río se pasa sobre puente de guaduas,	cabanas com outros tantos índios, haverá cerca de 24 léguas, as quais, devido ao mato do caminho, são regularmente divididas em seis ou sete jornadas. A primeira se estende de Quito até algumas fazendas ou sítios, que ficam ao pé do morro nevado *Guamaní*, a menos que se queira, por maior comodidade, dividir essa jornada em duas pequenas e divididas, como é o caso na maioria das vezes. Nesta jornada, muito tranquila comparada às outras, passa-se por três povoados de índios e três pontes de pedra. O primeiro dos povoados é *Guápulo*, famoso por uma prodigiosa imagem de Maria Santíssima. Dista apenas meia légua de Quito. O segundo, *Cumbayá*, uma légua mais abaixo; o terceiro, *Tumbaco*, meia légua mais adiante, em um vale ameníssimo. Dali, a três léguas, chega-se aos ditos lugares, comumente chamados de el *Tablón*, ou "sopé do páramo". A segunda jornada é feita até *Papallacta*, povoado de índios antigamente retirados de Quito, às vezes até *Tambillo* ou *Venta de la Cruz*, que fica uma légua antes de *Papallacta*. É muito penosa e longa, porque se atravessa a parte mais áspera da cordilheira, junto ao páramo de *Guamaní*, e traz regularmente muito lodo por causa da neve que cai nela em grande parte do ano, ao menos dois ou três meses, que são outubro, novembro e dezembro. Em *Papallacta* começa o bosque, que se estende quase até o mar do Norte. Dali se faz a terceira jornada, não muito longa, até um pequeno povoado chamado *Maspa*, com duas ou três casas. Nesta, passa-se sobre duas pontes de pau não muito boas dois riachos, *Chalpi* e *Maspa*, que junto com o rio dos *Quijos* dão origem ao rio Coca. A quarta jornada, mediana, mas com muitos atoleiros, é para o rio rápido, mas não muito caudaloso, dos *Quijos*, que também chamam de *Antisana*, porque vem de um morro com este nome. Antes da descida, em um lugar bastante plano, existia antigamente uma cidade chamada *Los Quijos*, de onde tomou o nome o Governo daquela província. Daí, desce-se até o rio por uma encosta muito reta à vista, mas que tem seus problemas para as cavalgaduras, que por vezes chegam ao rio, embora regularmente não ultrapassem *Papallacta* ou *Maspa*. O rio é atravessado por uma ponte de guaduas, que os

que arman con trabajo los indios, sirviendo de estribos las peñas, y se la lleva después la creciente. De allí hasta Baeza hay poco más de cuatro leguas, pero por el cansancio de la subida por una cuesta muy empinada y tardanza en el puente, se para de ordinario en un sitio llamado Pachamama, donde hubo pueblo deste nombre. De allí se llega al día siguiente á Baeza, ó se pasa de un lado, por estar hoy día el pueblo algo apartado del camino. En esta sexta jornada se pasan dos riachos, Uagra-yacu y otro que llaman también Baeza. Desde aquí hasta la ciudad de Archidona, hoy cabeza del gobierno, que está á las faldas de la Cordillera, habrá cerca de 22 leguas, que se reparten de ordinario en cinco jornadas. La 1.ª es de camino llano, pero embarazado de cuando en cuando con algunos árboles que derriban los vientos, y se extiende hasta las playas del río Cosanga. Se pasan en esta jornada tres riachos, que son, el del Papagayo, el Vermejo y un brazo del mismo Cosanga, todos tres bastantes á impedir el paso cuando vienen crecidos. La 2.ª jornada llega hasta un sitio llamado Las Puentes, que habría en algun tiempo. En esta, después de haber caminado bastante trecho, casi siempre á vista del río, y pasando otro riacho que llaman los indios Yana-yacu, se vadea por fin en mismo Cosanga, que es el río más caudaloso y de más riesgo que haya em todo el camino. Va este también á parar al río de la Coca. En la 3.ª jornada se sube y baja con harta fatiga un cerro muy empinado, que llaman Guacamayo, hasta llegar á sus faldas, donde se para en el tambo ó ramada de Urcusiqui, que quiere decir al pie ó á las espaldas del cerro. La 4.ª jornada es más fácil y llana. En esta se pasa el río Condache (sic, por Joadache), que es caudaloso lo bastante. La dormida es una ramada que llaman Llacta-tambo. De aquí, en la ultima jornada, pasados dos riachos, Usa-yacu y Munda-yacu, ambos peligrosos en tiempo de aguas, se llega temprano a Archidona, hoy cabeza del gobierno de Quijos, de quien se dirá en su lugar.	índios armam com trabalho, servindo as pedras de estribos, e que depois é levada pela cheia. Dali até *Baeza* são pouco mais de quatro léguas, mas devido ao cansaço da subida por uma encosta muito íngreme e à demora na ponte, costuma-se parar em um lugar chamado *Pachamana*, onde houve um povoado de mesmo nome. Dali se chega a *Baeza* no dia seguinte, ou se passa por um lado, por ele estar hoje em dia algo afastado do caminho. Nesta sexta jornada se passam dois riachos, o *Uagra-yacu* e outro que também chamam de *Baeza*. Daqui até à cidade de *Archidona*, hoje cabeça do governo, que está nos sopés da Cordilheira, heverá cerca de 22 léguas, que normalmente se dividem em cinco jornadas. A primeira é de caminho plano, mas bloqueado de vez em quando com algumas árvores que são derrubadas pelos ventos, e estende-se até às praias do rio *Cosanga*. Nesta jornada são atravessados três riachos, que são o do Papagaio, o Vermelho e um braço do mesmo *Cosanga*, todos os três suficientes para impedir a passagem quando estão cheios. A segunda jornda chega a um lugar chamado *Las Puentes*, que existia em algum tempo. Nesta, depois de ter caminhado bastante distância, quase sempre à vista do rio, e passado outro riacho, que os índios chamam de *Yana-yacu*, vara-se finalmente entra no mesmo Cosanga, que é o rio mais caudaloso e mais arriscado que há em todo o caminho. Este também vai parar no rio Coca. Na terceira jornada se sobe e desce com grande cansaço um morro muito íngreme, a que chamam de *Guacamayo*, até chegar às suas encostas, onde se pára no tambo ou ramada de *Urcusiqui*, que significa "ao pé" ou "pelas costas da colina". A quarta jornada é mais fácil e plana. Nesta se passa o rio *Condache* (sic, de *Joadache*), que é bastante caudaloso. A dormida é em uma ramada que chamam de *Llacta-tambo*. Daqui, na última jornada, passados dois riachos, *Usa-yacu* e *Munda-yacu*, ambos perigosos no tempo das águas, chega-se logo a *Archidona*, hoje cabeça do governo de *Quijos*, do qual se dirá em seu lugar.

De Archidona hasta el pueblo de Napo, donde está el primer puerto del río, hay cerca de seis leguas, que se andan al presente á caballo en otras tantas horas. Se pasan en esta jornada tres ríos, que son el que baña á Archidona y llaman Misaguali (sic, por Misahualli), los otros dos Pano y Tena, que se pasan casi juntos, y hay allí cerca un pueblo corto que llaman también Tena. Dichos ríos entran juntos en Napo, dos leguas más abajo del puerto. Esto es lo más notable que hay acerca el camino de tierra desde Quito.	De *Archidona* até o povoado de Napo, onde está o primeiro porto do rio, são cerca de seis léguas, que no presente se percorrem a cavalo em outras tantas horas. Passam-se nesta jornada três rios, que são o que banha *Archidona* e a que chamam *Misaguali* (sic, de *Misahualli*), os outros dois, Pano e *Tena*, que se atravessam quase juntos, e há ali um pequeno povoado próximo a que também chamam de *Tena*. Tais rios entram juntos no Napo, duas léguas mais abaixo do porto. Isto é o mais notável que há acerca do caminho de terra desde Quito.
Demos ahora una vista al mismo río Napo y otros que con él se juntan antes de incorporarse con el Marañón. Tiene este río su principal nacimiento en un valle, que, por muy extendido, se llama Vicioso, y está á las faldas de un cerro nevado llamado Cotopaxi, que se levanta á mano izquierda del camino de Quito para Latacunga. De allí, penetrando la Cordillera, rumbo parte al Leste y parte al Sur, entre peñas y precipicios insuperables, se aumenta con las aguas de otro río que viene de un cerro llamado Llanganate, y ya con bastante caudal de aguas sale para el plan de la montaña, donde se encuentra con el pueblo que llaman de Napo. Desde allí, torciendo para el Norte, con alguna inclinación al Leste, se encamina para el río de la Coca, con quien se junta después de cerca de 40 leguas. Deste río Coca después se dirá. Lo que solo aquí advierto de paso, es que este río, casi desde su primera origen, baja derecho de Oeste á Leste hasta incorporarse con el Marañón, como constará por el diario que sacaremos á luz en hablando de las misiones de Icaguates ó Encabellados. De aquí coligo (sic) lo que apunté arriba, y es, que aun el nombre de Napo no se le debiera consentir á este río más acá de las juntas con la (sic) Coca, pues basta el ir subiendo por el río para echar de ver, que no ya la Coca entra en Napo sino Napo es quien entra en la Coca. A más de que, cotejando el anchor del uno con el otro en donde se juntan, la Coca excede á Napo en dos tercios más. Sin embargo desto, conformándome con el error común, que da á todo el río el nombre de Napo hasta el	Vejamos agora o mesmo rio Napo e outros que a ele se juntam antes de se incorporar ao *Marañón*. Este rio tem sua nascente principal em um vale que, por ser muito estendido, se chama Vicioso, e está aos pés de um morro nevado, chamado *Cotopaxi*, que se levanta do lado esquerdo do caminho de Quito a *Latacunga*. Dali, penetrando na Cordilheira, dirigindo-se parte para leste e parte para sul, entre rochas e precipícios intransponíveis, é aumentado pelas águas de outro rio que vem de um morro chamado *Llanganate*, e, já com fluxo de água suficiente, sai para o plano da montanha, onde se encontra com o povoado que chamam de Napo. Dali, virando-se para o norte, com alguma inclinação ao leste, dirige-se ao rio Coca, com o qual se junta após cerca de 40 léguas. Deste rio Coca, será dito depois. O que noto aqui só de passagem, é que este rio, quase desde a sua origem primeira, desce direto do oeste para leste até incorporar-se ao *Marañón*, como constará no diário que traremos à luz ao falar das missões de *Icaguates* ou Encabelados. Daqui coligo o que apontei acima, isto é, que mesmo o nome de Napo não deveria ser concedido a este rio mais perto das juntas com o Coca, pois basta subir o rio para se chegar a ver que já não é o Coca que entra no Napo, mas o Napo é que entra no Coca. Além disso, comparando a largura de um com o outro onde se encontram, Coca supera o Napo em mais dois terços. No entanto, conformando-me com o erro comum que dá a todo o rio o nome de Napo até ao Marañón, é, a saber, que desde o primeiro porto, depois de dez ou doze léguas de navegação

Marañón, es á saber que desde el primer puerto, despues de diez ó doce leguas de navegación peligrosa por lo arrebatado de la corriente y malos pasos, de los cuales el más temido es que llaman de las Peñas, se llega á otro puerto llamado S.ta Rosa, donde hay también pueblo de este nombre, anejo al curato de Ávila. En este espacio ó trecho de río, que se suele andar en una jornada, entran en Napo dos otros ríos medianos, que son Misaguali, que baja de Archidona, y otro llamado Araona [Arajuno], que viene de hacia el Sur.	perigosa devido à forte corrente e aos maus passos, dos quais o mais temido chama-se *Las Peñas*, chega-se a outro porto chamado Santa Rosa, onde também existe um povoado com este nome, anexo ao curato de Ávila. Neste espaço ou trecho de rio, que costuma ser percorrido em um dia, entram no Napo outros dois rios de médio porte, que são o *Misaguali*, que desce de *Archidona*, e outro chamado *Araona* [*Arajuno*], que vem do sul.
Desde S.ta Rosa hasta el Marañón habrá como ducientas leguas, en que gastan los navegantes río abajo 15 ó 16, río arriba 40 y aun más días, según las crecientes que suele haber en todo el año, en especial desde abril hasta fines de agosto. Los ríos más memorables que entran en Napo son, á mano izq.da, de bajada, Sunu, Payamino, la Coca., Aguaricu, Vajoia ó río de los Encabellados y Copoya ó río de los Atambores; á la derecha Tepuetini (sic), el Curaray y Masa . De todos estos diré brevemente lo más memorable.	De Santa Rosa até o Marañón haverá cerca de duzentas léguas, nas quais os navegadores gastam 15 ou 16 dias rio abaixo, rio acima 40 ou até mais dias, dependendo das cheias que costumam ocorrer ao longo do ano, especialmente de abril a finais de agosto. Os rios mais memoráveis que entram no Napo são, à esquerda, em descida, *Sunu*, *Payamino*, Coca, *Aguaricu*, *Vajoia* ou rio dos Encabelados e rio *Copoya* ou *Atambores*; à direita, *Tepuetini* (sic), *Curaray* e *Masa*. Sobre todos estes direi brevemente o mais memorável.
El primero que sale á Napo como doce leguas más abajo de S.ta Rosa, es Sunu, río no muy caudaloso, cerca de cuyas cabeceras esta Ávila, ciudad un tiempo célebre en estas montañas, hoy casi del todo despoblada, como también otros cinco pueblos de indios, que son, Cotapino, la Concepción, Loreto, S. Salvador y Mote, de que se compone el curato que llaman de Ávila y está á cargo de un sacerdote clérigo.	O primeiro que deságua no Napo, com cerca de doze léguas abaixo de Santa Rosa, é *Sunu*, rio não muito caudaloso, perto de cujas cabeceiras está Ávila, cidade outrora famosa nestas montanhas, hoje quase totalmente despovoada, como também outros cinco povoados de índios, que são *Cotapino*, *La Concepción*, *Loreto*, São Salvador e *Mote*, de que é constituído o curato chamado de Ávila e que é dirigida por um sacerdote clérigo.
Otras doce leguas más abajo desembocan de la misma banda Norte un riacho llamado Payamino, memorable por haber servido de puerto al famoso portugués Pedro Tejeira, cuando subió desde el gran Pará al descubrimiento del Marañón y Napo. Desde allí, atravesando con harto trabajo el monte, salió para Ávila y Quito. Subiendo por este río algo más de un dia, se encuentra cerca de sus	Outras doze léguas mais abaixo, no mesmo lado norte, desemboca um riacho chamado *Payamino*, memorável por ter servido de porto ao famoso português Pedro Teixeira, quando este subiu do Grão-Pará para o descobrimento do Marañón e Napo. Dali, atravessando a montanha com muita dificuldade, partiu para Ávila e Quito. Subindo por este rio durante pouco mais de um dia, encontra-se perto das suas margens o povoado de São Salvador, que pouco antes nomeamos.

orillas el pueblo de S. Salvador que nombramos poco antes.	
Síguese con distancia de poco más de media legua el célebre río de la Coca de que hablamos poco antes. Sus principales cabeceras son los ríos que apuntamos en el camino de Quito para Archidona. Subiendo por la Coca río arriba, á los tres días le entra á mano derecha un riacho llamado Enu, cuyas cabeceras se acercan mucho á Aguaricu, de modo que antiguamente solían arrastrar las canoas de un río para otro. Aún más breve que por Napo fuera sin duda la navegacion por este río para salir á Baeza y de allí pasar á Quito, pero lo arrebatado de sus corrientes y angosturas insuperables embarazan el paso, conforme lo experimentó tambien Gonzalo Pizarro, cuando quiso por ahí entrar al descubrimiento del Marañón. Segun relaciones antiguas hubo cerca deste río varias poblaciones de indios que fue consumiendo el tiempo. La única que perseveró hasta los principios deste siglo y se llamaba el Puerto de la Coca, cuatro jornadas para arriba, arruinóse con un horrendo temblor el año de 1705.	O famoso rio Coca, de que falámos pouco antes, é percorrido com distância de pouco mais de meia légua. Suas principais cabeceiras são os rios que apontamos no caminho de Quito a *Archidona*. Subindo o rio Coca, depois de três dias acima, entra à direita um riacho chamado *Enu*, cujas cabeceiras ficam muito próximas de *Aguaricu*, de modo que antigamente se costumava arrastar canoas de um rio a outro. Ainda mais breve que pelo Napo seria, sem dúvida, a navegação por este rio para sair até *Baeza* e daí até Quito, mas a rapidez das suas correntes e a estreiteza intransponível tornam a passagem difícil, como também experimentou Gonzalo Pizarro, quando ali quis entrar para o descobrimento do *Marañón*. Segundo relatos antigos, havia diversas populações de índios próximas deste rio que foram consumidas pelo tempo. A única que persistiu até os inícios deste século e se chamava *Puerto de la Coca*, quatro dias de jornada acima, arruinou-se por um horrível tremor no ano de 1705.
Diez leguas desde la boca de la Coca se encuentran de la misma banda una quebrada llamada Kebeno, desde donde es muy probable empezaban antiguamente las tierras de los Omaguas que viven hoy á la otra banda en las cabeceras de Tepuetiní (sic). De allí á media legua se entra en dos hermosas lagunas que llaman Capucuy. Abundan do todo género de pescado, en especial gamitanas y vacas marinas, y esta es la dispensa en que los que bajan ó suben por Napo suelen hacer alguna provisión de pescado para el camino.	A dez léguas da foz do Coca existe, do mesmo lado, uma ravina chamada *Kebeno*, de onde é muito provável que antigamente tenham começado as terras dos *Omágua* que hoje vivem do outro lado, nas cabeceiras do *Tepuetiní* (sic). Dali a meia légua de distância, entra-se em duas lindas lagoas chamadas *Capucuy*. Todos os tipos de peixes abundam, principalmente gamitanas e peixes-bois, e esta é a dispensa em que os que descem ou sobem pelo Napo costumam fazer alguma provisão de peixe para o caminho.
después de cerca 20 leguas, que se andan de bajada en jornada y media, se encuentra en la mitad del río una isla que tiene forma de cerro poblado con árboles no muy altos. Llamase este Tiriri, memorable por una alusión que tienen los indios al pasar por ahí, y es que dicen que en levantando el grito ó haciendo algún ruido allí cerca, corresponde él con bramidos	Depois de cerca de 20 léguas, descendo em um dia e meio de caminhada, encontra-se na metade do rio uma ilha que tem a forma de um monte povoado de árvores pouco altas. Esta se chama *Tiriri*, memorável por uma alusão que têm os índios ao passar por aí, e é que dizem que ao levantar o grito ou fazer algum ruído ali perto, ela [a ilha] corresponde com bramidos e se

y se arma tempestad de viento y agua; por eso suelen ellos pasar muy callados. también los vecinos de Archidona y Napo, en oyendo tronar hacia el Marañón, suelen decir que el Tiriri avisa la venida de gente de abajo.	forma uma tempestade de vento e água; é por isso que eles tendem a passar muito quietos. Além disso, os *vecinos* de *Archidona* e *Napo*, ao ouvirem trovões sobre o *Marañón*, costumam dizer que o *Tiriri* avisa sobre a chegada de gente de baixo.
Una jornada corta más abajo de Tiriri sale á mano derecha el río, ó por mejor decir riacho, Tipuetini, en cuyas cabeceras viven hoy unos Omaguas ó Arianas, que son al presente los piratas deste río, en que andan ejecutando á cada paso crueles matanzas, especialmente con los que viven cerca del río Sunu y puerto de S.ta Rosa; porque como las cabeceras de Tipuetini, por el monte, no distan mucho de dicho puerto, aquellos bárbaros, según dicen, arrastrando desde Tipuetini sus canoíllas por unas quebradas, que son principalmente Aioruno y Humuyacu, salen á Napo y de allí suben hasta cerca de S.ta Rosa y ríos Sunu y Payamino en busca de gente para matarla y quitarle la herramienta, volviendo á sus tierras con las cabezas á celebrar la victoria. Los vecinos de S.ta Rosa, que también han entrado ya algunas veces á sus tierras á correrlos y vengar las muertes que habían hecho, dicen que es gente agigantada, anda vestida con mantas de algodón, usa bodoquera y estólica, pero no pasan hoy de cuarenta ó cincuenta indios de lanza, repartidos en cuatro como parcialidades, cuyos nombres son, Yhuata, Anapia, Macanipa y Yeté; y que para llegar á sus tierras, subiendo por Tipuetini, se tardan las embarcaciones cerca de tres semanas. Refieren también que estos indios, ó por mejor decir sus abuelos, estuvieron un tiempo poblados junto á la boca de Sunu, desde donde, rebelándose y matando á un encomendero llamado Campo, quien los tenía atareados en lavar oro, se retiraron á donde viven al presente. En los primeros años de su alzamiento no salian como ahora á hacer matanzas, porque unos ancianos de su misma nación se lo vedaban; y los Oas, que son parte de los mismos vecinos de S.ta Rosa, con quienes comerciaban ocultamente, los proveían de herramienta para sus labranzas. Veinte años	Uma curta jornada mais abaixo de *Tiriri*, surge do lado direito o rio, ou, melhor dizendo, riacho *Tipuetini*, em cujas cabeceiras vivem hoje alguns *Omagua* ou *Arianas*, que no presente são os piratas deste rio, onde realizam massacres cruéis a cada passo, especialmente com os que vivem próximo ao rio *Sunu* e ao porto de Santa Rosa; porque, como as cabeceiras do *Tipuetini*, pelos montes, não estão muito distante do referido porto, aqueles bárbaros, como dizem, arrastando suas canoas desde *Tipuetini* por alguns desfiladeiros, que são principalmente *Aioruno* e *Humuyacu*, partem para o Napo e dali sobem para perto de Santa Rosa e os rios *Sunu* e *Payamino* em busca de gente para matar e levar a ferramenta, voltando para suas terras com as cabeças, a celebrar a vitória. Os moradores de Santa Rosa, que também já entraram algumas vezes em suas terras para afugentá-los e vingar as mortes que haviam cometido, dizem que são gente agigantada, anda vestida com mantas de algodão, usa bodoque e estólica, mas não passam hoje de quarenta ou cinquenta índios de lança, divididos em quatro, como grupos, cujos nomes são *Yhuata*, *Anapia*, *Macanipa* e *Yeté*; e que para chegar às suas terras, subindo por *Tipuetini*, as embarcações demoram cerca de três semanas. Dizem também que esses índios, ou melhor dizendo, seus avós, estiveram por algum tempo povoados perto da foz do *Sunu*, de onde, rebelando-se e matando um encomendeiro chamado Campo, que os ocupava na lavagem de ouro, retiraram-se para onde vivem atualmente. Nos primeiros anos de seu levante não saíam como agora para realizar matanças, porque alguns anciãos da sua própria nação proibiram-nos; e os *Oas*, que são parte dos mesmos moradores de Santa Rosa, com quem comerciavam secretamente, forneciam-lhes ferramentas para suas lavouras. De vinte anos para cá, tendo morrido os anciãos, seus

por acá (sic), habiendo muerto los ancianos sus consejeros, y cesando el comercio, andan con violencia buscando herramienta, y este parece ser el motivo principal de estas matanzas. Esto es lo que dicen los vecinos de S.ta Rosa. Lo que parece más verosímil se dirá hablando en particular de esta nación.	conselheiros, e cessado o comércio, andam por aí à procura violenta de ferramentas, e esta parece ser a principal razão destes massacres. Isto é o que dizem os moradores de Santa Rosa. O que parece mais plausível será dito ao se falar em particular desta nação.
Volviendo otra vez á Napo, como cuatro ó cinco horas de navegación más abajo de Tipuetini, sale á la otra banda el río Aguarico ó Río del Oro, nombre que le dieron antiguamente los españoles por los minerales ricos que tiene cerca de sus cabeceras, de donde se sacó un tiempo mucho oro y muy fino, cuando las provincias contiguas abundaban de vecinos. Hoy dia, por falta de gente, muy poco es el que se consigue. Los lavaderos conocidos son Pava-iacu y Llamac-iacu, en cuya cercania está el puerto que llaman de La Nariguera, por donde se entra á la provincia de los Sucumbios. Un día más arriba entra en Aguaricu el río Doé [Duino?], que en las cabeceras se llama Río-volteado, y viene de un cerro llamado Sara-urcu. Otros dos ó tres dias más arriba le entra otro río que llaman Cymba ó Azuelo [Azuela]. Cerca de las juntas de este con Aguarico estuvo antiguamente la provincia de los Cofanes, que fueron los primeros indios que en estas montañas misionó la Compañía. Desde allí, hay tradición, que dejando á mano izquierda el río y encaminándose por el monte, después de tres jornadas de camino por la Cordillera, se sale á Funes, pueblo de la jurisdicción de los Pastos, sin encontrar más que una sola quebrada, que es probablemente el río Guamúes, en el camino. Dicen que hubo también otro camino más arriba para salir á Guaca, que es otra población de los Pastos. Lo que hace muy probable de que haya habido por ahí algún camino, es que en la información jurídica que se hizo acerca de la muerte del V. P.e Rafael Ferrer, quien, como se dirá en su lugar, murió á manos de los cofanes, se dice expresamente que iba entonces el P.e caminando para los Pastos, para reconciliarse y proveerse de lo necesario para la celebración de la misa.	Voltando novamente ao Napo, cerca de quatro ou cinco horas de navegação mais abaixo de *Tipuetini*, surge do outro lado o rio *Aguarico* ou rio do Ouro, nome que antigamente os espanhóis lhe deram por causa dos ricos minerais que possui perto de suas cabeceiras, onde muito ouro e muito fino foi extraído em uma época, quando as províncias vizinhas eram abundantes em moradores. Hoje em dia, por falta de gente, muito pouco é o que se consegue. Os lavadouros conhecidos são *Pava-iacu* e *Llamac-iacu*, perto dos quais está o porto chamado *La Nariguera*, por onde se entra na província de *Sucumbios*. Um dia mais acima, o rio *Doé* [*Duino?*] deságua no *Aguaricu*, que em suas cabeceiras se chama Rio-volteado, e vem de um morro chamado *Sara-urcu*. Outros dois ou três dias mais acima, entra-lhe outro rio, que chamam de *Cymba* ou *Azuelo*. Perto das junções deste com o *Aguarico* ficava antigamente a província dos *Cofanes*, que foram os primeiros índios que a Companhia missionou nestas montanhas. Daí, há a tradição de que, saindo do rio do lado esquerdo e seguindo pelo monte, depois de três jornadas de caminhada pela Cordilheira, chega-se a *Funes*, povoado da jurisdição de *Los Pastos*, sem encontrar no caminho mais que uma só ravina, que provavelmente é o rio Guamuez. Dizem que também havia outro caminho mais acima para ir até *Guaca*, que é outra povoação de *Pastos*. O que torna muito provável que tenha havido algum caminho até lá é que na informação jurídica que se fez sobre a morte do Vigário Padre Rafael Ferrer, quem, como se dirá em seu lugar, morreu nas mãos dos *cofanes*, diz-se expressamente que o Padre caminhava então para *los Pastos*, para reconciliar-se e prover-se do necessário para a celebração da missa.

Volviendo al río Aguarico, desde el puerto de la Nariguera, navegando río abajo, en siete ú ocho días se llega á Napo; de subida se tardan las embarcaciones aun tres semanas. En este espacio muchos son los riachos que salen de ambos lados. Cinco son los más memorables, por estar aun poblados de infieles Icaguates, y son, á mano izquierda, subiendo, Cocaya y Zoñia, y á la derecha Pueequeya, Zeonqueya y Cuyabeno. Las cabeceras de estos dos últimos, segun dicen, mucho se acercan al río Putumayo. Desde Napo hasta Cuyabeno hay casi dos semanas de camino. Este parece ser el término de la nación Icaguate en este río.	Voltando ao rio *Aguarico*, do o porto de *Nariguera*, navegando rio abaixo em sete ou oito dias, chega-se ao *Napo*; as embarcações demoram ainda três semanas para subir. Neste espaço, muitos são os riachos que saem de ambos os lados. Cinco são os mais memoráveis, por estarem ainda povoados por infiéis *Icaguates*, e são, subindo à mão esquerda, *Cocaya* e *Zoñia*, e à direita *Pueequeya*, *Zeonqueya* e *Cuyabeno*. As cabeceiras destes dois últimos, segundo dizem, estão muito próximas do rio *Putumayo*. De *Napo* a *Cuyabeno* são quase duas semanas de caminho. Este parece ser o término da nação *Icaguate* neste rio.
Una jornada, algo dilatada, más abajo de las juntas de Aguarico con Napo, sale de la misma banda un riacho llamado de los infieles que habitan Uajoya [Santa Maria], y éste, según buena cuenta, es el río que el P.e Acuña en su Diario llama de los *Encabellados*, en donde quedó á pie quedo cerca de un año parte de la armada portuguesa, cuando Tejeira pasó para Quito. Hoy día pudiéramos llamarle el río de los *Desencabellados*, por lo disminuido (sic) que está esta nación y desunión que tienen entre si las parcialidades; á más de que nadie al presente usa llevar el cabello largo, después que á muchos dellos con sus alfanges les raparon las cabezas los portugueses que subieron desde el Pará con el capitán Tejeira.	Uma jornada, um tanto longa, mais abaixo das junções do *Aguarico* e *Napo*, sai do mesmo lado um riacho chamado pelos infiéis que lhe habitam de *Uajoya* [Santa Maria], e este, segundo boa informação, é o rio que o Padre Acuña em seu "Diário' chama dos Encabelados, onde parte da frota portuguesa permaneceu durante cerca de um ano, quando Teixeira passou para Quito. Hoje em dia poderíamos chamá-lo de rio dos Desencabelados, pelo quão diminuída está esta nação e pela desunião que as parcialidades têm entre si; além de que no presente ninguém usa cabelo comprido, depois que muitos deles, com suas alfanges, tiveram a cabeça raspada pelos portugueses que subiram do Pará com o capitão Teixeira.
Desde Uajoia hay cerca de tres jornadas de navegación hasta el río Curaray, que es el más caudaloso de los que entran en Napo de la banda de Poniente. Qué calidades tenga este río y qué naciones habiten sus riberas lo dirá difusamente la relación de su descubrimiento, que hizo años ha uno de nuestros misioneros y yo trasladaré á la letra en su lugar.	Desde Uajoia são cerca de três dias de navegação até o rio *Curaray*, que é o mais caudaloso dos que entram ao *Napo* pelo lado do poente. As qualidades que tem este rio e as nações que habitam as suas ribeiras o dará difusamente o reltato de seu descobrimento, que um dos nossos missionários fez anos atrás e transferirei literalmente em seu lugar.
Desde aquí hasta el Marañón cuenta el P.e Acuña 80 leguas, que se andan regularmente río abajo en 4 jornadas. En este espacio no faltan de ambos lados del río varias parcialidades de infieles, parte ya amistadas y parte para amistar. Los más conocidos son: á	Daqui até o *Marañón* o Padre Acuña conta 80 léguas, que são percorridas regularmente rio abaixo em 4 dias. Neste espaço não faltam vários grupos de infiéis de ambos os lados do rio, alguns já pacificados e outros a se pacificar. Os mais conhecidos são: à direita, os *Masamees*,

la derecha, los Masamees, parcialidad de la nación Yamea, que viven cerca de un riacho llamado Masa; á la izquierda los Jeibos y Payaguas, y casi inmediatamente al Marañón algunas familias de Mayorunas de Muaite (?), que recién se han descubierto. Deste mismo lado, una jornada más abajo del Curaray, sale un río mediano llamado Capoya, por otro nombre de los Atambores, porque al pasar por su boca se oían en tiempos pasados tocar atambores, indicio de que no estarían muy lejos las rancherías de los infieles. Hasta ahora, sin embargo, sólo consta por relación de unos Icaguates catecúmenos, que algunas jornadas más arriba vive una parcialidad corta de su misma lengua que llaman Cungíes, y más arriba otra de los Javis. Segun dicen es gente fiera y come carne humana.	parcialidade da nação *Yamea*, que vivem perto de um riacho chamado *Masa*; à esquerda estão os *Jeibos* e *Payaguas*, e quase imediatamente ao *Marañón* algumas famílias de *Mayorunas* de *Muaite* (?), recentemente descobertos. Deste mesmo lado, um dia abaixo do *Curaray*, corre um rio mediano chamado *Capoya*, que tem por outro nome dos *Atambores*, porque ao passar por sua foz ouvia-se tocar tambores em tempos passados, indício de que as fazendas dos *Atambores* não estariam muito longe. Até agora, porém, somente consta por relato de alguns *Icaguates* catecúmenos, que algumas jornadas mais acima vive um pequeno grupo de sua mesma língua, que chamam de *Cungies*, e mais acima outro dos *Javis*. Segundo dizem, são pessoas ferozes que comem carne humana.
Esto es lo más memorable de Napo. En este río tiene al presente la Compañia siete reducciones, todas ellas de la nación Icaguate, que se van recién entablando, y son: l.° S. Juan Nepomuceno de los Magueies ó Tepuetini, como media hora más abajo de dicho río; S. Pedro de Aguarico, en la boca del río deste nombre; S. Miguel de Ziecoya ó Becuaríes, pocas cuadras más abajo; S. Bartolomé de Neocoia ó Ponzevaríes, tres ó cuatro horas más abajo de S. Miguel á la otra banda del río; San Joseph de Uajoia ó de los Yehebas, á la misma banda, dos horas antes de llegar á la boca de Uajoia; S. Xavier de los Ycaguates, media jornada antes de llegar á Curaray, en una quebrada llamada Zunia, que sale á mano izquierda, y la Reyna de los Ángeles de los Payaguas, dos jornadas más abajo á mano derecha, enfrente de ama quebrada que llaman Totora, por donde hoy día entran á sus tierras.	Isto é o mais memorável sobre o *Napo*. Neste rio a Companhia possui no presente sete reduções, todas elas da nação *Icaguate*, que estão se formando recentemente, e são elas: primeiro São João Nepomuceno dos *Magueies* ou *Tepuetini*, cerca de meia hora mais abaixo do referido rio; São Pedro de *Aguarico*, na foz do rio com esse nome; São Miguel de *Ziecoya* ou *Becuaries*, poucas quadras mais abaixo; São Bartolomeu de *Neocoia* ou *Ponzevaries*, três ou quatro horas mais abaixo de São Miguel, do outro lado do rio; São José de *Uajoia* ou dos *Yehebas*, do mesmo lado, duas horas antes de chegar à foz do *Uajoia*; São Xavier dos *Ycaguates*, meia jornada antes de chegar a *Curaray*, em um desfiladeiro chamado *Zunia*, que sai à mão esquerda, e Rainha dos Anjos dos *Payaguas,* dois dias mais abaixo pelo lado direito, em frente a um desfiladeiro que chamam de *Totora*, por onde hoje entram em suas terras.
§ XI – Río Putumayo ó Iza.	**§ XI – Rio Putumayo ou Içá.**
El río Putumayo, que llaman los *omaguas Iza*, es el más caudaloso de los que entran en el Marañón de la banda del Norte entre *Napo* y el *Río Negro*, y aunque en su boca, según la cuenta que hace el Pe. Acuña, dista de la de Napo más de doscientas y setenta leguas,	O rio *Putumayo*, que chamam os *Omágua* de Içá, é o mais caudaloso dos que entram no *Marañón* do lado norte, entre o *Napo* e Rio Negro; e mesmo que em sua boca, segundo a conta que faz o Padre Acuña, dista da do *Napo* mais de duzentas e setenta léguas, estes dois rios muito

mucho se acercan entre sí para arriba estos dos ríos y se comunican las naciones de entrambos, por ser casi de una misma lengua; por eso me ha parecido conveniente el hablar de este río despues del de *Napo*, antes de tratar de otros que entran en el *Marañón* de la banda del Sur aun más arriba de *Putumayo*. Diré primero lo que deste río y otros cercanos refiere una *Relación* auténtica del capitán Juan de Sosa, que fue el primer español que por el año de 1609 lo navegó muchas jornadas por abajo. después apuntaré las noticias que recién me han comunicado unos vecinos de *Pasto* y *Sucumbios*, y también algunos infieles *Encabellados* que han andado por ahí en sus paseos.	se aproximam entre si para acima e se comunicam as nações de ambos, por serem quase de uma mesma língua; por isso me pareceu conveniente falar deste tio depois do *Napo*, antes de tratar de outros que entram no *Marañón* do lado do sul, ainda mais acima do *Putumayo*. Direi primeiro o que deste rio e outros próximos faz referência um "Relato" autêntico do Capitão Juan de Sosa, que foi o primeiro espanhol que, pelo ano de 1609, o navegou muitas jornadas abaixo. Depois apontarei as notícias que recentemente me comunicaram uns moradores de Pasto e *Sucumbios*, e também alguns infiéis Encabelados que andaram por aí em seus passeios.
La *relación* jurada del capitan Sosa, cuya copia se conserva en el archivo del Colegio de la Compañía de Quito, dice así: "Caminando por la cordillera del *Perú* la vuelta del Norte, en dos grados, poco más ó menos, está la ciudad de S. Juan de Pasto, 40 leguas de Quito; y en tres grados al dicho rumbo está la ciudad de Almager [Almaguer], en cuyos términos está un páramo camino de la villa de *Timaná*, llamado *Papallacta*, treinta y cinco leguas de la ciudad de *Pasto*. Deste páramo nacen tres ríos caudalosos. Los dos dellos son el de la *Madalena* y el de *Cauca*; los cuales corren por la dicha cordillera del Norte. Van á juntarse cerca de *Monpox*, más de doscientas y cincuenta leguas de su nacimiento, y desembocan en el mar del Norte entre *Cartagena* y *S.ta Marta*. El tercer río que deste dicho páramo nasce es el de *Ca1quetá*. Corre rumbo derecho al Este cuarenta leguas poco más ó menos de su nacimiento. Pasa junto á la ciudad de *Ágreda* de *Mocoa*; la cual ciudad está poblada en tierra de montaña á la banda del Este de dicha cordillera, rica de oro, aunque pobre de naturales. Esta ciudad es de la Gobernación de Popayán; y della por abajo va este río muy poderoso y por tierra llana aunque montuosa de arboleda. De esta ciudad, atravesando dicha cordillera á la banda de Oeste, se va á la ciudad de *S. Juan de Pasto* de la dicha gobernación. De la una á la otra hay 38	O Relato jurado do Capitão Sosa, cuja cópia se conserva no arquivo do Colégio da Companhia de Quito, diz assim: "Caminhando pela cordilheira do Peru, pela volta do Norte em dois graus, pouco mais ou menos está a cidade de *San Juan de Pasto*, quarenta léguas de Quito; e em três graus ao dito rumo está a cidade de Almager [Almaguer], em cujos termos está um terreno deserto da vila de *Timaná*, chamado *Papallacta*, trinta e cinco léguas da cidade de Pasto. Deste ermo nascem três rios caudalosos. Dois deles são o da Madalena e o de Cauca, os quais correm pela dita cordilheira do Norte. Vão juntar-se perto de *Monpox*, mais de duzentas e cinquenta léguas de seu nascimento, e desembocam no mar do Norte entre *Cartagena* e Santa. Marta. O terceiro rio que nasce deste terreno é o *Calquetá*. Corre em curso certo ao leste, quarenta léguas, pouco mais ou menos, de seu nascimento. Passa junto à cidade de *Ágreda de Mocoa*, cidade que está povoada em terra de montanha ao lado leste da dita cordilheira, rica em ouro, ainda que pobre de naturais. Esta cidade é da governança de *Popayán*, e dela para baixo vai este rio muito poderoso e por terra plana, mesmo sendo um bosque montanhoso. Desta cidade, atravessando a dita cordilheira ao lado do oeste, vai até a cidade de *San Juan de Pasto* da dita governança. De uma a outra há trinta e oito léguas, pouco mais ou menos, e antes de chegar à de Pasto, oito léguas, está um

leguas poco más ó menos, y antes de llegar á la de *Pasto*, ocho leguas, está un valle de sabana sin arboleda, que se llama *Sibundoy*. Tiene este valle cuatro leguas de largo y dos de ancho, de cuyos términos nacen tres ríos. El uno se llama *S. Francisco*, el otro *S. Pedro* y el tercero *Quinchoa* ó Santiago. Al remate deste valle, á la banda del Este, se juntan todos los tres ríos dichos, y cortando la cordillera, reciben el nombre de río de *Putumayo*, corriendo al dicho rumbo del Este y por tierra llana y de arboleda gruesa. Seis leguas deste valle y dos antes de llegar á la ciudad de *Pasto*, está una laguna sobre un páramo, que tendrá 10 ó 12 leguas de circuito, muy hondable. Della nace un río, cuya corriente va rumbo derecho al Este. Catorce leguas de su nacimiento pasa junto á una ciudad llamada *Nuestra Señora del Valle de Ezica* [Ecija], provincia de los *Sucumbios*. Es de la dicha gobernación de *Popayan*, tierra montuosa de arboleda, muy pobre de naturales. Poco más de veinte leguas abajo desta ciudad, al dicho rumbo del Este, se junta este dicho río de la *Laguna* con el río *Putumayo*, haciendo un muy poderoso cuerpo y muy manso, por ir por tierra llana caminando siempre al Leste desta dicha ciudad. Caminando por la falda de la Cordillera la vuelta al Sur diez leguas, se juntan dos ríos llamados *Rodela* el uno y el otro *Azuela* y de los naturales *Guera* y *Guepotà*. Hacen un caudaloso río, á quien los españoles llaman *S. Miguel*. Corriendo al Este se va á juntar con el río *Putumayo*, 25 leguas poco más ó menos más abajo de las juntas del dicho río con el de la *Laguna*, donde se hace un poderoso cuerpo con gran suma de islas y de ancho tiene por partes una legua. Caminando de las dichas juntas de *Rodela* y *Azuela* por la falda de la Cordillera, se va á otras juntas de dos ríos llamados el uno *Cimbay* y el otro *Avarico [Ahuarico]*, provincia del *Pu* y *Cofanes*.	vale de savana sem arvoredo que se chama *Sibundoy*. Tem este vale quatro léguas de comprimento e duas de largura, de cujos termos nascem três rios. Um se chama São Francisco, o outro São Pedro e o terceiro *Quinchoa* ou Santiago. Ao final deste vale, ao lado do leste, se juntam todos os três ditos rios; e cortando a cordilheira, recebem o nome de rio *Putumayo*, correndo ao dito rumo do leste e por terra plana e de grossa vegetação. A seis léguas deste vale e duas antes de chegar à cidade de Pasto, está uma lagoa sobre um lugar deserto, que terá dez ou doze léguas de circuito, muito profunda. Dela nasce um rio, cuja corrente vai diretamente a uma cidade chamada Nossa Senhora do Vale de *Ecija*, província dos *Sucumbios*. É da dita governança de *Popayan*, terra de bosque montanhoso, muito pobre de naturais. Pouco mais de vinte léguas abaixo desta cidade, ao dito rumo do leste, junta-se este rio da *Laguna* com o rio *Putumayo*, constituindo um poderosíssimo corpo e muito manso, por ir por terra plana, dirigindo-se sempre ao leste desta cidade. Caminhando pela beirada da cordilheira, voltado ao sul dez léguas, juntam-se dois rios, chamados *Rodela*, um, e o outro *Azuela*; e pelos naturais *Guera* e *Guepotà*. Criam um caudaloso rio, a quem os espanhóis chamam São Miguel. Correndo ao leste, vai se juntar com o rio *Putumayo*, vinte e cinco léguas, pouco mais ou menos, mais abaixo das junções do dito rio com o da *Laguna*, onde se faz um poderoso corpo com grande quantidade de ilhas, e de largura tem cerca de uma légua. Caminhando das ditas junções de *Rodela* e *Azuela* pela beirada da cordilheira, encontra-se com dois rios chamados, um *Cimbay*, e o outro *Avarico [Ahuarico]*, província de *Pu* e *Cofanes*.
Juntos estos dos ríos, hacen uno muy caudaloso á quien los españoles pusieron por nombre el *Río del Oro*, por haber mucho en esta provincia. Corre al Este. Dos leguas deste río, caminando al Sur, está poblada una ciudad llamada *S. Pedro de Alcalá del río Dorado*, de la	Juntos, estes rios fazem um muito caudaloso, ao qual os espanhóis puseram por nome Rio do Ouro, por haver muito nesta província; corre ao leste. A duas léguas deste rio, caminhando ao sul, está povoada uma cidade chamada São Pedro de *Alcalá* do Rio Dourado, da governança dos *Quijos*

gobernación de los *Quijos*, tierra muy rica de oro, aunque pobre de naturales, que por ser recien conquistados y nuevos en la fe, no se ha comenzado á labrar oro. Desta ciudad á la de *Baeza* habrá treinta léguas poco más ó menos. Más abajo destas juntas de *S. Miguel*, se junta también á la otra banda el río *Caketá*, cuya isla entre él y el río *Putumayo* tendrá de ancho cincuenta leguas y de largo hasta las juntas de S. Miguel ciento y ochenta. Hay em esta isla gran suma de gente. Della he visto gran parte, porque entré en ella el año de 1609 con pocos españoles, siendo los primeros que la pisaron; la cual gente es desnuda así hombres como mujeres, las cuales solo acostumbran tapar sus vergüenzas con una venera blanca del mar, y esto las que conocen varón, por las demas (sic) no traen nada. Las cabezas de los varones y hembras traen tusadas [atusadas ó trasquiladas] en forma de dos coronas. Es gente bárbara. Las armas que traen son lanzas y dardos de palma con puntas de hueso y harpones, y en ellas ponen hierbas venenosas con que embriagan á los heridos. Es gente muy trabajadora. Usan hachas de piedra con que labran sus chácaras y sementeras. Cogen mucho maíz, frisoles, maní y otras legumbres en grande abundancia. Hacen casabe de yuca brava. Comen mucha carne y pescado, por haber grande abundancia do ello. Cuando salen á pelear, van en tropa sin orden ninguna, llevando en la vanguardia de sus escuadrones muchos indios cargados de dardos arrojadizos, para ir cebando á los que se les fueren gastando; y en acabándoseles, acostumbran á huir; y á los cuerpos muertos los queman y las cenizas las dan á beber á los indios que se muestran más belicosos, haciendo junta para ello todos los parientes y vecinos. Son todos de una lengua, aunque estén divididos en diferentes provincias y parcialidades. Unos se llaman *Neguas*, otros *Seizos*, otros *Tamas*, otros *Acanecos [Acanejos]*, otros *Atuaras*. Yo caminé este río de *Putumayo* al pié de 200 leguas, dos jornadas antes de llegar á la provincia de *Aricana* [*Arijana* ó *Arijagua*], como parece de un derrotero que hice del dicho río, el cual se despachó al R.l Consejo de Indias por	terra muito rica de ouro, ainda que pobre de naturais que, por serem recém conquistados e novos na fé, não começaram a lavrar ouro. Desta cidade até a de *Baeza* haverá trinta léguas, pouco mais ou menos. Mais abaixo destas junções de São Miguel, junta-se também à outra banda o rio Caquetá, cuja ilha entre ele e o rio *Putumayo* terá de largura cinquenta léguas e de comprimento, até as junções de São Miguel, cento e oitenta. Há nesta ilha grande soma de gente. Dela vi grande parte, porque entrei nela no ano de 1609 com poucos espanhóis, sendo os primeiros que a pisaram; gente a qual é nua, assim homens como mulheres, as quais só costumam tapar suas vergonhas com uma vieira branca do mar, e isto as que conhecem varão, pois as demais não trazem nada. Os varões e fêmeas trazem as cabeças tosadas em forma de duas coroas. É gente bárbara. As armas que trazem são lanças e dardos de palmeira com pontas de osso e arpões, e nelas põem ervas venenosas com que embriagam os feridos. É gente muito trabalhadora. Usam machados de pedra, com que lavram suas chácaras e sementeiras. Colhem muito milho, feijão, amendoim e outros legumes em grande abundância. Fazem pão de mandioca brava. Comem muita carne e peixe, por haver grande abundância. Quando saem a lutar, vão em tropa sem ordem alguma, levando na vanguarda de seus esquadrões muitos índios carregados de dardos para lançar, para ir repondo aos que se lhes forem gastando; e acabando-se, costumam fugir; e os corpos mortos, queimam, e dão das cinzas a beber aos índios que se mostram mais belicosos, juntando-se a ele todos os parentes e moradores. São todos de uma língua, mesmo que estejam divididos em diferentes províncias e parcialidades. Uns se chamam *Neguas*, outros *Seizos*, outros *Tamas*, outros *Acanecos [Acanejos]*, outros *Atuaras*. Eu caminhei este rio *Putumayo* a pé por duzentas léguas, duas jornadas antes de chegar à província de *Aricana* [*Arijana* ó *Arijagua*], como parece de um curso que desenhei do dito rio, o qual se despachou ao Real Conselho das Índias pelo Governador de *Popayan*, D. Francisco Sarmento de Sotomayor. Destas junções para baixo há grandíssima soma de gente. É terra de savana e plana. Sobre as ditas junções, dizem os

el gobernador de *Popayan* D. Francisco Sarmiento de Sotomayor. Destas juntas para abajo hay grandísima suma de gente. Es tierra de sabana y llana. Sobre las dichas juntas dicen los naturales se remata una cordillera pequeña, donde es público hay gran riqueza de oro. Tiénese por cierto ser estas las provincias del *Dorado*".	naturais, remata-se uma cordilheira pequena, onde, é público, há grande riqueza de ouro. Tem-se por certo serem estas as províncias do *Dorado*".
Hasta aquí la Relación del capitán Sosa.	Até aqui o relato do Capitão Sosa.
según lo que en ella se refiere, tres son los ríos principales de que se forma el de *Putumayo*, y son, el de *S. Miguel*, el mismo *Putumayo* y *Caquetá*. Deste último se dirá en adelante. Por lo que toca á *S. Miguel*, y (sic) es el más imediato á Napo, sus cabeceras aun conservan los nombres de *Azuela* y *Rodela* que le dieron los antiguos. A más destos tiene otra de la banda del *Putumayo*, que es el río *Aguesé [Piedras?]*, memorable por estar en poca distancia deste río una reducción de indios *Icaguates* que recogieron pocos años ha los religiosos Franciscos, trayéndolos de abajo comprados en gran parte con herramienta. Llámase *S. Joseph*. Un dia más abajo, cerca de media hora de las juntas de *Aguesé* con *S. Miguel*, está un pueblo de indios *Sucumbios*, que se llama también *S. Miguel de Sucumbios*, y es al presente curato de dichos religiosos Franciscos. Consta hoy día de solas 6 casas. En él asisten también tres ó cuatro españoles, que son reliquias de la ciudad llamada *Nuestra Señora del Valle de Ezica* [Ezija], que estaba antes situada junto el río de la *Laguna* y se pasó años ha al río *S. Miguel*, para que sirviese de escala á la conversión de los infieles dese río. Desde dicho pueblo hay dos días de camino de monte para el puerto de *Aguarico*. En la primera jornada se llega á *Anqué*; en la segunda, al medio día, á la *Nariguera*, que es hoy día el puerto. Son también estos dos pueblecitos cortos de indios *Sucumbios* que pertenecen á *S. Miguel* y suelen emplearse en lavar oro en las riberas de *Aguarico*. Cada uno de ellos consta hoy día de 5 casas. Pocas cuadras más abajo de dicho pueblo, entra en *S. Miguel* un riacho navegable llamado *La Vermeja*, por el cual	Segundo o que nela se refere, são três os rios principais de que se forma o do *Putumayo*, e são o de São Miguel, o mesmo *Putumayo* e Caquetá. Deste último se dirá adiante. Pelo que toca a São Miguel, ele é o mais imediato ao Napo, suas cabeceiras ainda conservam os nomes de *Azuela* e *Rodela,* que lhe deram os antigos. Ademais, têm do outro lado do *Putumayo*, que é o rio *Aguesé* [Pedras?], memorável por estar a pouca distância deste rio uma redução de índios *Icaguates*, que recolheram há poucos anos os religiosos franciscanos, trazendo-os de baixo, comprados em grande parte com ferramenta. Chama-se São José. Um dia mais abaixo, cerca de meia hora das junções de *Aguesé* com São Miguel, está um povoado de índios *Sucumbios*, que se chama também São Miguel de *Sucumbios*, e é no presente curato dos ditos religiosos Franciscanos. Consta hoje em dia de apenas seis casas. Nele assistem também três ou quatro espanhóis, que são relíquias da cidade chamada Nossa Senhora do Vale de *Ezica* [*Ezija*], que antes estava situada junto ao rio da *Laguna* e passou há anos ao rio São Miguel, para que servisse de escala à conversão dos infiéis desse rio. Desde o dito povoado, há dois dias de caminho de monte para o porto de *Aguarico*. Na primeira jornada se chega a *Anqué*; na segunda, ao meio-dia, a *Nariguera*, que é hoje em dia o porto. São também estes dois povoadozinhos com poucos índios *Sucumbios*, que pertencem a São Miguel e costumam empregar-se em lavar ouro nas ribeiras de *Aguarico*. Em cada um deles consta, hoje em dia, de cinco casas. Poucas quadras mais abaixo do dito povoado, entra em São Miguel um riacho navegável chamado *La Vermeja*, pelo qual também, embarcando-se duas

también, embarcándose dos leguas más allá de *Anqué*, en medio día suelen bajar al pueblo los que vienen de *Aguarico*. En el río *Azuela*, que entra en *S. Miguel* un día más arriba, consta de que hay indios infieles que usan de bodoqueras, visten camisetas tejidas con chambira y comercian sin recelo con los *Sucumbios*. Se discurre ser gente retirada mucho ha desde las provincias de los *Pastos*. Desde el mismo pueblo de *S. Miguel*, navegando río abajo, á los cuatro días, se hallan las juntas del mismo río con *Putumayo*, que llaman *La Laguna*, por lo ancho y apacible que tienen al juntarse ambos ríos. Allí cerca vive una parcialidad de *Icaguate*s, que llaman *Amuguaques [Amoguajes]*, cuyo cacique, llamado *Jacué*, el año de 1719 mató á un religioso francisco que misionaba en aquel río.

Tocante á las cabeceras del mismo *Putumayo*, al río que llaman de la *Laguna* júntase otro llamado *Guamues* [*Guames* de otros], que viene de la cordillera de los *Pastos* y pasa tras de *Funes*, población que nombramos arriba. Cerca deste río, con distancia de un día de camino de *S. Josef de Aguesé*, está otro pueblo ó misión de los padres franciscos llamada *S. Diego*, que se compone de indios *Tamas* y otros que han ido recogiendo en aquellos ríos. Entre los ríos *S. Francisco* y *S. Pedro*, que son también cabeceras de *Putumayo*, está un pueblo llamado *Sibundoy grande*; pasadas las juntas de *S. Pedro* está otro pueblo que llaman *Chaupi-Sibundoy*, más adelante del pueblo de *Santiago*. Todos tres tienen hoy día por cura á un religioso dominico. después de las juntas de todos tres ríos está otro pueblecito que toma del río el nombre de *Putumayo*. Estas son hoy día las poblaciones que hay en aquellas montañas cerca de la Cordillera.

Siguiendo ya el rumbo de *Putumayo* para el *Marañón*, después de la *Laguna* ó juntas do *S. Miguel*, en donde vivían, como dejamos dicho, los *Amuaques [Amoguajes]*, ocho ó nueve días más abajo (según otros sólo 5), sale á mano izquierda un riacho llamado *Pinzia*, en cuya cercanía viven los *Ocoguaques [Ocoguajes]*,

léguas depois de *Anqué*, em meio dia costumam baixar ao povoado os que vêm de *Aguarico*. No rio *Azuela*, que entra em São Miguel um dia mais acima, consta de que há índios infiéis que usam zarabatanas, vestem camisetas tecidas com chambira e comerciam sem receio com os *Sucumbios*. Dizem ser gente retirada há muito das províncias dos Pastos. Desde o mesmo povoado de São Miguel, navegando rio abaixo por quatro dias, acham-se as junções do mesmo rio com o *Putumayo*, que chamam *La Laguna*, pela largura e tranquilidade que têm ao juntarem-se ambos os rios. Ali perto vive uma parcialidade de *Icaguate*s, que chamam de *Amuguaques [Amoguajes]*, cujo cacique, chamado *Jacuè*, no ano de 1719, matou um religioso franciscano que missionava naquele rio.

Com relação às cabeceiras do mesmo *Putumayo*, ao rio que chamam da *Laguna*, junta-se outro chamado *Guamues* [*Guames* de outros], que vem da cordilheira dos Pastos e passa atrás de *Funes*, povoado que nomeamos acima. Próximo deste rio, com distância de um dia de caminho de São José de *Aguesé*, está outro povoado ou missão dos padres franciscanos, chamada São Diego, que é composta de índios *Tamas* e outros que vêm recolhendo naqueles rios. Entre os rios São Francisco e São Pedro, que são também cabeceiras do *Putumayo*, está um povoado chamado *Sibundoy* Grande; passadas as junções de São Pedro, há outro povoado a que chamam *Chaupi-Sibundoy*, mais adiante do povoado de Santiago. Todos os três têm hoje em dia por curador um religioso dominicano. Depois das junções de todos os três rios, há outro povoado que toma do rio o nome de *Putumayo*. Estas são, hoje em dia, os povoados que há naquelas montanhas perto da Cordilheira.

Seguindo já o rumo do *Putumayo* para o *Marañón*, depois da *Laguna* ou junções do São Miguel, onde viviam, como deixamos dito, os los *Amuaques [Amoguajes]*, oito ou nove dias mais abaixo (segundo outro somente cinco), sai à mão esquerda um riacho chamado *Pinzia*, em cuja cercania vivem os *Ocoguaques [Ocoguajes]*,

parcialidad un tiempo numerosa, hoy dia de 14 en 15 indios, cuyo curaca *Mapene*, el año de 1735 hirió malamente al P.e Fr. Xabier Soto, religioso francisco, quien había bajado á sus tierras en busca de unos indios fugitivos de las reducciones de arriba.

Pocas cuadras más abajo de *Pinzia*, á mano derecha, junto al río, en un sitio llamado *Nanzueras* ó *Mazuero*, vivían pocos años ha cerca de 30 infieles *Maguaques* (sic) *[Amoguajes?]*. Hoy dia no hay más que 5 ó 6. Cae este sitio casi em derechura del pueblo de *S. Joseph de los Jehevas* del río Napo, desde donde, entrando por *Uajoya [Huajoya]*, hay camino de 10 días andando por las rancherías de los infieles, caminando derecho por el monte de solos 3 ó 4, hasta *Putumayo*, según dicen los moradores de dicho pueblo, que suelen andar á veces en sus paseos aun más allá de dicho río, que llaman ellos *Canteia*; y aun con más frecuencia los de *Canteia*, en especial los *Ocoguaques*, suelen salir para *Napo*.

Un día de navegación más abajo de *Mazuero*, sale á *Putumayo* un quebradón hermoso llamado *Uncuecia* ó *Aquizia*, cuyas cabeceras, que son *Punzaya* y *Jebineto*, distan dos jornadas cortas de monte del pueblo de *S. Pedro* de *Aguarico*, y me consta de que hay en dichas quebradas varias rancherías de infieles, por haber salido á verme muchos de ellos.

Hasta dichas juntas de *Aquizia* consta con alguna individualidad de los infieles que viven cerca de *Putumayo*, que fueron un tiempo bastantemente numerosos, pues tuvieron los religiosos franciscos en esa ribera hasta siete reducciones antes del año 1719, en que sucedió el alzamiento que apuntamos arriba. Los que fueron en seguimiento de los matadores hicieron destrozos con aquella gente. De *Aquizia* para abajo todos afirman que hay muchos más infieles que por arriba, pero no se sabe individualmente de ellos, especialmente de los que viven á la otra banda hacia *Canietá*, que llaman con el nombre general de *Seones*. Los que únicamente

parcialidade um tempo numerosa, hoje em dia de quatorze a quinze índios; cujo curaca *Mapene*, no ano de 1735, feriu gravemente ao Padre Frei Xavier Soto, religioso franciscano que havia descido a suas terras em busca de uns índios fugitivos das reduções de cima.

Poucas quadras mais abaixo de *Pinzia*, à mão direita, junto ao rio em um sítio chamado *Nanzueras* ou *Mazuero*, viviam há poucos anos cerca de trinta infiéis *Maguaques* (sic) *[Amoguajes?]*. Hoje em dia não há mais que cinco ou seis. Este sítio cai quase à direita do povoado de São José dos *Jehevas*, do rio Napo, de onde, entrando por *Uajoya [Huajoya]*, há caminho de dez dias andando pelos ranchos dos infiéis; caminhando direto pelo monte, há de só três ou quatro, até o *Putumayo*, segundo dizem os moradores do dito povoado, que costumam andar às vezes em seus passeios ainda mais além do dito rio, que eles chamam *Canteja*; e ainda com mais frequência os de *Canteja*, em especial os *Ocoguaques*, costumam sair para o Napo.

Um dia de navegação mais abaixo de *Mazuero*, sai ao *Putumayo* uma queda bonita chamada *Uncuecia* ou *Aquizia*, cujas cabeceiras, que são *Punzaya* e *Jebineto*, distam duas jornadas curtas do monte do povoado de São Pedro de *Aguarico*, e me consta de que há em ditas quebradas vários ranchos de infiéis, por haverem saído a me ver muitos deles.

Até as ditas junções de *Aquizia*, consta, com alguma individualidade, dos infiéis que vivem próximos do *Putumayo*, que foram um tempo bastante numerosos, pois os religiosos franciscanos tiveram nessa ribeira até sete reduções antes do ano de 1719, em que sucedeu o levante que apontamos acima. Os que foram em seguimento dos matadores, fizeram destroços com aquela gente. De *Aquizia* para baixo, todos afirmam que há muito mais infiéis que para cima, mas não se sabe individualmente deles, especialmente dos que vivem ao outro lado até *Canietá*, que chamam com o nome geral de *Seones*. Os que unicamente nomeiam são os *Kegieoios*, *[Cungies de Olmedilla]*, que levam o

nombran son los *Kegieoios, [Cungies de Olmedilla]*, que llevan el cabello largo como los *Coreguaques [Correguajes]*. Las parcialidades conocidas á este lado hácia *Napo* son los *Pararies* [*Parianas* de Olmedilla], *Zenseies*, *Zensenagues [Cenceguajes]* y los *Kenjeoios [Cungies]*. Destos refieren los *Payaguas* que son muy numerosos y viven cerca de un río muy caudaloso llamado *Sotoia* ó *Pindu-yacu*, que tras de sus tierras entra en *Putumayo*, y en las cabeceras se llama *Camboia*. Esto es lo que hasta aquí consta deste río *Putumayo*, á lo cual añadiré una tradición que corre entre algunos infieles; y es que en cierto sitio allá abajo hácia el *Marañón*, anda debajo de tierra por espacio de dos ó tres leguas; en confirmación de lo cual refirióme un español que asistió algunos años en *S. Miguel de Sucumbios*, haber asomado por ahi tres indios y una india huidos desde el *Marañón* del poder de los portugueses, que contaban haber subido en canoa debajo de tierra como medio día de camino, alumbrándose con hachones de copal.	cabelo longo como os *Coreguaques [Correguajes]*. As parcialidades conhecidas neste lado até o *Napo* são os *Pararies* [*Parianas de Olmedilla*], *Zenseies*, *Zensenagues [Cenceguajes]* e os *Kenjeoios [Cungies]*. Destes referem os *Payaguas,* que são muito numerosos e vivem perto de um rio muito caudaloso chamado *Sotoia* ou *Pindu-yacu*, que atrás de suas terras entra no *Putumayo*, e nas cabeceiras se chama *Camboia*. Isto é o que até aqui consta deste Rio *Putumayo*, ao qual adicionarei uma tradição que corre entre alguns infiéis; e é a de que, em certo lugar mais abaixo, até o *Marañón*, anda-se debaixo de terra por espaço de duas ou três léguas; em sua confirmação, referiu-me um espanhol, que assistiu alguns anos em São Miguel de *Sucumbios*, haver saído por aí três índios e uma índia, fugidos do *Marañón* do poder dos portugueses, que contavam haver subido em uma canoa debaixo da terra em meio dia de caminho, iluminando-se com tochas de copal.
§ XII – Río Caquetá, Mocoa ó Yapurá.	**§ XII – Rio Caquetá, *Mocoa* ou Japurá.**
Muy probable es que este río no sólo se comunica con *Putumayo* sino que también es el que con nombre de *Yapurá* ó *Yupurá* sale al Marañón muchas leguas más abajo de *Putumayo*. Deste parecer son muchos portugueses del Pará que han tenido noticia de Caquetá y rumbo que lleva desde sus principios; no han podido sin embargo subir desde el Marañón para arriba á reconocer sus cabeceras, conforme lo intentaron no pocas veces en estos años, por las muchas angosturas y saltos insuperables que tiene el río casi en la mitad de su curso. Concorda (sic) también esta opinión en parte siquiera con lo que apunta en su diario el P.e Acuña, en donde, hablando de Caquetá, dice que este río corre constantemente por el rumbo del de Amazonas como acompañándole, y le echa de cuando en cuando unos brazos; sinó es que queramos decir, que el cuerpo principal deste río no es otro que el río *Negro*, tan celebrado	É muito provável que este rio não somente se comunica com o *Putumayo*, mas que também é o que, com o nome de Japurá ou *Yupurá*, sai ao *Marañón* muitas léguas mais abaixo do *Putumayo*. Deste parecer são muitos portugueses do Pará que têm tido notícia de *Caquetá* e o rumo que leva desde seus princípios; não têm podido, entretanto, subir desde o *Marañón* para cima, a reconhecer suas cabeceiras, conforme tentaram não poucas vezes nestes anos, pelas muitas estreitezas e saltos insuperáveis que tem o rio quase na metade de seu curso. Concorda (sic) também esta opinião em parte sequer com o que aponta em seu diário o Padre. Acuña, onde, falando do *Caquetá*, diz que este rio corre constantemente pelo rumo do Rio Amazonas, como o acompanhando, e forma de vez em quando uns braços; senão, é que queiramos dizer que o corpo principal deste rio não é outro que o do Rio Negro, tão celebrado dos portugueses, como o dão a entender alguns mapas antigos, e

de los portugueses como lo dan á entender algunos mapas antiguos, y *Yapurá* y otros ríos que median entre *Putumayo* y el río *Negro*, no más que brazos del mismo río. Para decir esto, mucho me inclina el considerar, por un lado, los muchos y muy caudalosos ríos que entran en Caquetá desde sus principios, por otro el grande caudal de aguas que, según dicen los portugueses, trae consigo el río *Negro* al juntarse con el Marañón hasta casi igualarlo. Tanta copia de aguas es muy verosimil que vendrá recogiendo desde lo alto de la cordillera principal de los Andes, pues de las aguas que destilan de los cerros que según parece dividen la *Guayana* de las provincias del Marañón, se sabe de cierto que van á parar parte al *Oronico* (sic) y parte al mar que media entre éste y el Marañón. Todo esto se pudiera confirmar también con la noticia que tuvo el P.e Acuña, y fue, que la última y más alta de las naciones que habitan las cabeceras del río *Negro*, anda vestida y usa sombreros, que es, como dice el P.e, señal de avecindarse á Españoles de alguna ciudad donde los adquieran y tener comercio con pueblos de indios cristianos. La ciudad de españoles que hubo en las cabeceras de aquel río cuando el P.e Acuña adquirió estas noticias, no fue otra sino *Ágreda de Mocoa*, que se destruyó con el tiempo, y los indios que andaban vestidos y usaban de sombrero eran probablemente los *Charauaes* y otros que trabajaban en las minas que hubo por ahí, como en adelante se dirá. Baste por ahora el haber apuntado de paso estas conjeturas, mientras que el tiempo y misioneros que tuvieren la dicha de penetrar por ahí, nos descubran la verdad.	o Japurá e outros rios que medeiam o *Putumayo* e o Rio Negro, não mais que braços do mesmo rio. Para dizer isto, muito me inclina o considerar, por um lado, os muitos e caudalosos rios que entram no *Caquetá* desde seus princípios, por outro o grande caudal de águas que, segundo dizem os portugueses, traz consigo o Rio Negro ao se juntar com o *Marañón,* até quase igualá-lo. Tanto volume de água é muito verossímil que venha recolhendo desde o alto da cordilheira principal dos Andes, pois, das águas que destilam das serras que, segundo parece, dividem a *Guiana* das províncias do *Marañón*, se sabe de certo que vão parar parte no Orinoco e parte no mar que medeia entre este e o *Marañón*. Tudo isto se poderia confirmar também com a notícia que teve o Padre Acuña, de que a última e mais alta das nações que habitam as cabeceiras do Rio Negro anda vestida e usa chapéus, que é, como diz o Padre, sinal de avizinharem-se aos espanhóis de alguma cidade onde os adquirem, e terem comércio com povoados de índios cristãos. A cidade de espanhóis que houve nas cabeceiras daquele rio quando o Padre Acuña adquiriu estas notícias, não foi outra, senão *Ágreda de Mocoa*, que se destruiu com o tempo, e os índios que andavam vestidos e usavam chapéus eram, provavelmente, os *Charauaes* e outros que trabalhavam nas minas que houveram por aí, como adiante se dirá. Basta por ora haver apontado aos poucos estas conjecturas, enquanto o tempo e missionários que tiverem a alegria de penetrar por aí nos descubram a verdade.
Discurrieron también algunos ser *Caquetá* una de las cabeceras principales de *Orinoco*, pero hasta ahora no he oído conjetura de fundamento para esto, y lo repuñan (sic) comúnmente nuestros misioneros de la prov.ª de *Santa Fe* que conocen y andan á veces por el Orinoco. Por lo que toca á los *Thamas* y *Payoguaques*, conocidos en los llanos de aquel río, se dirá en adelante lo que parece más probable.	Discorreram também alguns ser *Caquetá* uma das cabeceiras principais do Orinoco, mas até agora não ouvi conjectura de fundamento para isto, e o repudiam comumente nossos missionários da província de Santa Fé que conhecem e andam às vezes pelo Orinoco. No que toca aos *Thamas* e *Poyoguaques*, conhecidos nas planícies daquele rio, se dirá adiante o que parece mais provável.

En suposición, pues, que *Yapurá* sea el mismo *Caquetá* ó por lo menos brazo de los más principales deste río, es á saber, que en todo tiempo ha tenido éste fama de muy rico y abundante de minerales de oro, principalmente entre portugueses del Pará, quienes discurren ser esta la puerta más segura para entrar al tan apetecido Dorado. Lo que acerca de esto averiguó el P.e Samuel Fritz, mediante unos indios *Manaues* que solían por aquel río bajar al Marañón á comerciar con los *Yurimahuas*, á quienes traian unas como planchitas de oro, fue, que las tierras destos *Manaues* estaban cerca de un riacho llamado *Yurubetz*, que comunica con *Yapurá* solo en tiempo de mucha creciente, que es cuando pasaban á este río en sus canoíllas. El oro con que comerciaban no lo sacaban ellos mismos, sino que iban por *Yurubetz* navegando hasta otro río llamado *Iquiarí*, para rescatarlo. Esto es lo que refiere el P.e en el *Diario de su bajada al Pará*. En otro papel añade le habían dicho los mismos infieles, que á esos minerales ó lavaderos de oro asistía un hombre como español, que sospechaba el P.e ser en aquella figura algún Demonio. Pudo ser también, y habrá sido em la realidad, hombre español de los que aun en estos tempos solían desde *Pasto* entrar á las tierras de *Mocoa* que están em la ribera de *Caquetá*, en busca de oro. Y con esto también se confirma nuestra conjetura de que el *Yapurá* es un mismo río con el de *Caquetá*, y por consiguiente, *El Dorado* tan buscado y apetecido de muchos, no es otro sino los minerales de oro que se sabe de cierto que hay en las cabeceras deste río.	Em suposição, pois, que o Japurá seja o mesmo *Caquetá* ou ao menos um braço dos mais principais deste rio, é, a saber, que em todo tempo tem havido este fama de muito rico e abundante de minerais de ouro, principalmente entre portugueses do Pará, os quais discorrem ser esta a porta mais certa para entrar ao tão apetecido *Dorado*. O que acerca disto averiguou o Padre Samuel Fritz, mediante uns índios *Manaues* que costumavam baixar por aquele rio ao *Marañón*, a comercializar com os *Yurimahuas*, aos quais traziam umas como que pranchinhas de ouro, foi que as terras destes *Manaues* estavam próximas de um riacho chamado *Yurubetz*, que comunica com o Japurá somente em tempo de muita cheia, que é quando passavam a este rio em suas canoas. O ouro, com que comercializavam, não o tiravam eles mesmos, senão que iam pelo *Yurubetz* navegando até outro rio, chamado *Iquiarí*, para resgatá-lo. Isto é o que refere o Padre no *Diário* de sua descida ao Pará. Em outro papel, acrescenta que lhe haviam dito os mesmos infiéis, que a esses minerais ou lavadeiros de ouro assistia um homem espanhol, que suspeitava o Padre ser naquela figura algum demônio. Pôde ser também, e haverá sido, na realidade, homem espanhol dos que ainda nestes tempos costumavam, desde Pasto, entrar nas terras de *Mocoa* que estão na ribeira de *Caquetá* e, por conseguinte, o *El Dorado* tão buscado e apetecido de muitos nãos é outro, senão os minerais de ouro que se sabe de certo haver nas cabeceiras deste rio.
Hablando ya destas en particular, á más de los ríos, que segun la relacion del capitan Sosa vienen de hacia *Almager* (sic) y son el del *Cascabel*, *Descansé* [de *Iscansé*] y del *Guayo*, hay otras cabeceras más inmediatas á la ciudad de Pasto, que son, una quebrada llamada *La Sucia* y los ríos del *Pato*, *Titango* y del *Papagayo*. Encuéntranse otros caminando derecho al Este, después de pasar un cerro llamado el *Paramillo*, que está á un lado del valle de	Falando já destas em particular, para além dos rios, que, segundo a relação do capitão Sosa vêm desde *Almager* (sic), e são as de *Cascabel, Descansé* [de *Iscansé*] e de *Guayno;* há outras cabeceiras mais imediatas à cidade de Pasto, que são uma queda chamada *La Sucia* e os rios *Pato, Titango* e do *Papagayo*. Encontram-se outros, caminhando direto ao leste, depois de passar uma colina chamada o *Paramillo*, que está a um lado do vale de *Sibundoy*. Depois destes e outro

Sibundoy. después destos y otro que llaman *Gamara* [ó *Gúmara*], hállase junto al mismo Kaquetá (sic) el sitio donde estuvo antiguamente la ciudad de *Ágreda de Mocoa*. Más adelante, después de las juntas del río del *Cascabel*, que como dijimos viene de hacia *Almager* (sic), estan los reales de minas que dieron un tiempo á los vecinos de *Mocoa* y *Pasto* harto con que lucir su caballería, de que mucho se precian. Pero muy poco tiempo les duró aquel lucimiento, por haberse parte consumido y parte retirado los indios que les servían en la labor de las minas. Hoy día, en un pueblecito que hay em aquellos contornos, viven 14 ó 15 indios *Charuaes*, reliquias de los muchos que babia en otros tiempos. Los vecinos de Pasto muchos son los deseos que tienen de poblar otra vez á *Mocoa* y poner corrientes las minas, pero no sé si tendrán efecto sus designios. Uno de los motivos muy loables que tienen para esto, es abrir la puerta á la conversión de los muchos infieles que hay por abajo en las riberas de aquellos ríos, y á este efecto han solicitado ya algunas veces misioneros de la Compañia, principalmente por el año de 1724, en que habiendo entrado por aquellas provincias el capitan D. Francisco Ortiz, vecino de Pasto, los *Thamas*, *Curiguaques* (sic) y otros infieles le recibieron con señas de paz y alegría, pidiéndole sacerdotes que los doctrinasen en la fe y señaladamente de la Compañia, de quienes tendrán sin duda alguna noticia por haber en tiempos pasados salido algunos de ellos hasta *Pasto*. Quiera Dios tenga efecto lo que en orden á esto al presente, según dicen, se solicita en la Corte de Madrid.	a que chamam *Gamara* [ou *Gúmara*], acha-se junto ao mesmo *Kaquetá* (sic) o lugar onde esteve antigamente a cidade de *Ágreda de Mocoa*. Mais adiante, depois das intersecções do rio da *Cascabel*, que, como dissemos, vem desde *Almager* (sic), estão as verdadeiras minas, que deram um tempo aos *vecinos* de *Mocoa* e Pasto muito com que luzir sua cavalaria, de que muito se valorizam. Mas muito pouco tempo lhes durou aquele luzimento, por parte haver-se consumido e parte retirada pelos índios *Charuaes*, relíquias dos muitos que havia em outros tempos. Os moradores de Pasto, muitos são os desejos que têm de povoar outra vez a *Mocoa* e colocar em atividade as minas, mas não sei se terão efeito seus desígnios. Uns dos motivos muito louváveis que têm para isto é abrir a porta à conversão dos muitos infiéis que há abaixo nas margens daqueles rios, e a este efeito têm já solicitado algumas vezes missionários da Companhia, principalmente pelo ano de 1724, em que havendo entrado por aquelas províncias o capitão D. Francisco Ortiz, morador de Pasto, os *Thamas, Curiguaques* (sic) e outros infiéis o receberam com sinais de paz e alegria, pedindo-lhe sacerdotes que os doutrinassem na fé, e assinaladamente da Companhia, de quem tiveram, sem dúvida alguma, notícia por haver em tempo passados saído alguns deles até Pasto. Queira Deus tenha efeito o que, em ordem a isto, no presente, segundo dizem, se solicita na Corte de Madrid.
Prosiguiendo ya con la descripción deste río hasta donde alcanzan las noticias, algo más abajo de los reales de minas sale á *Caquetá* el río del *Guayo*, que viene de *Almager*. A este se sigue el de la *Fragua*, que viene de hacia *Timaná*. Entre estos dos ríos viven los *Andaquies*, nación corta y de mal natural, de la cual unos indios poco ha estuvieron poblados cerca de *Suaza*, riacho que baja al *Madaleno* en poca distancia de *Timaná,* Más abajo sale á *Caquetá* el río del *Caguan*, así llamado, porque viene de un sitio	Já prosseguindo com a descrição deste rio até onde alcançam as notícias, algo mais abaixo das verdadeiras minas, sai ao *Caquetá* o rio *Guayo*, que vem de *Almager*. A este se segue o *Fragua*, que vem desde *Timaná*. Entre estes dos rios vivem os *Andaquies*, nação pequena e de mal natural, da qual uns índios, há pouco, estiveram povoados próximo de *Suaza*, riacho que baixa al *Madaleno* em pouca distância de *Timaná*. Mais abaixo sai ao *Caquetá* o rio *Caguan*, assim chamado porque vem de um lugar mais abaixo

más abajo de *Timaná*, hacia *Santa Fe de Bogotá*, donde hubo en tiempos antiguos una ciudad de este nombre. Llámase también el río de los *Thamas*, que dicen son numerosos, y lo sarian (sic) mucho más á no haber consumido muchos dellos con sus guerrillas los *Curiguaques* ó *Coreguaques* (sic), que viven casi en la boca de aquel río á la otra banda de *Caquetá*, hácia *Putumayo* y tierras de los *Ocoguaques* (sic) de *Pinzia*, de quienes, según dicen, distan siete jornadas de travesía por el monte. Estos Coreguaques como también los Ocoguaques son los comerciantes destos ríos, que proveen de herramienta holandesa hasta los que viven cerca del río *Napo*. Los que han tenido trato con ellos, dicen que bajando desde sus tierras por el río *Caquetá*, que llaman ellos *Jaoia*, cuatro ó cinco días, entran por el monte, y después de cinco ó seis jornadas llegan á otro río grande, que ha de ser el *Negro* y con más probabilidad el de los *Caripunas*, que los *Ocoguaques* llaman *Huatiia* y quiere decir *Río de Wiracochas*. De allí, caminando otra jornada, topan con las casas de unos hombres, como ellos dicen, bermejos hasta el cabello, que tienen montones de hachas y cuchillos y tinajos llenos de abalorios que venden á trueque de esclavos. Para mantener este comercio, dichos *Coreguaques* y *Ocoguaques* han consumido muchas naciones así de *Putumayo* como de *Caquetá*, matando á los viejos y criaturas tiernas y cautivando á las mujeres y mozos, éstos para venderlos á los holandeses, aquellas para la torpeza ó por venderlas también á otros indios. Añaden que en no llevando esclavos á los holandeses, preciso se quede sirviéndolos uno ó más de los que entran á sus tierras. Hoy día, por haberse disminuido mucho también los comerciantes, ha cesado en gran parte ese comercio, y por eso solicitan los infieles la amistad de nuestros misioneros á que les den de balde la herramienta.	de *Timaná* em direção a *Santa Fé de Bogotá*, onde houve, em tempos antigos, uma cidade deste nome. Chama-se também o rio dos *Thamas*, que, dizem, são numerosos, e o seriam muito mais se não houvessem consumido muitos deles com suas guerrilhas os *Curiguaques* ou *Coreguaques* (sic), que vivem quase na desembocadura daquele rio, do outro lado do *Caquetá*, em direção ao Putumayo e terras dos *Ocoguaques* (sic) de *Pinzia*, dos quais, segundo dizem, distam sete jornadas de travessia pelo monte. Estes *Coreguaques*, como também os *Ocogauques*, são os comerciantes destes rios, que provêm ferramenta holandesa aos que vivem próximo ao rio *Napo*. Os que têm tido trato com eles dizem que, baixando de suas terras pelo Rio *Caquetá*, a que eles chamam *Jaoia*, quatro ou cinco dias, entram pelo monte, e depois de cinco ou seis jornadas chegam a outro rio grande, que há de ser o *Negro* e, com mais probabilidade, o dos *Caripunas*, que os *Ocoguaques* chamam *Huatiia*, e quer dizer *Rio de Wiracochas*. Dalo, caminhando outra jornada, topa-se com as casas de uns homens, como eles dizem, vermelhos até o cabelo, que têm montões de machados, facas e potes cheios de miçangas que vendem em troca de escravos. Para manter este comércio, os ditos *Coreguaques* e *Ocoguaques* têm consumido muitas nações, tanto do *Putumayo* como do *Caquetá*, matando aos velhos e criaturas ternas, e cativando as mulheres e moços, estes para vender aos holandeses, aquelas para a torpeza ou para as vender também a outros índios. Acrescentam que, em não levando escravos aos holandeses, é preciso que fiquem servindo-os um ou mais dos que entram em suas terras. Hoje em dia, por haver diminuído muito também os comerciantes, tem cessado em grande parte esse comércio, e por isso solicitam os infiéis a amizade de nossos missionários, para que lhes deem debalde a ferramenta.
Desde el río de los *Thamas* es tambien probable que hay camino para los llanos del *Orinoco* y *Santa Fe de Bogotá*. Em la reducción de *Sn. Joseph de los Yeebas* de *Napo* asiste al presente un indio *Oioguaque [Ocohuaje?]*, muy	Desde o rio dos *Thamas* é também provável que haja caminho para as planícies do *Orinoco* e *Santa Fé de Bogotá*. Na redução de São José dos *Yeebas* do *Napo* assiste no presente um índio *Oioguaque [Ocohuaqie?]*, muito noticioso, que me assegura

noticioso, quien me asegura haber andado mismo aquel camino. Dice que em subiendo tres ó cuatro jornadas por dicho río de los *Thamas*, se entra á la derecha por el monte, y después de cinco jornadas de camino, se halla una laguna muy extendida, de la cual tendrá quizá su origen el *Orinoco*. Esta se navega en balsas tres ó cuatro días y de allí se sale á los llanos dichos. Añade que por este camino los *Thamas* y *Payoguaques* suelen salir al *Orinoco*, y que estos sarian (sic) los infieles que años ha mataron en aquel río á unos misioneros de la Compañia.	haver mesmo andado aquele caminho. Diz que, subindo três ou quatro jornadas pelo dito rio dos *Thamas*, entra-se à direita pelo monte e, depois de cinco jornadas de caminho, acha-se uma lagoa muito estendida, da qual terá talvez sua origem o *Orinoco*. Esta se navega em balsas três ou quatro dias, e dali se sai às ditas planícies. Acrescenta que, por este caminho, os *Thamas* e *Payoguaques* costumam sair ao *Orinoco*, e que estes seriam os infiéis que há anos mataram naquele rio a alguns missionários da Companhia.
Volviendo á *Caquetá*, después de los *Thamas* y *Coreguaques* por abajo, todos afirman de que hay muchísimas naciones de infieles, pero hasta aquí á nadie he encontrado que me sepa dar individual noticia dellos. Lo que sólo me asegura el indio *Oioguaque* de San Joseph, es que pocas jornadas más abajo viven los *Oios* ó Murciélagos legítimos, gente caribe que come carne humana y bebe la sangre; para lo cual, según cuentan, colgando como carnero al que quieren matar, con cuchillos de caña le raspan primero y limpian muy bien todo el cuerpo, sin dejar el menor pelillo. De allí le pican las venas y chupan caliente la sangre. Por eso los dieron los mismos infieles el nombre de murciélagos.	Voltando ao *Caquetá*, depois dos *Thamas* e *Coreguaques* para baixo, todos afirmam que há muitíssimas nações de infiéis, mas até aqui ninguém encontrei que me saiba dar notícia individual deles. O que só me assegura o índio *Oioguaque* de São José, é que poucas jornadas mais abaixo vivem os *Oios* ou Morcegos legítimos, gente *Caribe* que come carne humana e bebe o sangue; para o qual, segundo contam, pendurando como carneiro ao que querem matar, com facas de cana lhe raspam primeiro e limpam muito bem todo o corpo, sem deixar o menor cabelo. Dali lhe cortam as veias e chupam o sangue quente. Por isso lhes deram os mesmos infiéis o nome de morcegos.
después de las tierras destos bárbaros, refiere el mismo *Oioguaque* haber oído decir de que hay unas campinas muy extendidas en que sus moradores siembran harto algodón; y esta parece ser la *provincia del Algodón*, hasta donde, si bien me acuerdo, penetraron los primeros conquistadores del Nuevo Reino de Granada, conforme se refiere en la historia de aquella conquista.	Depois das terras destes bárbaros, refere o mesmo *Oioguaque* haver ouvido dizer que há umas campinas muito estendidas em que seus moradores semeiam farto algodão; e esta parece ser a província do Algodão, até onde, se bem me recordo, penetraram os primeiros conquistadores do Novo Reino da Granada, conforme se refere na história daquela conquista.
Hasta aquí llegan las noticias que he adquirido acerca del río *Caquetá*.	Até aqui chegam as notícias que adquiri acerca do Rio *Caquetá*.

§ XIII – Regístranse ambas costas de Marañón y ríos que le entran, principalmente de la banda del Sur, desde Napo hasta el río Negro.	**§ XIII – Registram-se ambas as costas do Marañón e rios que lhe entram, principalmente do lado sul, desde o Napo até o Rio Negro.**
A más del *Putumayo* y *Yupurá*, otros muchos ríos y naciones se hallan desde *Napo* hasta el *Río Negro*, de los cuales, como también de lo restante del *Marañón*, muy pocas son las noticias que tenemos al presente los misioneros castellanos, por estar esas tierras y ríos en poder de los portugueses del *Gran Pará*. Apuntaré sin embargo brevemente lo que oí referir de los mismos portugueses por los años de 1730 y 31, con ocasión de haber subido algunos de ellos á nuestras reducciones con intentos de entablar comercio ó llevar esclavos de algunas naciones infieles.	Além do *Putumayo* e Japurá, muitos outros rios e nações se acham desde o *Napo* até o Rio Negro, dos quais, como também do restante do *Marañón*, muito poucas são as notícias que temos no presente dos missionários castelhanos, por estar essas terras e rios em poder dos portugueses do Grão-Pará. Apontarei, no entanto, brevemente o que ouvi referir dos mesmos portugueses pelos anos de 1730 e 1731, com ocasião de haver subido alguns deles às nossas reduções, com intenção de estabelecer comércio ou levar escravos de algumas nações infiéis.
Una jornada corta más abajo de las juntas de *Napo* con el *Marañón*, sale de la banda del Sur un río mediano llamado *Mutauay*, ques el río principal de la nación de los *Mayorunas*, de la cual, como también de otros muchos riachuelos que ocupa, se dirá en relación aparte.	A uma jornada curta, mais abaixo das junções do *Napo* com o *Marañón*, sai do lado sul um rio mediano chamado *Matauay*, que é o rio principal da nação dos *Mayorunas*, da qual, como também de outro muitos riachos que ocupa, se dirá em relação à parte.
Casi en frente de *Mutauay* sale á mano izquierda otro río semejante llamado *Apayuca*, en cuya cercanía vive una parcialidad de indios *Payaguas* ó *Payaguaques*, que se espera em breve amistar. Extiéndense las tierras déstos hasta otro río llamado *Uerarí*, que sale al *Marañón* otra jornada más abajo, donde, misionando en este río el P. Samuel Fritz, estuvo la principal reducción de los *Omaguas*, llamada S. Joaquin. Hoy dia han principiado media hora más abajo, en este mismo sitio, otra nueva reducción unos catecúmenos *Caumaris* y *Pevas* que vivían al río *Wiquita*, media jornada más abajo, como se dirá también en otra parte; y este es hoy día el término ó límite hasta donde se extienden nuestras misiones, por haberse apoderado con violencia de todo lo demás los paraenses.	Quase em frente de *Mutauay*, sai à mão esquerda outro rio semelhante, chamado *Apayuca*, em cuja cercania vive uma parcialidade de índios *Payaguas* ou *Payaquaques*, que se espera em breve amigar. Estendem-se as suas terras até outro rio chamado *Uerarí*, que sai ao *Marañón* outra jornada mais abaixo, onde, missionando neste rio o Padre Samuel Fritz, esteve a principal redução dos *Omágua*, chamada São Joaquim. Hoje em dia têm iniciado, meio hora mais abaixo, neste mesmo lugar, outra nova redução uns catecúmenos *Caumaris* e *Pevas* que viviam no Rio *Wiquita*, meia jornada mais abaixo, como se dirá também em outra parte; e este é hoje em dia o término ou limite até onde se estendem nossas missões, por haver-se apoderado com violência de tudo o mais os paraenses.

Desde aquí hasta cerca de *Yapurá*, cuando entró el P. Samuel á misionar los *Omaguas*, que fue por el año de 1685, halló en solo el *Marañón* más de cincuenta islas pobladas de cuatro diferentes naciones, *Omaguas*, *Yurimaguas*, *Aiçuares* é *Ibanomas*. Destas formó hasta 38 reducciones, de las cuales las más principales y numerosas eran la de *San Joaquín*, que nombramos poco antes; *Guadalupe*, tres jornadas más abajo; *San Pablo*, después de otras tres, y *Nuestra Señora de las Nieves delos Yurimaguas*, entre *Yutai* y *Yapurá*. A más destas cuatro naciones que vivían en islas, dicho P. Samuel amistó y dió principio á poblar otras muchas naciones de tierra firme, como son los *Caumaris*, *Pebas*, *Ticunas*, *Cauysanas*, *Guaraicus* y otras. De todas estas naciones y pueblos quedan al presente solos cinco, y esos muy cortos, que son, *S. Pablo*, *S. Xtoval de Ibiratè*, *Taracuatuba*, *Parahuari* y *Tefé*, que son los que hoy ocupan los portugueses y tienen por misioneros á unos religiosos del Carmen. Todo lo demás de la gente, ó lo llevaron por esclavos al Pará ó se retiró á otros ríos y lagunas. De modo que hoy día, al bajar por el *Marañón*, fuera de dichas reducciones, ni rastro de gente se halla desde *Napo* hasta el *Río Negro*.	Desde aqui, até próximo do Japurá, quando entrou o Padre Samuel a missionar os *Omágua*, que foi pelo ano de 1685, achou, somente no *Marañón*, mais de 50 ilhas povoadas de quatro diferentes nações, *Omáguas, Yurimaguas, Aiçuares* e *Ibanomas*. Destas, formou até 38 reduções, das quais as mais principais e numerosas eram a de São Joaquim, que nomeamos pouco antes; Guadalupe, três jornadas mais abaixo; São Paulo, depois de outras três, e Nossa Senhora das Neves dos *Yurimaguas*, entre Jutaí e Japurá. Além destas quatro nações que viviam em ilhas, o dito Padre Samuel pacificou e deu princípio a povoar muitas outras nações de terra firme, como são os *Caumaris*, *Pebas, Ticuna, Cauysanas, Guaraicus* e outras. De todas estas nações e povoados permanecem, ao presente, somente cinco, e esses muito pequenos, que são São Paulo, São Cristóvão de *Ibiraté*, *Taracuatuba, Parahuari* e Tefé, que são os que hoje ocupam os portugueses e têm por missionários a uns religiosos do Carmo. Toda a demais gente, ou foi levada como escrava ao Pará ou se retirou a outros rios e lagoa. De modo que hoje em dia, ao baixar pelo *Marañón*, fora as ditas reduções, nenhum rastro de gente se acha desde o *Napo* até o Rio Negro.
En cuanto á los ríos que salen al *Marañón* de la banda del Sur, tres son los que nombran y conocen los portugueses, por haber entrado en ellos en busca de infieles. El uno es *Yauarí*, que sale como cinco jornadas más abajo del río *Uerari*. Es este el término hasta donde se extienden las tierras de los *Mayorunas*. La una de sus cabeceras, conforme dejamos dicho arriba, mucho se acerca á *Ucayali*. Allí cerca, por relación de los *Omaguas*, viven los *Auanatuis* (?), que hablan la lengua *Cocama* y son muy temidos de los vecinos por su valor y destreza en la guerra.	Quanto aos rios que saem ao *Marañón* do lado sul, três são os que nomeiam e conhecem os portugueses, por haver entrado neles em busca de infiéis. Um deles é o Javari, que sai como a cinco jornadas mais abaixo do rio *Uerari*. É este o termo até onde se estendem as terras dos *Mayorunas*. Uma de suas cabeceiras, conforme deixamos dito acima, muito se aproxima ao *Ucayali*. Ali perto, por relação dos *Omágua*, vivem os *Auanatuis(?)*, que falam a língua *Cocama* e são muito temidos pelos vizinhos por seu valor e destreza na guerra.
El otro río es el *Yutay* ó *Yetaú*, que entra al *Marañón* tres jornadas más abajo de *Putumayo*. Por ser río muy caudaloso, se discurre que baja de la cerrania (sic) del *Cuzco*, y algunos sospechan ser este el *Beni*, que pasa por las provincias de los *Moxos*, aunque otros tienen	O outro rio é o Jutaí ou *Yetaú*, que entra no *Marañón* três jornadas mais abaixo do *Putumayo*. Por ser rio muito caudaloso, discorre-se que baixa da serra de *Cuzco*, e alguns suspeitam ser este o *Beni*, que passa pelas províncias dos *Moxos*, mesmo que outros tenham por mais

por más probable que aquel río es el *Yuruá*, de quien ya se dirá. Puede ser que *Beni*, como sucede con otros muchos ríos, se reparta en dos brazos, y por consiguiente sea madre de uno y otro río. Qué naciones vivan al presente cerca de *Yetaú* no pude averiguar, pues los portugueses, que entran en este y otros ríos á caza de infieles, no se cansan mucho en averiguar los nombres y costumbres de las naciones. Todo su cuidado está en ajustar el número de cautivos que necesitan para sus negociaciones y labranzas.	provável que aquele rio é o Juruá, do qual já se dirá. Pode ser que o *Beni*, como acontece com muitos outros rios, se reparta em dois braços e, por conseguinte, seja mãe de um ou outro rio. Que nações vivam no presente próximas do *Yetaú* não se pode averiguar, pois os portugueses, que entram neste e outros rios à caça de infiéis, não se cansam muito em averiguar os nomes e costumes das nações. Todo seu cuidado está em ajustar o número de cativos que necessitam para suas negociações e lavouras.
El tercer río caudaloso que viene del Sur y entra en el *Marañón* dos jornadas antes de llegar al *Negro*, es el *Yuruá*, de quien decía poco antes que es probablemente el *Beni*, que viene de la provincia de los *Moxos*, aunque nadie, que yo sepa, ha averiguado hasta aquí la verdad. Vivian y aun probablemente viven en él varias naciones infieles. Los más inmediatos al *Marañón* fueron los *Cuchivaraes*, de quienes no hay a la presente memoria, por haber parte muerto á manos de los *Taromas* del *Río Negro*, sus capitales enemigos, y parte haber sido llevados por esclavos al *Pará*. Desde aquí hasta el *Negro* se cuentan cincuenta y más leguas donde al presente no hay rastro de infieles ni de cristianos.	O terceiro rio caudaloso que vem do sul e entra no *Marañón,* duas jornadas antes de chegar ao *Negro*, é o Juruá, do qual dizia pouco antes que é provavelmente o *Beni*, que vem da província dos *Moxos*, ainda que ninguém, que eu saiba, tenha averiguado até aqui a verdade. Viviam e provavelmente ainda vivem nele várias nações infiéis. Os mais imediatos ao *Marañón* foram os *Cuchivaraes*, dos quais não há na presente memória, por terem morrido pelas mãos dos *Taromas* do Rio Negro, seus inimigos capitais, e parte ter sido levada como escravos ao Pará. Desde aqui até o Negro se encontram mais de 50 léguas onde, ao presente, não há rastro de infiéis nem cristãos.
§ XIV – Río Negro.	**§ XIV – Rio Negro.**
Deste río, que es el más caudaloso de cuantos entran en el *Marañón*, tengo ya dicho arriba, en hablando del *Caquetá*, lo que parece más probable acerca de su origen. Como estuvo, y lo está aún en gran parte, poblado de infieles más que otro ninguno, mucho le han andado y andan con sus tropas de rescate los portugueses desde su primer descubrimiento; y como en los principios no han hallado resistencia, muchísimos son los esclavos que han sacado para el Pará de las naciones más cercanas al *Marañón*. No han podido, sin embargo, adelantar mucho para arriba sus conquistas, por haberse encontrado con algunas naciones de mucho valor que los han hecho resistencia aun con armas de fuego, que	Deste rio, que é o mais caudaloso de quantos entram no *Marañón*, tenho já dito acima, ao falar do *Caquetá*, o que parece mais provável acerca de sua origem. Como esteve, e o está ainda em grande parte, povoado de infiéis mais que nenhum outro, muito têm andado e andam com suas tropas de resgate os portugueses desde seu primeiro descobrimento; e como nos princípios não acharam resistência, muitíssimos são os escravos que têm levado ao Pará das nações mais próximas ao *Marañón*. Não puderam, no entanto, adiantar muito para cima suas conquistas, por haverem se encontrado com nações de muito valor, que lhes fizeram resistência mesmo com arma de fogo, que compram dos holandeses em troca de escravos.

compran de los Olandeses á trueque de esclavos. Un portugués que anduvo algunos años con la tropa por aquel río, refirióme que por cuatro años continuos mucho les había dado que hacer un principal de la nación de los *Manaos*, llamado *Aiuricaba*, que vivia veinte días de navegación río arriba. Andaba este muy ufano con bandera olandesa en una embarcación que babia quitado á un capitan portuges (sic), dándose á temer á todos. Otro principal de la misma nación, enemjgo suyo capital, llamado *Caba*, viendo no podía hacerle frente, imploró la ayuda de los portugueses, quienes, después de muchas escaramuzas, prendieron, por fin, al *Aiuricaba*; pero al llevarlo preso para el *Pará*, otros infieles cautivos mataron á los soldados que le iban convoyando, y el *Aiuricaba* con grillos y esposas se arrojó al río. Diéronlo entonces por ahogado y muerto, pero al cabo de algunos meses corría de que andaba por el río *Yapurá* haciendo destrozos y que habia muerto en una pelea á otro principal llamado *Demané*. Sus parciales se habían armado en el mismo *Río Negro* con los *Darães* y *Maiapenas*, naciones de infieles que viven más arriba de los *Manaos*. A estos estaban actualmente haciendo guerra los portugueses y con harto trabajo los habían deshecho un pueblo llamado *Caramari*, en donde se habían hecho fuertes.	Um português, que andou alguns anos com a tropa por aquele rio, referiu-me que, por quatro anos contínuos, muito lhes tinha dado o que fazer um principal da nação dos *Manao*, chamado *Aiuticaba*, que vivia vinte dias de navegação rio acima. Andava este muito ufano com bandeira holandesa em uma embarcação que havia tomado de um capitão português, dando-se a temer a todos. Outro principal da mesma nação, seu inimigo capital, chamado *Caba*, vendo que não lhe podia fazer frente, implorou a ajuda dos portugueses, os quais, depois de muitas escaramuças, prenderam, por fim, a *Aiuricaba*; mas, aos levá-lo preso ao Pará, outros infiéis cativos mataram os soldados que lhe iam conduzindo, e *Aiuricaba*, com grilhões e esposas, jogou-se no rio. Deram-no então como afogado e morto, mas ao cabo de alguns meses corria que andava pelo rio Japurá fazendo destroços e que havia matado em uma peleja outro principal chamado *Demané*. Seus parciais haviam se armado no mesmo Rio Negro com os *Darães* e *Maiapenas*, nações de infiéis que vivem mais acima dos *Manao*. A estes estavam atualmente fazendo guerra os portugueses e com muito trabalho os haviam desfeito um povoado chamado *Caramari*, onde haviam feito fortes.
De los *Caripunas* ó *Guaranacuas* que viven al *Río Blanco*, que entra en el *Negro* de la banda de la mar, refirióme el mismo portugués, que el día de hoy estaban casi del todo consumidos con las guerras sangrientas que les habían hecho los del *Pará*, con el título que contrataban y llevaban esclavos á los herejes olandeses que andaban por ahí desde el *Surinam*.	Dos *Caripunas* ou *Guaranacuas*, que vivem no Rio Branco, que entra no Negro pelo lado do mar, referiu-me o mesmo português, que nos dias de hoje estavam quase totalmente consumidos com as guerras sangrentas que lhes haviam feito os do Pará, com o título de que contratavam e levavam escravos aos hereges holandeses que andavam por aí desde o Suriname.
Tienen al presente dichos portugueses en la boca deste *Río Negro* una fortaleza bastante que acabaron de fabricar el año de 1690 y llaman vulgarmente *Taromás*, por unos indios deste nombre que viven allí cerca, y son los que tenían sus guerras con los *Cuchivaraes*.	Têm no presente os ditos portugueses, na desembocadura deste Rio Negro, uma fortaleza bastante que acabaram de fabricar no ano de 1690 e chamam vulgarmente de *Taromás*, por uns índios deste nome que vivem ali perto, e são os que tinham suas guerras com os *Cuchivaraes*.

Más arriba tienen otras dos ó tres reducciones que les sirven como de escala para subir á hacer guerra y buscar rescates entre naciones infieles, y son *Caburis*, en las juntas de un río deste nombre que entra en el *Negro*; *Caraxais*, cuatro jornadas más arriba, y otra y otras de la nación recién conquistada de los *Manaos*. Muchas más no dudo tuvieran sino hubiesen llevado la gente al *Pará* y costa de la mar. Un portugués, hombre ingenioso, natural del *Brasil*, díjome, que de los *Tapuyas* (así llaman ellos los infieles) que habían llevado estos años por (sic) abajo, se hubiera podido formar cuando menos treinta aldeas numerosas.	Mais acima têm outras duas ou três reduções que lhes servem como escala para subir a fazer guerra e buscar rsgates entre nações infiéis, que são: *Caburis*, nas junções de um rio deste nome, que entra no Negro; *Caraxais*, quatro jornadas mais acima, e outras da nação recém-conquistada dos *Manao*. Muitas mais não duvido que houve, se não houvessem levado a gente ao Pará e costa do mar. Um português, homem inteligente, natural do Brasil, disse-me que dos *Tapuyas* (assim chamam eles os infiéis) que haviam levado estes anos para baixo, puderam formar, quando menos, trinta aldeias numerosas.
§ XV – De los demás ríos y naciones hasta la mar del Norte.	**§ XV – Dos demais rios e nações até o mar do Norte.**
Para la noticia de lo restante del río y poblaciones que hay hasta la mar, pudiera remitir el lector al Diario del P.e Samuel Fritz, que trasladaré hablando de la misión de los *Omaguas*; pero como ha habido en estos años algunas mudanzas y nuevos descubrimientos, diré lo que también oí referir de los portugueses que andan por ahí. Por lo que toca á las distancias, advierto que desde el *Río Negro* hasta la fortaleza del *Curupá*, regularme (sic) lo que se anda en un dia río abajo, que es como 12 ó 14 leguas se anda en dos días río arriba. Desde *Curupá* hasta la mar á causa de las mareas que son muy perceptibles, cuanto se anda al bajar, casi otro tanto se anda también al subir.	Para a notícia do restante do rio e povoações que há até o mar, pudera remeter o leitor ao *Diário* do Padre Samuel Fritz, que transcreverei falando da missão dos *Omágua*; mas, como tem havido nestes anos algumas mudanças e novos descobrimentos, direi o que também ouvi referir dos portugueses que andam por aí. No que toca às distâncias, advirto que desde o Rio Negro até a fortaleza do Gurupá, regula-me o que se anda em um dia rio abaixo, que é como 12 ou 14 léguas o que se anda em dois dias rio acima. Desde Gurupá até o mar, por causa das marés, que são muito regulares, quase se anda a baixar, quase outro tanto se anda também ao subir.
Siguiendo, pues, el rumbo del *Marañón*, lo primero que se encuentra al bajar á la banda del Norte un dia de navegación después del *Río Negro*, es la boca del río *Matarí*, en donde está una reducción ó aldea del mismo nombre, de indios *Aroaquis*, asistida de un misionero de N.tra S.ra de la Merced, quien tiene también á su cargo otra aldea llamada *Urubú*, que está junto á otro río distante de *Matari* un día corto de navegación.	Seguindo, pois, o rumo do *Marañón*, o primeiro que se encontra ao baixar ao lado do norte, um dia de navegação depois do Rio Negro, é a desembocadura do Rio *Matari*, onde está uma redução ou aldeia de mesmo nome, de índios *Aroaquis*, assistida de um missionário de Nossa Senhora das Mercês, que tem também a seu cargo outra aldeia chamada *Urubu*, que está junto a outro rio, distante do *Matari* um dia curto de navegação.
En esta medianía sale al *Marañón* de la banda del Sur el famoso río de la *Madera*, y cerca de	Nesta mediania sai ao *Marañón,* pelo lado sul, o famoso Rio da Madeira, e perto de sua boca está

su boca está una grande isla poblada en otros tiempos, primero de los *Tupinambás* fugitivos del *Brasil*, después de los *Guayarises*. Hoy día está sin moradores.	uma grande ilha povoada em outros tempos, primeiro pelos *Tupinambás* fugitivos do Brasil, depois pelos *Guayarises*. Hoje em dia está sem moradores.
Subiendo por el *Río de la Madera* como cincuenta leguas, se halla *Abacaxis*, reducción de los misioneros portugueses de la Compañia, quienes tienen á su cargo casi todas las demás reducciones situadas á la banda del Sur hasta el *Gran Pará*. A *Abacaxis* síguese en la ribera del mismo *íio de la Madera* otra reducción de indios *Turaces*, recién fundada. Por este río también el año de 1723 un fulano Pahlieta (sic), portugués, después de casi tres meses de muy trabajosa navegación, en que por más de veinte días fue preciso arrastrar las canoas sobre peñas, encontró por fin con las misiones de los *Moxos* de la provincia del Perú, conforme me refirió un soldado que le acompañó en este descubrimiento.	Subindo pelo Rio Madeira, como 50 léguas, acha-se *Abacaxis*, redução dos missionários portugueses da Companhia, os quais têm, a seu cargo, quase todas as demais reduções situadas ao lado sul até o Grão-Pará. A *Abacaxis* segue-se, na margem do mesmo Rio Madeira, outra redução de índios *Turaces*, recém-fundada. Por este rio, também no ano de 1723, um fulano Palheta, português, depois de quase três meses de muito trabalhosa navegação, em que por mais de 20 dias foi preciso arrastar as canoas sobre pedras, encontrou por fim com as missões dos *Moxos* da província do Peru, conforme me referiu um soldado que lhe acompanhou neste descobrimento.
Volviendo al *Marañón*, dos días abajo de *Urubú* está á la misma banda del Norte *Uatema*, aldea de los PP. Mercedarios, y después de casi otro tanto de navegación, á la banda del Sur, *Tupinanbaramas*, reduccion de la Compañía junto á un río no muy caudaloso que tiene el mismo nombre. Los indios moradores de esta reducción son hoy día los *Andiraces* y *Ciriatos*.	Voltando ao *Marañón*, dois dias abaixo de *Urubu* está, no mesmo lado norte, *Uatema*, aldeia dos Padres Mercedários, e depois de quase outro tanto de navegação, do lado Sul, *Tupinanbaramas*, redução da Companhia junto a um rio não muito caudaloso que tem o mesmo nome. Os índios morados desta redução são hoje em dia os *Andiraces* e *Ciriatos*.
Un día de camino más abajo, al Norte, se entra á otra laguna que nace de un río que llaman *Ssamundás* (sic) y tiene á sus orillas una reducción numerosa del mismo nombre, misión de los PP. Capuchinos llamados vulgarmente los *Piadosos*. Este río, según la demarcacion del P.e Acuña, debiera ser el río de las *Amazonas*, á quien da el nombre de *Cunuris* ó *Conduris*. Con más razón se pudiera apropiar este nombre al otro río que se sigue después de pocas leguas, que llaman los portugueses de las *Trompetas* y el P.e Acuña *Urixamina*, siendo así que en poca distancia deste río entre cerros viven los indios *Condurises*.	Um dia de caminho mais abaixo, ao norte, entra-se a outra lagoa, que nasce de um rio a que chamam *Ssamundás* (sic) e tem em suas margens uma redução numerosa de mesmo nome, missão dos Padres Capuchinhos, chamados vulgarmente de Piedosos. Este rio, segundo a demarcação do Padre Acuña, devia ser o Rio das Amazonas, a quem dão o nome de *Cunuris* ou *Conduris*. Com mais razão se pudera apropriar este nome a outro rio que se segue depois de poucas léguas, a que chamam os portugueses de Trombetas, e o Padre Acuña de *Urixamina*, sendo assim que, em pouca distância deste rio, entre colinas, vivem os índios *Condurises*.

Poco despues de la boca deste río estréchase el *Marañón* por espacio de 4 leguas, de modo, que llega á tener de ancho algo menos de un cuarto de legua, con ser que desde las juntas del *Río Negro* lo ancho del río es regularmente de tres ó cuatro leguas y á veces más. A la entrada del estrecho, á la mano derecha, fabricaron los portugueses pocos años hay una fortaleza ó casa fuerte llamada *Pauchis [Pauxis]*, que es la única em todo el río de algún provecho en orden á atajar el paso á los navegantes y piratas del río. Aquí también asiste un misionero capuchino.	Pouco depois da boca deste rio, estreita-se o *Marañón* por espaço de quatro léguas, de modo que chega a ter de largura algo menos de um quarto de légua, sendo que desde as junções do Rio Negro a largura do rio é regularmente de três ou quatro léguas, e às vezes mais. À entrada do estreito, à mão direita, fabricaram os portugueses, há pouco anos, uma fortaleza ou casa forte chamada *Pauchis [Pauxis]*, que é a única em todo o rio de algum proveito em ordem a interceptar o passo aos navegantes e piratas do rio. Aqui também assiste um missionário capuchinho.
Desde la salida del estrecho hasta el río *Topajos [Tapajós]* se cuenta dia y medio de navegación. En la mitad del caminho está á la banda del Norte en tierra alta, *Surubiu [Surubim?]*, aldea de indios *Babois* asistida de otro misionero capuchino. A la boca de *Topajos*, hay fortaleza y aldea de la Compañia, á quien pertenecen otras dos reducciones nuevas, que son *Arapions* y *Meteopú*, fundadas á las orillas del mismo río.	Desde a saída do estreito até o Rio Tapajós se conta 50 dias e meio de navegação. Na metade do caminho está, do lado norte, em terra alta, *Surubiu [Surubim?]*, aldeia de índios *Babois* assistida de outro missionário capuchinho. Na boca do Tapajós, há uma fortaleza e aldeia da Companhia, à qual pertencem outras reduções novas, que são *Arapions* e *Meteopú*, fundadas às margens do mesmo rio.
Desde *Topajos* hasta *Curupá* se tardan los navegantes regularmente cuatro días. En este camino se pasa junto á outro fuerte de poca monta llamado *Parú*, que está á la boca do un río del mismo nombre, y cinco aldeas cortas de los PP. Capuchinos, las dos á la banda del Norte junto á dos riachos de quienes toman el nombre, y son, *Curupatuba* y *Urubucuará*.	Desde o Tapajós até o Gurupá se demoram regularmente os navegantes quatro dias. Neste caminho se passa junto a outro forte de pouca monta chamado *Parú*, que está na desembocadura de um rio de mesmo nome, e cinco aldeias pequenas dos Padres Capuchinhos, duas do lado norte, junto a dois riachos dos quais tomam o nome, que são *Curupatuba* e *Urubucuará*.
Las otras tres cuyos nombres son *Maturú*, Arapió (sic) y *Cabianá*, están cerca de *Curupá*, que es la fortaleza más antigua que tengan los portugueses en el *Marañón*, en donde reside de ordinario el superior de los misioneros capuchinos.	As outras três, cujos nomes são *Maturú, Arapió* (sic) e *Cabianá*, estão próximas de Gurupá, que é a fortaleza mais antiga que têm os portugueses no *Marañón*, onde reside de ordinário o superior dos missionários capuchinhos.
Casi en frente de *Parú* desemboca á la banda del Sur otro río muy caudaloso que llaman *Xingú* ó *Aoripana*. El P. Acuña le llama *Paranaiba*. Subiendo por este río, á los tres dias se encuentra una reducción llamada también *Xingú*, que es de la Compañía. A esta se siguen	Quase em frente de *Parú* desemboca, do lado sul, outro rio muito caudaloso a que chamam *Xingú* ou *Aoripana*. O Padre Acuña o chama *Paranaíba*. Subindo por este rio, aos três dias se encontra uma redução chamada também *Xingú*, que é da

más arriba otras tres de indios recién conquistados.	Companhia. A esta se seguem mais acima outras três, de índios recém-conquistados.
Volviendo otra vez al *Marañón*, se encuentra aqui una muchedumbre de islas que forman un hermoso archipiélago y hacen se reparta el río en diferentes brazos, de los cuales el principal, que conserva el nombre de *Amazonas*, se encamina derecho desde *Curupá* hasta el *Gran Pará* y mar del Norte por espacio de cien leguas. Divídense éstas regularmente de los navegantes en doce jornadas, así de bajada como también de subida. En las tres primeras no se halla población alguna. En la cuarta se llega á *Guaricurú*, en la quinta á *Urucará*, ambas aldeas de la Compañia pobladas de valientes *Nheengaibas*, antes moradores de una isla muy extendida que está casi en frente de ambas aldeas y ha sido en algun tiempo la Rochela del *Marañón*, según refiere el P.e Antonio de Vieira, apóstol de aquella nación, en carta escrita por el año de 1660 al rey de Portugal. A la sexta jornada se encuentra junto á una hermosa laguna otra aldea de la Compañia llamada *Bocas*, de unos indios que vivian tambien antiguamente en otra isla. Que estos y otros indios hayan pasado á vivir á tierra firme, es porque en tiempo de creciente quedan no pocas veces em gran parte anegadas las islas.	Voltando outra vez ao *Marañón*, encontra-se aqui uma multidão de ilhas que formam um bonito arquipélago e faz com que se reparta o rio em diferentes braços, dos quais o principal, que conserva o nome de *Amazonas*, se encaminha direto do Gurupá até o Grão-Pará e mar do Norte por espaço de 100 léguas. Dividem-se estas, regularmente, dos navegantes em doze jornadas, assim de descida como de subida. Nas três primeiras não se acha população alguma. Na quarta se chega a *Guaricuru*, na quinta a Urucará, ambas aldeias da Companhia, povoadas de valentes *Nheengaibas,* antes moradores de uma ilha muito estendida que está quase em frente a ambas aldeias, e foi em algum tempo a *Rochela* do *Marañón*, segundo refere o Padre Antonio de Vieira, apóstolo daquela nação, em carta escrita pelo ano de 1660 ao rei de Portugal. À sexta jornada se encontra, junto a uma bonita lagoa, outra aldeia da Companhia chamada Bocas, de uns índios que viviam também antigamente em outra ilha. Que estes e outros índios tenham passado a viver em terra firme, é porque no tempo de cheia ficam, não poucas vezes e em grande parte, alagadas as ilhas.
después de otros dos días de navegación se entra al río *Tocantins*, que es uno de los más caudalosos y antiguamente poblado de muchísimos gentiles. Su origen aun se ignora. Sospechan algunos de que se acerca á alguna ciudad del *Brasil*, porque hay indios que refieren haber visto á sus orillas pastar mucho ganado y aun poblaciones crecidas de gente blanca.	Depois de outros dois dias de navegação, entra-se no Rio Tocantins, que é um dos mais caudalosos, e antigamente povoado de muitíssimos gentios. Sua origem ainda se ignora. Suspeitam alguns de que se aproxima a alguma cidade do Brasil, porque há índios que referem haver visto em suas margens pastar muito gado e, ainda, povoações crescidas de gente branca.
Otros atribuyen todo esto á encanto. Dentro deste río está *Camota*, aldea á quien dan también el nombre de villa, donde asisten algunos PP. Mercenarios. Allí es donde los que suben del *Pará* suelen proveerse de fariñas y otras cosas necesarias para el camino.	Outros atribuem tudo isto ao encanto. Dentre deste rio está Cametá, aldeia a quem dão também o nome de vila, onde assistem alguns Padres Mercedários. É ali onde os que sobem do Pará costumam prover-se de farinhas e outras coisas necessárias para o caminho.

Desde *Camofta* (sic) hasta el *Gran Pará* hay otros dos días de camino en que se pasa junto á dos islas, *Samuma [Sumauma]* y *Mortigura*, pobladas con algunos indios. después del *Pará* queda otra jornada hasta el mar y punta Oriental, donde hay una pequeña villa que llaman *La Vigia*, y entre esta y el *Pará* hay otras dos aldeas cortas, ó por mejor decir estancias, llamadas *Mamayacu* y *Tanapará*.	Deste Cametá até o Grão-Pará há outros dois dias de caminho em que se passa junto a duas ilhas, *Samuma [Samauma]* e *Mortigura*, povoadas com alguns índios. Depois do Pará, sobra ainda outra jornada até o mar e ponta Oriental, onde há uma pequena vila a que chamam A Vigia, e entre esta e o Pará há outras duas aldeias pequenas, ou, melhor dizendo, estâncias, chamadas *Mamayacu* e *Tanapará*.
Es el *Pará* ó *Belem del Pará* una ciudad mediana á modo de fortaleza fundada de los portugueses fugitivos del *Brasil* y costa de la mar, despues del año de 1615, en tierra alta que domina al río. Habitan en sus contornos cerca de cuatro mil, parte portugueses y parte *mamelucos*, que llaman los españoles "mestizos", con otros tantos indios esclavos. Hay dentro de la fortaleza cuatro conventos de carmelitas descalzos, mercedarios, franciscanos y capuchinos, con un colegio de la Compañía que pertenece á la provincia que llaman del Marañón, hoy, si no me engaño, independente (sic) de la del *Brasil*. Consta esta provincia de tres colegios, que son el del *Pará*, el de *Tapuytaperá* y el tercero de *S. Luis del Marañón*, ciudad situada en una isla distante de la boca del río más de cien leguas de costa hácia el *Brasil*. Todo lo demás de la provincia se compone de misiones y residencias, de las cuales parte están dentro del río *Marañón*, según hemos ya dicho, y parte en la costa. El gobernador portugués que manda á todo aquel estado reside de ordinario en *S. Luis*. En *Belen* hay capitan subordinado al gobernador, y pocos aiños por acá (sic) obispo, que es hoy Fr. Barlolomé del Pilar, carmelita, el primer obispo que haya visto el *Marañón*. El comercio de todo aquel pais consiste en cacao, azúcar, algodón, corteza de clavo, zarza, copauva y algunas maderas preciosas. Minas de oro ó plata ni otra cosa provechosa para el comercio no se ha descubierto hasta ahora. Aun los mantenimientos son algo escasos; por eso hasta las tortugas y manteca llevan para el *Pará* desde la provincia de *Omagua*. Para todo esto necesitan de esclavos, y como no tienen caudal bastante para comprar y traër (sic) negros de	É o Pará, ou Belém do Pará, uma cidade mediana a modo de fortaleza, fundada pelos portugueses fugitivos do Brasil e costa do mar depois do ano de 1615, em terra alta que domina o rio. Habitam em seus contornos cerca de quatro mil, parte portugueses e parte mamelucos, a quem chamam os espanhóis "mestiços", com outros tantos índios escravos. Há dentro da fortaleza quatro conventos de carmelitas descalços, mercedários, franciscanos e capuchinhos, com um colégios da Companhia que pertence à província a que chamam de Maranhão, hoje, se não me engano, independente da do Brasil. Consta desta província três colégios, que são o do Pará, o de *Tapuytapera* e o terceiro de São Luís do Maranhão, cidade situada em uma ilha distante da boca do rio, mais de 100 léguas de costa até o Brasil. Todo o demais da província se compõe de missões e residências, das quais parte estão dentro do Rio *Marañón*, segundo temos já dito, e parta na costa. O governador português que manda em todo aquele Estado reside de ordinário em São Luís. Em Belém há um capitão subordinado ao governador, e poucos anos para cá bispo, que é hoje Fr. Bartolomeu do Pilar, carmelita, o primeiro bispo que tem visto o *Marañón*. O comércio de todo aquele país consiste em cacau, açúcar, algodão, casca de cravo, salsa, copaíba e algumas madeiras preciosas. Minas de ouro ou prata, nem outra coisa proveitosa para o comércio, não se tem descoberto até agora. Ainda os mantimentos são algo escassos; por isso, até as tartarugas e manteiga levam para o Pará, desde a província de *Omagua*. Para tudo isto necessitam de escravos e, como não têm caudal bastante para comprar e trazer negros das costas da África, dos índios do Maranhão se servem e chamam comumente

las costas de África, de los indios del *Marañón* se sirven y llaman comúnmente con el nombre de *Negros*. De aquí es el anhelo y codicia de ir de continuo por bosques y ríos á caza de Tapuyos, que llevan forzados á sus casas y labranzas, atropellando las más veces con toda ley divina y humana, sin que ni el celo de los misioneros que viven entre ellos ni los mandatos y cédulas de sus reyes sean bastantes á reprimirlos. Añádase á esto que el temple del *Pará* y *San Luis* es poco favorable á la complexión de los indios del *Marañón*, acostumbrados á vivir á su libertad en medio de los bosques ó peregrinando por los ríos sin más trabajo ni cuidado que de ir em busca del mantenimiento necesario, y así, de cien esclavos que llevan por abajo (sic), dentro de pocos días se mueren los noventa y aún más. Esta es la causa de la destrucción de tantas y tan numerosas naciones que poblaban aquellas riberas cuando entraron á registrarlas los primeros descubridores; este el motivo del haberse introducido y pretender más y más introducirse los vecinos del *Pará* en las conquistas y tierras tocantes á la corona de Castilla, como se dirá más difusamente hablando em particular de la *Grande Omagua* y pretensiones que han tenido los portugueses en estos últimos años.	com o nome de "Negros". Daqui é o anelo e ambição de ir continuamente pelos bosques e rios à caça de *Tapuyos*, os quais levam forçados a suas casas e lavouras, atropelando na maioria das vezes toda lei divina e humana, sem que nem o zelo dos missionários que vivem entre eles nem os mandatos e cédulas de seus reis sejam bastantes para reprimi-los. Soma-se a isto que o temperamento do Pará e São Luís é pouco favorável à compleição dos índios do *Marañón*, acostumados a viver com sua liberdade em meio aos bosques ou peregrinando pelos rios, sem mais trabalho nem cuidado que de ir buscar o mantimento necessário e, assim, de cem escravos que levam para baixo, dentro de poucos dias morrem os noventa e ainda mais. Esta é a causa da destruição de tantas e tão numerosas nações que povoavam aquelas ribeiras quando entraram a registrá-las os primeiros descobridores; este é o motivo de haver-se introduzido e pretender-se introduzir mais e mais os vizinhos do Pará nas conquistas e terras tocantes à coroa de Castela, como se dirá mais difusamente falando-se em particular da Grande *Omágua* e pretensões que têm tido os portugueses nestes últimos anos.
Esto es lo que he averiguado de los mismos portugueses acerca la (sic) ciudad del tan nombrado *Pará*. Ahora, para concluir con la descripcion del río *Marañón* y naciones que habitan sus riberas, por lo que toca á las islas que forman en su boca como un archipiélago, habitado antiguamente de muchísimos infieles, no he podido hasta ahora encontrar quien sepa darme individual noticia. En el otro brazo principal del río, que desde *Pará* se encamina hacia el cabo de Norte, sólo me consta que hay tres aldeas de los PP. franciscos, y son *Aruans*, *Mamayana* y *Tucuyús*. A estas se sigue enfrente de la isla llamada *Macapá* un fuerte cuyo nombre es *Comaú*, que se estaba recien reforzando el año de 1732, á fin de atajar el paso á los franceses de la Cayana. Tengo también entendido ser este brazo del río aquel	Isto é o que tenho averiguado dos próprios portugueses acerca da cidade do tão nomeado Pará. Agora, para concluir com a descrição do rio *Marañón* e nações que habitam suas margens, no que toca às ilhas que formam em sua boca como que um arquipélago, habitado antigamente de muitíssimos infiéis, não pude até agora encontrar quem saiba dar-me notícia individual. No outro braço principal deste rio, que desde o Pará se encaminha até o cabo do Norte, só me consta que há três aldeias dos Padres Franciscanos, e são *Aruan, Mamayana* e *Tucuyús*. A estas se segue, em frente da ilha chamada Macapá, um forte cujo nome é *Comaú*, que se estava reforçando recentemente no ano de 1732, a fim de interceptar o passo aos franceses de Caiena. Tenho também entendido ser este braço do rio aquele "mar doce" de que faz

mar dulce de que hace mención em su itinerario el P. Acuña, por donde Lope de Aguirre salió al Oceano, y de allí, navegando junto á la costa, llegó hasta la provincia de *Venezuela*, donde dejó en fin la cabeza en castigo de su crueldad y codicia.	menção em seu itinerário o Padre Acuña, por onde Lope de Aguirre saiu ao Oceano e, dali, navegando junto à costa, chegou até a província de Venezuela, onde deixou enfim a cabeça, em castigo de sua crueldade e ambição.
Desde el *Cabo de Norte* hasta la punta oriental ó *Vigia* del *Pará*, cuentan comúnmente los geógrafos ochenta y más leguas, y esta es la boca del famoso río *Marañón*, á quien, según dice el P. Vieira en uno de sus sermones, le viene corto el nombre de río, porque verdaderamente es un mar dulce mayor que el mar Mediterráneo en la amplitud y en la boca. El mar Mediterráneo en lo más ancho de la boca tiene siete leguas, y el *Marañón* ó *Amazonas* ochenta. El mar Mediterráneo, desde el Estrecho de Gibraltar hasta las playas de la Siria, que es la mayor longitud, tiene mil leguas de largo, y el río de las *Amazonas*, desde la ciudad de Belem para arriba, ya se tienen contadas más de tres mil (contentárame yo con mil y ochocientas), y aun no se le sabe el principio. Por eso los naturales le llaman Pará y los portugueses *Marañón*, que todo quiere decir mar y mar grande.	Desde o Cabo do Norte até a ponta oriental ou Vigia do Pará, contam comumente os geógrafos oitenta ou mais léguas, e esta é a desembocadura do famoso Rio *Marañón*, ao qual, segundo diz o Padre Vieira em um de seus sermões, lhe vem pequeno o nome do rio, porque verdadeiramente é um mar doce maior que o mar Mediterrâneo na amplitude e na desembocadura. O mar Mediterrâneo, no mais largo da boca, tem sete léguas e o *Marañón* ou Amazonas oitenta. O mar Mediterrâneo, desde o Estreito de Gibraltar até as praias da Síria, que é a maior longitude, tem 1.000 léguas de largura, e o rio das Amazonas, desde a cidade de Belém para cima, já se têm contadas mais de 3.000 (contentara-me com 1.800), e ainda não se sabe o seu princípio. Por isso os naturais lhe chamam Pará e os portugueses *Marañón*, pois tudo quer dizer mar e mar grande.

Notas editoriais

Contribuição de autoria

Concepção e elaboração do manuscrito: S. L. L. Medeiros, T. L. P. Santos, W. C. Costa
Coleta de dados: W. C. Costa, S. L. L. Medeiros
Análise de dados: S. L. L. Medeiros, T. L. P. Santos, E. Graça Neto
Discussão dos resultados: W. C. Costa, T. L. P. Santos
Escrita - revisão e edição: W. C. Costa, S. L. L. Medeiros, T. L. P. Santos

Conjunto de dados de pesquisa

Não se aplica.

Financiamento

Bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); bolsa a nível doutorado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); apoio em equipamentos, produtos e acervo documental pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (NIPAAM/UEA/CNPq).

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa
Não se aplica.

Conflito de interesses
Não se aplica.

Declaração de disponibilidade dos dados da pesquisa
Os dados desta pesquisa, que não estão expressos neste trabalho, poderão ser disponibilizados pelos(as) autores(as) mediante solicitação.

Licença de uso
Autoras e autores cedem à *Cadernos de Tradução* os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista. Autoras e autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (por exemplo: publicar em repositório institucional, em website pessoal, em redes sociais acadêmicas, publicar uma tradução, ou, ainda, republicar o trabalho como um capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

Publisher
Cadernos de Tradução é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. A revista *Cadernos de Tradução* é hospedada pelo Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores e autoras, não representando, necessariamente, a opinião da equipe editorial ou da universidade.

Edição da seção
Ingrid Bignardi
Kamila Oliveira Lima

Normalização
Kamila Oliveira Lima

Histórico
Recebido em: 10/05/2026
Aprovado em: 25/07/2026
Revisado em: 15/08/2026
Publicado em: 09/2026